



**FIESC**

**70**  
ANOS

**INDÚSTRIA, ESTADO DA ARTE**





1ª Edição

Santa Catarina / 2020



## Você já parou para pensar na expressão “estado da arte”?

É o mais próximo que se pode chegar da perfeição em determinado momento. E a indústria tem tudo a ver com isso. Porque produzir é uma arte.

Nossa indústria é moderna. Gera empregos, impostos, desenvolvimento econômico e social. Mas é também uma atividade inspiradora. É talento, transpiração, perseverança, excelência, inclusão, inovação. Ainda mais agora, que o mundo vive um desafio histórico.

Juntos, industriais e trabalhadores vão colocar em prática a arte de se reinventar e ajudarão, mais uma vez, a transformar para melhor o futuro dos catarinenses.

No ano em que completamos 70 anos de trabalho pelo fortalecimento do setor, nossa homenagem aos industriais e trabalhadores, os verdadeiros artistas que constroem uma Santa Catarina cada vez melhor.



Acesse e saiba mais  
[fiesc.com.br/70anos](http://fiesc.com.br/70anos)

**FIESC** **70**  
ANOS  
**INDÚSTRIA, ESTADO DA ARTE**

---

## Sumário

006	Apresentação
008	Os dez presidentes da FIESC
012	Linha do tempo
024	Números da indústria de Santa Catarina e do Brasil
028	Indústria catarinense, uma trajetória de conquistas
044	CAPÍTULO 01 - Década de 1950
056	CAPÍTULO 02 - Década de 1960
068	CAPÍTULO 03 - Década de 1970
080	CAPÍTULO 04 - Década de 1980
092	CAPÍTULO 05 - Década de 1990
104	CAPÍTULO 06 - Década de 2000
116	CAPÍTULO 07 - Década de 2010
130	Uma visão de futuro
143	Histórias de sucesso em Santa Catarina
180	Diretoria e conselhos
182	Bibliografia
182	Iconografia

## Apresentação

Indústria, estado da arte. O conceito que definimos para comemorar os 70 anos da FIESC traça um paralelo entre o trabalho do setor e o dos artistas. Propomos uma nova perspectiva para o caminho percorrido pelas indústrias para entregar sua produção à sociedade. O processo de transformação de uma matéria-prima em produto acabado, independentemente de seu grau de complexidade, é arte. Para nós, é a oitava arte. Ao mesmo tempo, reforçamos a modernidade e a capacidade técnica de nosso segmento em Santa Catarina, já que o “estado da arte” é o mais próximo que se pode chegar da perfeição.

Próximo do lançamento desta publicação comemorativa, inesperadamente, deparamo-nos com a mais grave pandemia registrada nos últimos 100 anos. E, embora neste momento ainda não seja possível definir a dimensão exata do que está por vir, já sabemos que é chegada a hora da arte de se reinventar.

Em toda a sua história, a FIESC trabalhou intensamente para ajudar o parque fabril e a sociedade catarinense a superar desafios, desde deficiências crônicas, como as da infraestrutura e a do elevado custo da produção do Brasil, até aqueles ocasionais, como os eventos climáticos que vez por outra assolam o território catarinense. Em momentos como os das enchentes da década de 1980, a FIESC assumiu papel de liderança, buscando soluções para enfrentar as dificuldades de curto prazo, unindo lideranças para acelerar a reconstrução, mas também propondo estratégias para superar os impactos econômicos que se seguiram.

Agora, mais uma vez, cumprimos esse papel. Quando passar o auge da crise, emergirá um mundo diferente, resultado de grandes mudanças comportamentais. Algumas das alterações que já estavam em curso irão se acelerar. É nesse contexto que a FIESC lançou o projeto Travessia, com o qual propõe a arte de transformar, buscando a reinvenção da indústria catarinense nesse novo cenário.

Este livro apresenta a trajetória e as perspectivas de uma instituição que foi fundada e sempre trabalhou para apoiar a indústria de Santa Catarina na busca pelo estado da arte mundial.

Celso Ramos, Guilherme Renaux, Carlos Cid Renaux, Bernardo Wolfgang Werner, Milton Fett, Osvaldo Moreira Douat, José Fernando Xavier Faraco, Alcantaro Corrêa e Glauco José Côrte, cada um a seu tempo e com as especificidades de sua época, conduziram as gestões da federação nessa linha. É o que cabe também à atual diretoria.

A indústria continuará transformando matérias-primas em produtos que suprem necessidades e geram a satisfação do consumidor. Mais do que isso, ela seguirá transformando a vida dos catarinenses para melhor, gerando postos de trabalho, inovação, saúde, educação e desenvolvimento. E a FIESC estará sempre ao lado da indústria nas transformações que ainda virão.



**Mario Cezar de Aguiar**

*Presidente da FIESC*

## OS DEZ PRESIDENTES DA **FIESC**



**CELSO RAMOS**

*Presidente entre 1950 e 1960 e 1966 e 1968*

O homem que em 1950 liderou a criação da Federação das Indústrias de Santa Catarina também deixou sua marca na política do estado. Foi deputado estadual, superintendente da cidade de Lages, vice-governador e governador de Santa Catarina. Seu nome, Celso Ramos, virou uma lenda local. Para enriquecer sua biografia, teve uma experiência fora da indústria e da política ao dirigir o Avaí Futebol Clube, de 1941 a 1946. Era filho de Vidal Ramos Junior e irmão de Nereu Ramos, dois dos mais importantes e influentes políticos catarinenses. Encerrou a vida pública em 1974 e faleceu aos 98 anos, em 1996.



**GUILHERME RENAUX**

*Presidente entre 1961 e 1966*

Ele foi um dos fundadores da entidade e assumiu a presidência em 1961, quando Celso Ramos deixou o cargo para assumir o governo de Santa Catarina. Formou-se em Agronomia e deixou seu nome marcado na indústria têxtil ao realizar uma série de importantes pesquisas para o desenvolvimento de novas linhagens do algodão. Em 1963, inaugurou a nova sede da instituição, no edifício Palácio das Indústrias, localizado no centro de Florianópolis. Foi membro do Conselho da Administração da Fábrica de Tecidos Carlos Renaux (nome de seu pai, que era cônsul) até se aposentar. Faleceu em 1981, aos 85 anos.



**CARLOS CID RENAUX**

*Presidente entre 1968 e 1971*

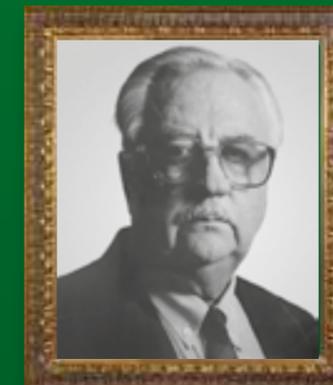
Nascido em Brusque, em 1920, Carlos Cid Renaux era sobrinho do ex-presidente Guilherme Renaux. Conhecido pelo apelido de Calinho, foi presidente da Renaux e de seu conselho de administração. Também foi presidente da Associação Comercial e Industrial de Brusque. Liderou entidades representativas da classe empresarial antes de assumir a presidência da FIESC. Seu nome entrou para a história da entidade por incentivar as exportações de produtos catarinenses durante seu mandato. Ele representou a modernização da entidade e um ponto-final ao ciclo de Celso Ramos.



**BERNARDO WOLFGANG WERNER**

*Presidente entre 1971 e 1986*

Foi o dirigente que mais tempo esteve à frente da FIESC: 15 anos. Nascido em Blumenau, em 1927, formou-se em Direito e Administração e trabalhou na Electro Aço Altona, empresa criada por seu pai, Paul Werner. Em 1954, ingressou na Câmara de Vereadores de Blumenau. Foi vereador por quase duas décadas e liderou o movimento para a criação da atual Universidade Regional de Blumenau (FURB). Sua gestão na FIESC ficou marcada pelo empenho na melhoria da infraestrutura de transportes e também na ampliação dos investimentos em geração de energia elétrica.



**MILTON FETT**

*Presidente entre 1986 e 1992*

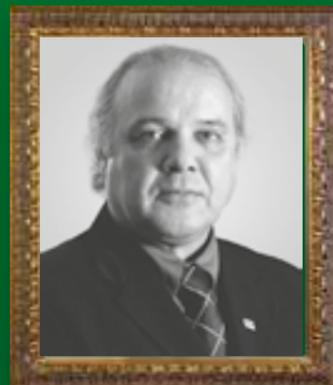
Empresário do setor madeireiro, Milton Fett liderava sindicatos patronais desde os anos 1950. Na década de 1960, foi diretor tesoureiro da FIESC e representou Santa Catarina no Conselho Fiscal da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Ocupou o cargo de primeiro vice-presidente ao longo dos 15 anos da gestão de Bernardo Werner. Em 1986, elegeu-se presidente da federação na eleição mais apertada da história, vencendo Otair Becker, da oposição, por apenas um voto de diferença. Na eleição seguinte, foi reconduzido ao cargo, terminando seu mandato em 1992, depois de seis anos presidindo a entidade.

## OS DEZ PRESIDENTES DA **FIESC**



**OSVALDO  
MOREIRA DOUAT**  
*Presidente entre 1992 e 1999*

Advogado e administrador de empresas, iniciou a carreira no Banco do Brasil, em 1958. Saiu para comandar os negócios da família oito anos depois. Nasceu em Joinville em 1939 e foi vice-presidente da CNI, presidente da Celesc, presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae/SC e representante da CNI na Comissão da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). Marcou a vida por sua atuação empresarial e política. Mesmo depois de deixar a presidência, continuou colaborando com a entidade, ao participar de eventos em que foram discutidos temas de relevância que ajudaram a ditar os rumos da indústria catarinense.



**JOSÉ FERNANDO  
XAVIER FARACO**  
*Presidente entre 1999 e 2005*

Engenheiro de Telecomunicações, por sete anos participou da estruturação dos setores de teleprocessamento do Banco do Estado de Santa Catarina, da Celesc, da Casan e da Assembleia Legislativa. Foi fundador e primeiro presidente da Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (Acate), fundou o Grupo Empresarial em Tecnologias Avançadas e foi o primeiro vice-presidente da FIESC. Também foi um dos presidentes e fundadores da Dígitro, importante empresa catarinense de tecnologia. Sua gestão visou ao aumento do valor agregado dos produtos catarinenses e destacou-se pela ampliação do parque industrial.



**ALCANTARO  
CORRÊA**  
*Presidente entre 2005 e 2011*

Nascido em Pomerode no ano de 1943, formou-se em Engenharia Mecânica pela UFSC. Atuando como presidente da Electro Aço Altona e diretor da Mineração Altona, da Werner Agricultura e da Bellevue Produtos em PVC, foi eleito para presidir a FIESC em 2005. Antes disso, havia ocupado na federação o cargo de primeiro vice-presidente por dois mandatos (na gestão Faraco) e de presidente da Câmara para Assuntos de Transporte e Logística na federação. Em 2008, foi reeleito presidente e focou sua atuação na sustentabilidade da indústria catarinense, tema importante nos anos seguintes.



**GLAUCO JOSÉ  
CÔRTE**  
*Presidente entre 2011 e 2017*

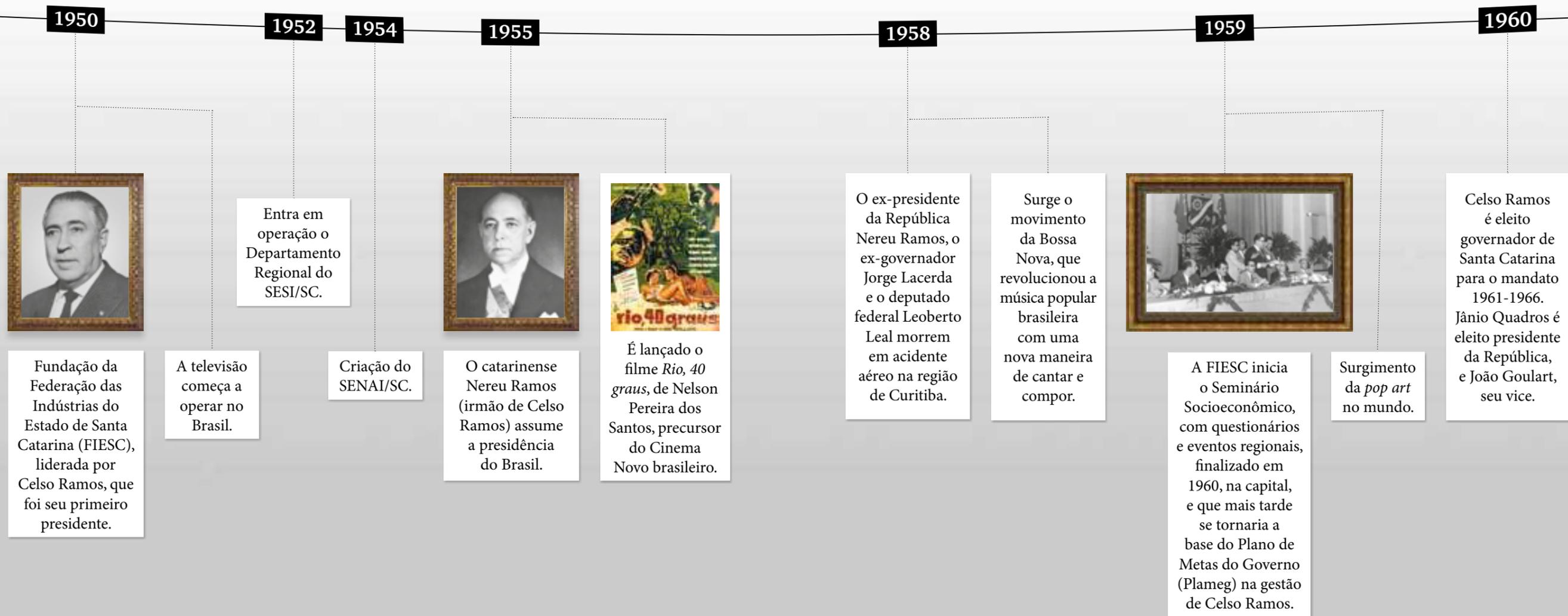
Glauco José Côrte nasceu em Timbó, em 1943. Empresário, formou-se bacharel em Direito pela UFSC. Foi diretor financeiro adjunto da Sotelca e da Eletrosul, diretor financeiro e de relações com o mercado da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), vice-presidente executivo da Portobello, diretor da Portobello América (EUA) e presidiu o conselho de administração da Celesc no período de 2005 a 2010. Foram sete anos de trabalho como gestor da FIESC. Nesse período, ajudou as indústrias catarinenses a superarem a crise e lutarem pela competitividade, pleiteando investimentos em infraestrutura e na melhoria da qualidade da educação.



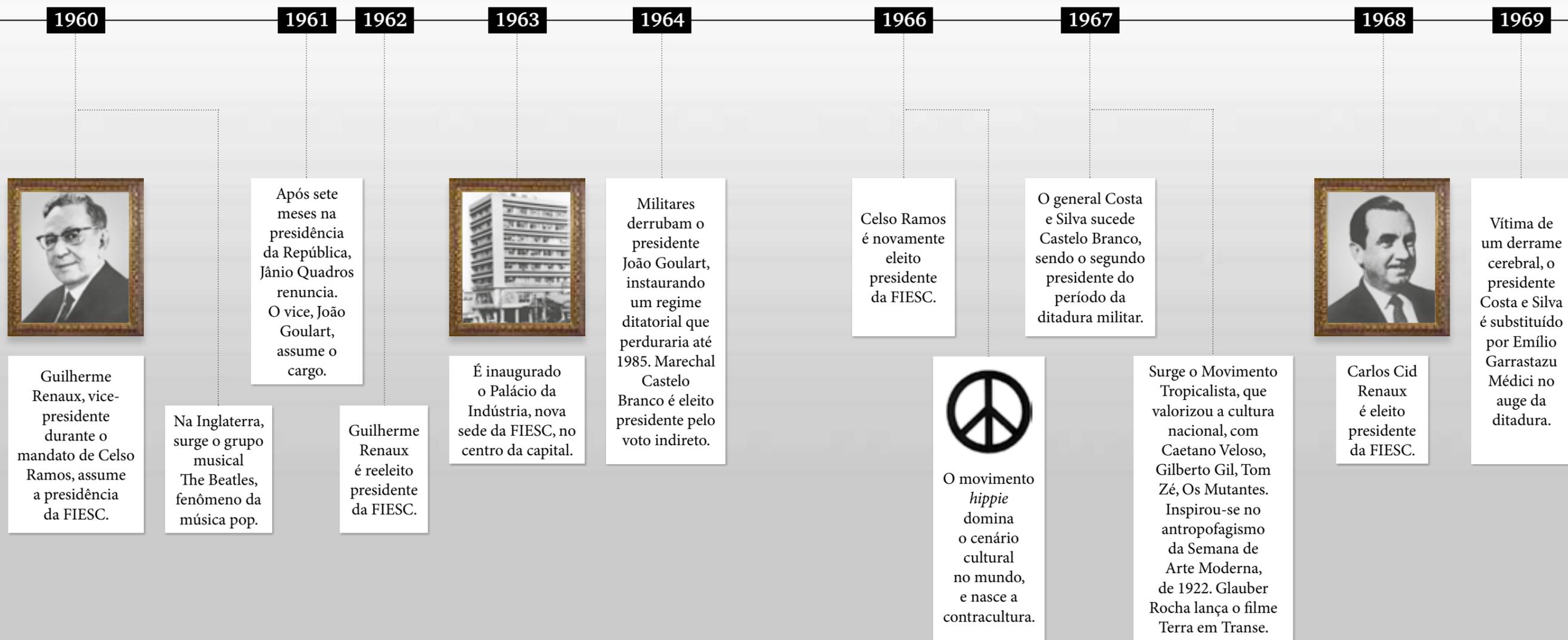
**MARIO CEZAR  
DE AGUIAR**  
*Presidente entre 2018 a 2021*

Mario Cezar de Aguiar é engenheiro civil e empresário dos setores da construção civil e do plástico. Antes de ser presidente, foi diretor, primeiro secretário e primeiro vice-presidente, além de dirigir a Câmara de Transporte e Logística, a qual segue liderando. Atua na área da construção e da incorporação imobiliária desde 1981, tendo construído mais de 100 edifícios ao longo da carreira profissional. É sócio das empresas Vectra Participações e Construções, Vectrapar Construções e Empreendimentos, além da Êxito Empreendimentos e Construções. Por meio da empresa Tecnofibras, atua também na área de compósitos, que a companhia fornece para a indústria automotiva.

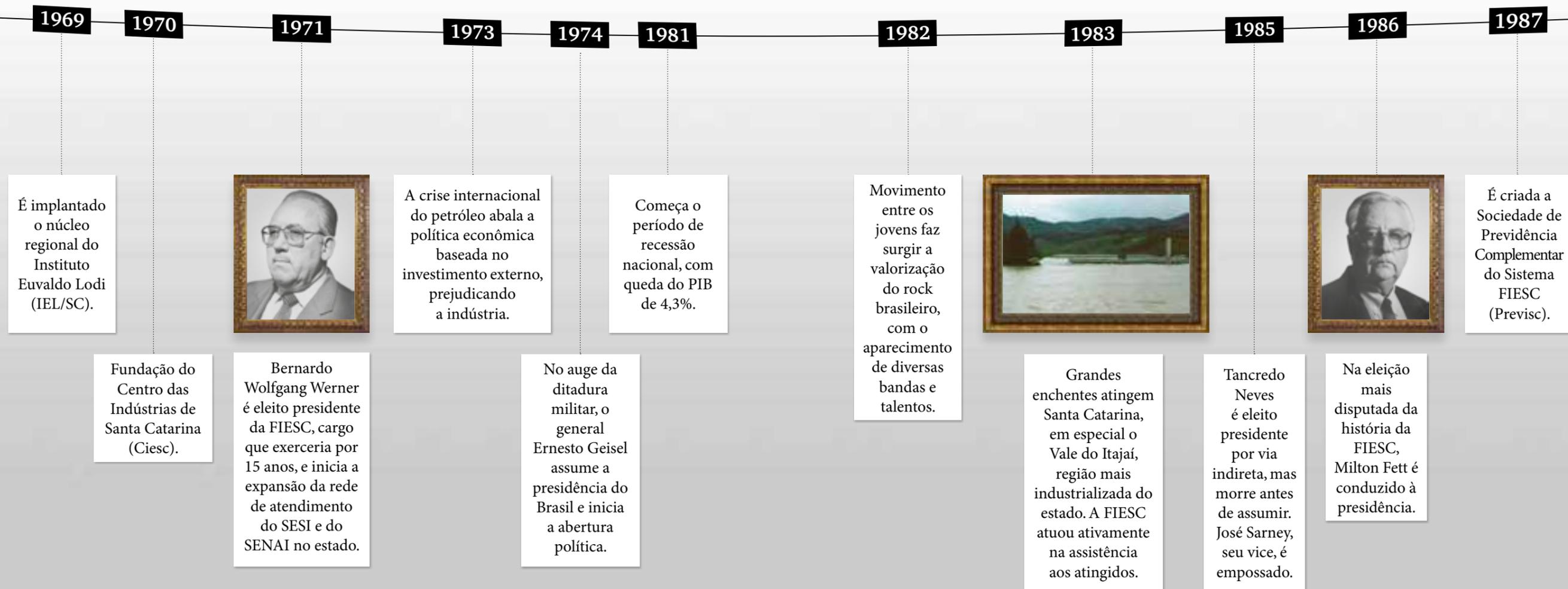
# LINHA DO TEMPO



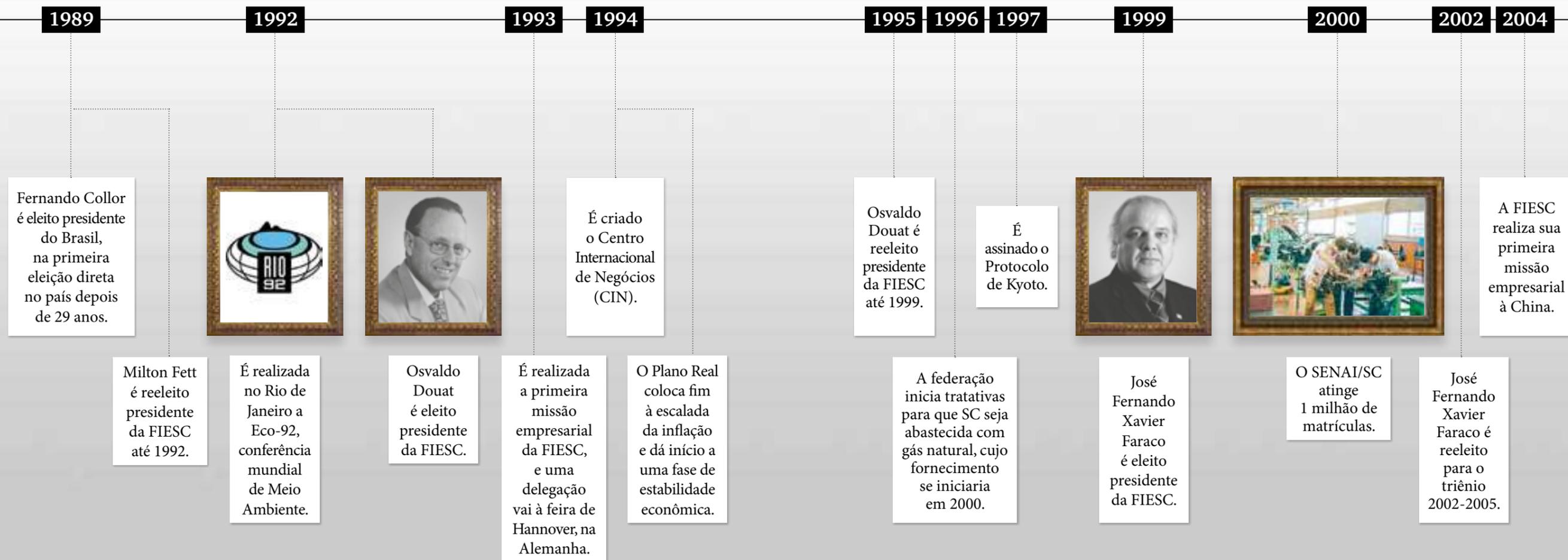
# LINHA DO TEMPO



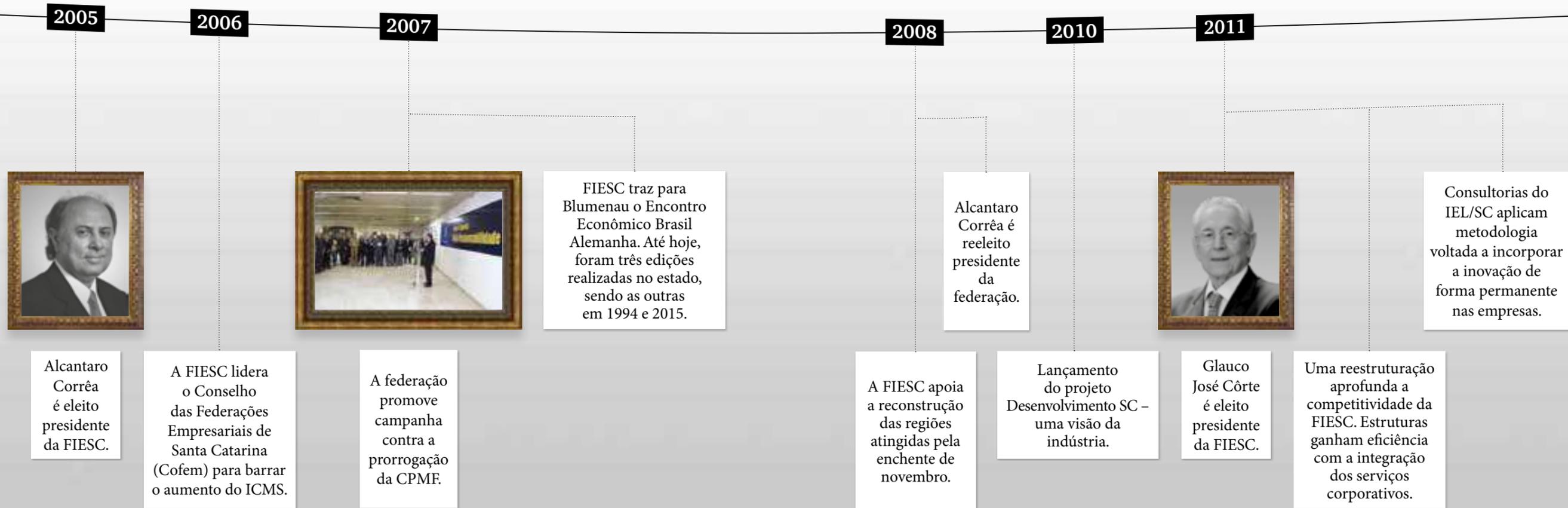
# LINHA DO TEMPO



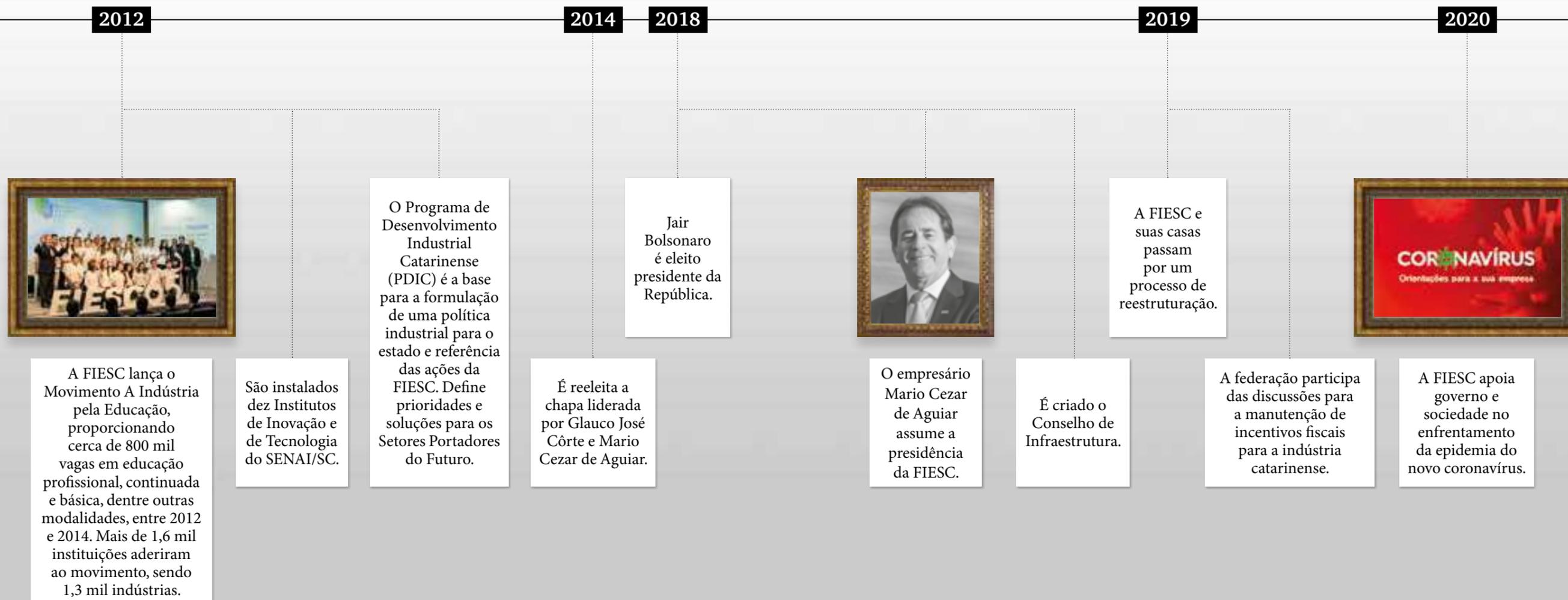
# LINHA DO TEMPO



# LINHA DO TEMPO

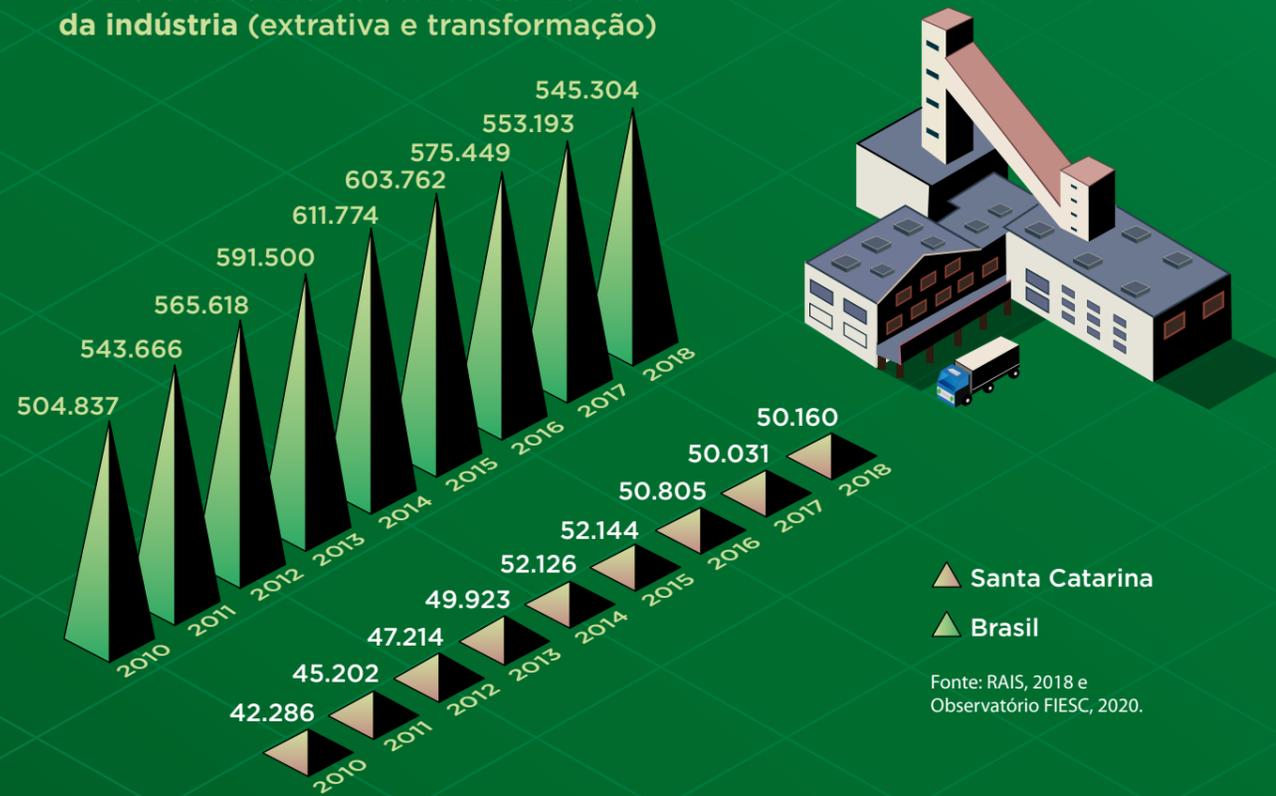


## LINHA DO TEMPO

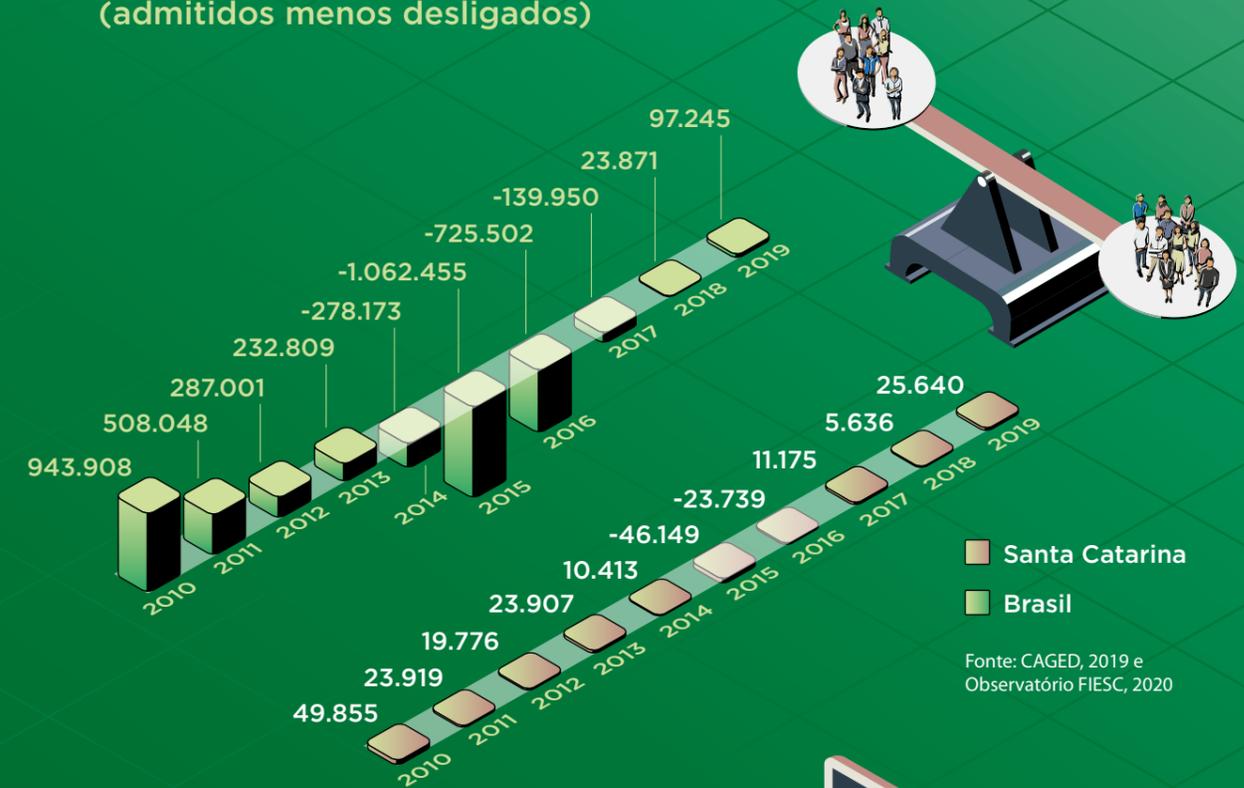


## NÚMEROS DA INDÚSTRIA DE SANTA CATARINA E DO BRASIL

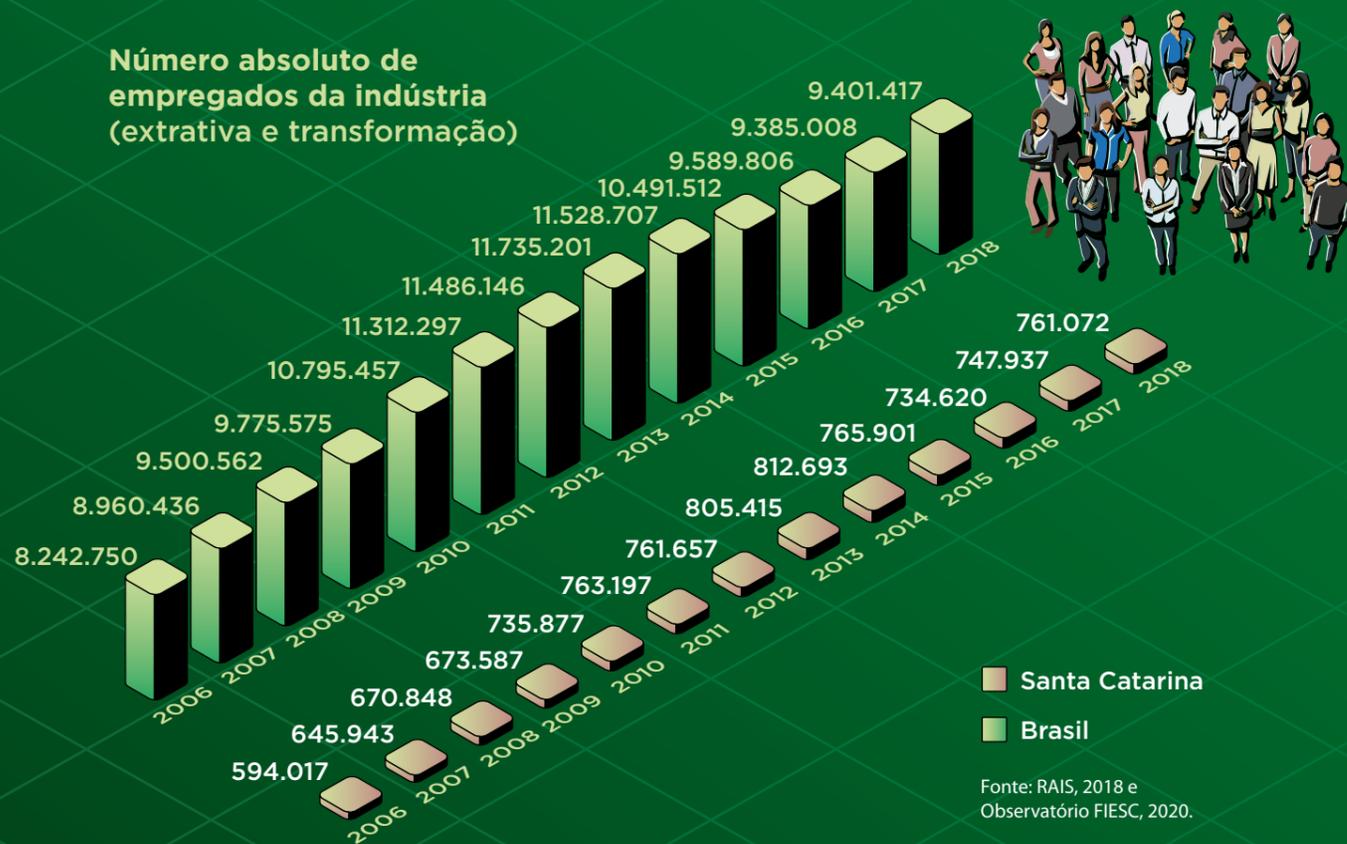
Número absoluto de estabelecimentos da indústria (extrativa e transformação)



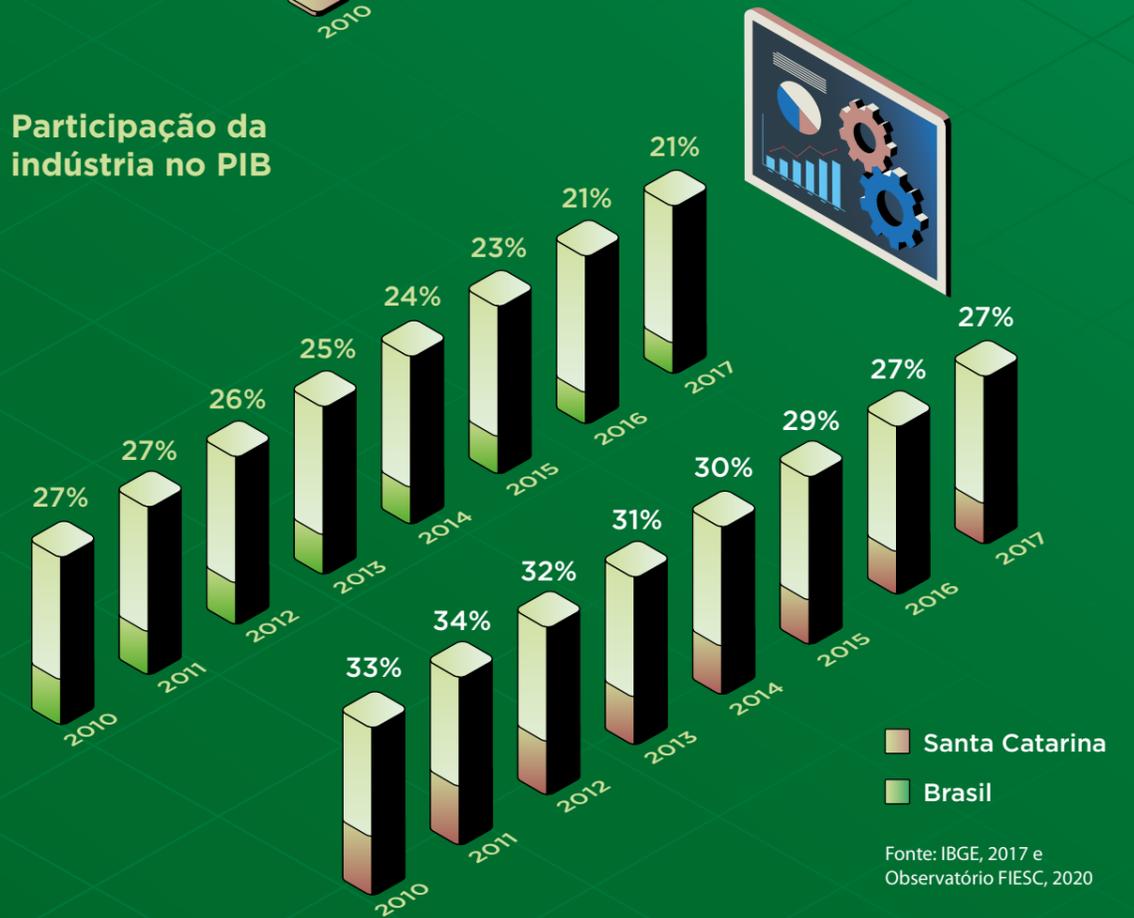
Saldo de empregos (admitidos menos desligados)



Número absoluto de empregados da indústria (extrativa e transformação)

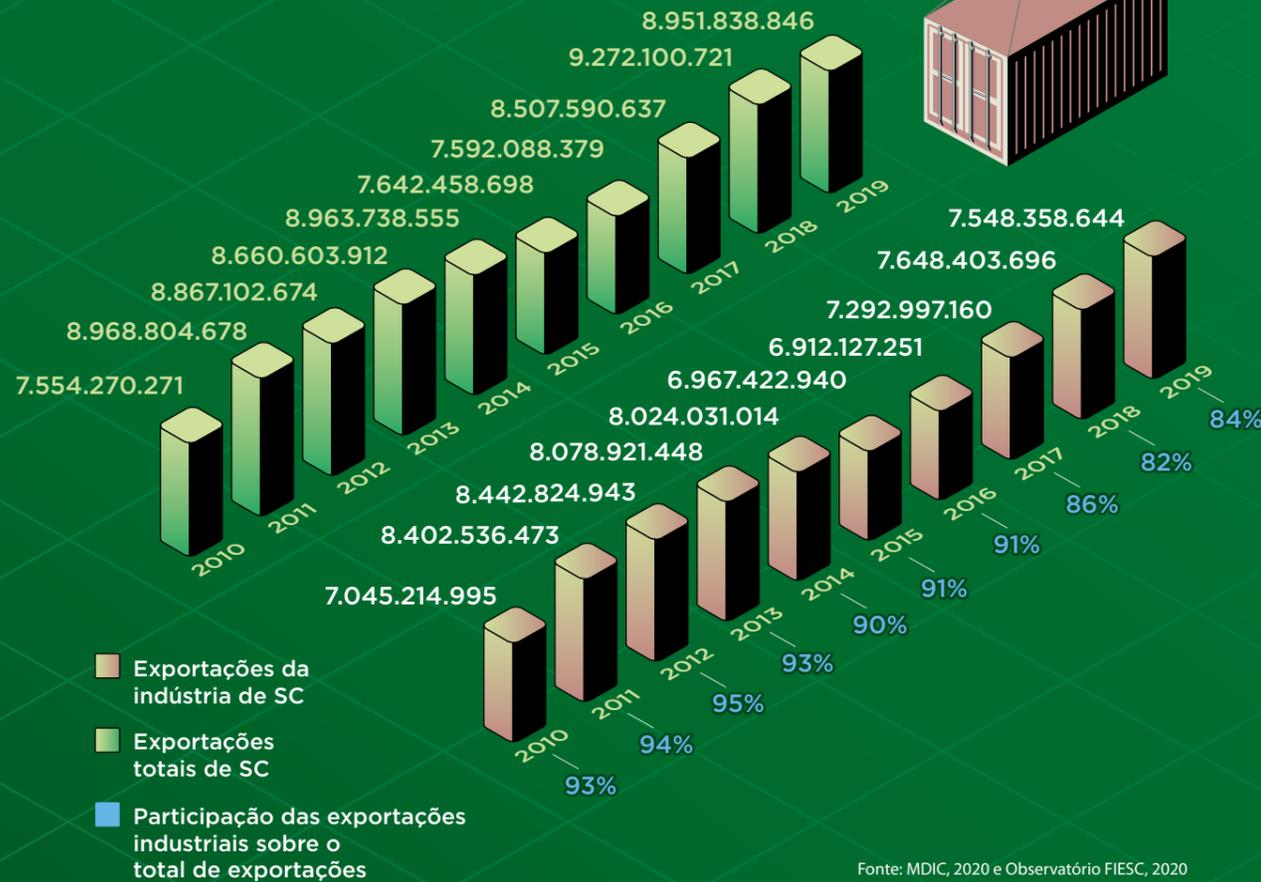


Participação da indústria no PIB



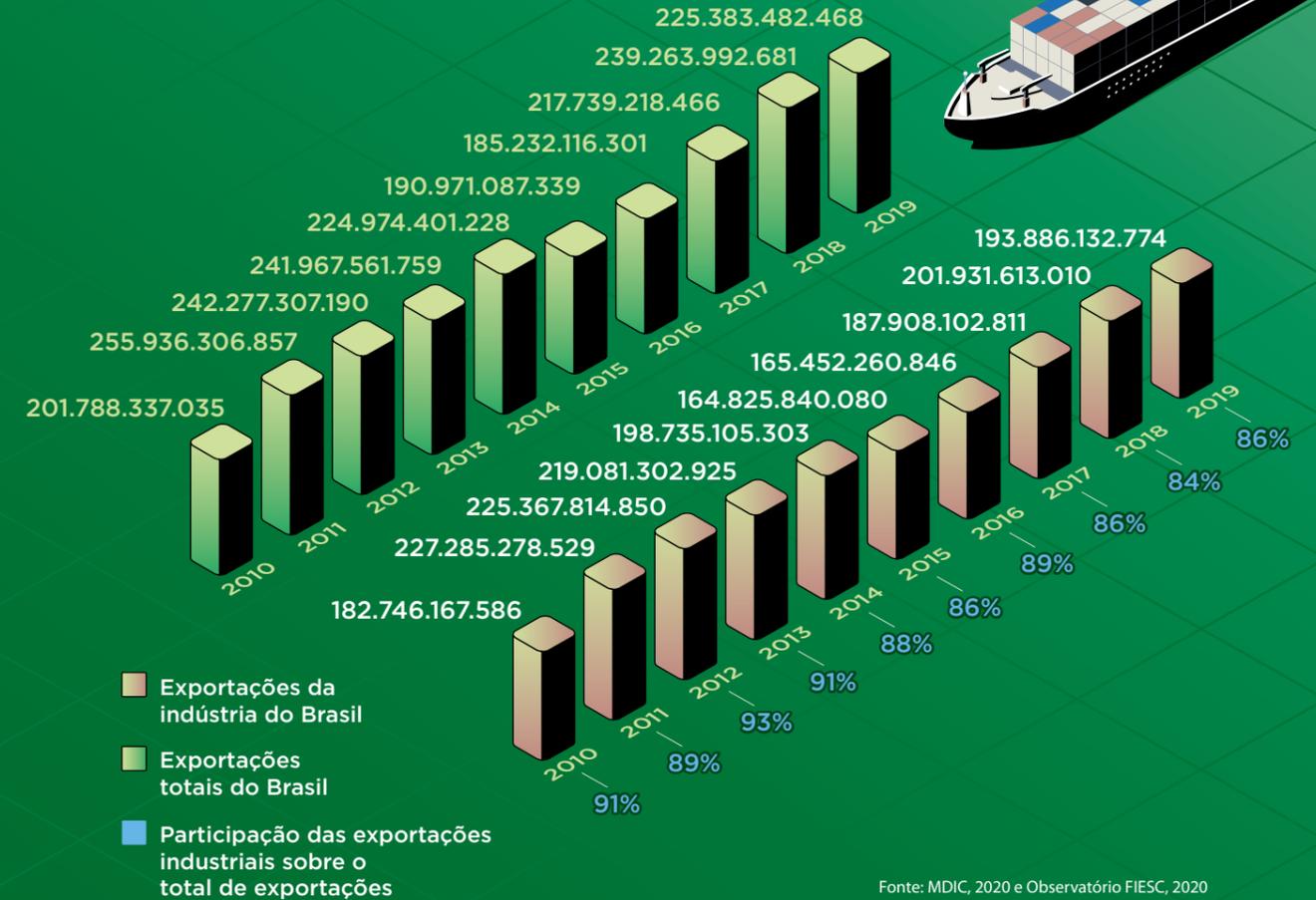
## NÚMEROS DA INDÚSTRIA DE SANTA CATARINA E DO BRASIL

### Total de exportações da indústria de Santa Catarina (US\$)



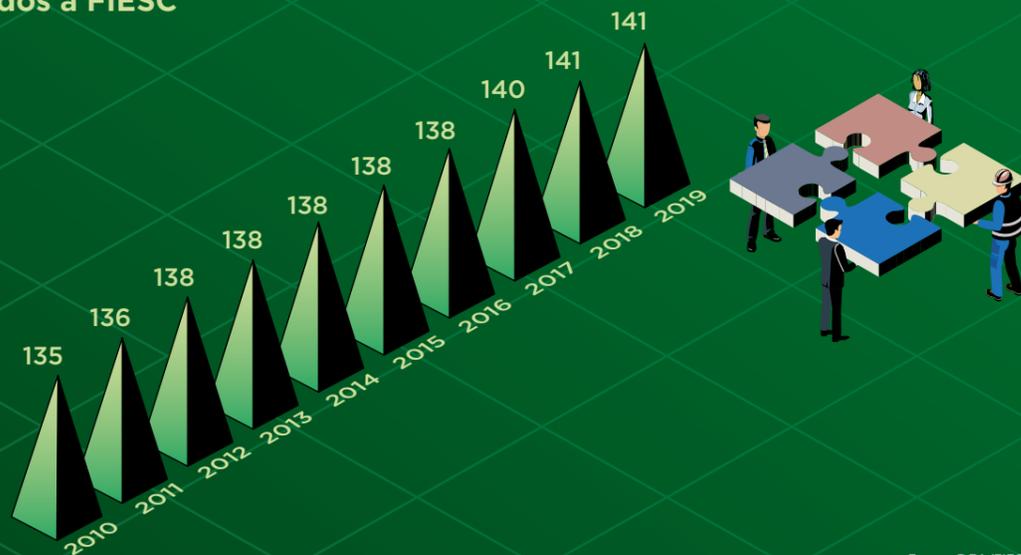
Fonte: MDIC, 2020 e Observatório FIESC, 2020

### Total de exportações da indústria do Brasil (US\$)



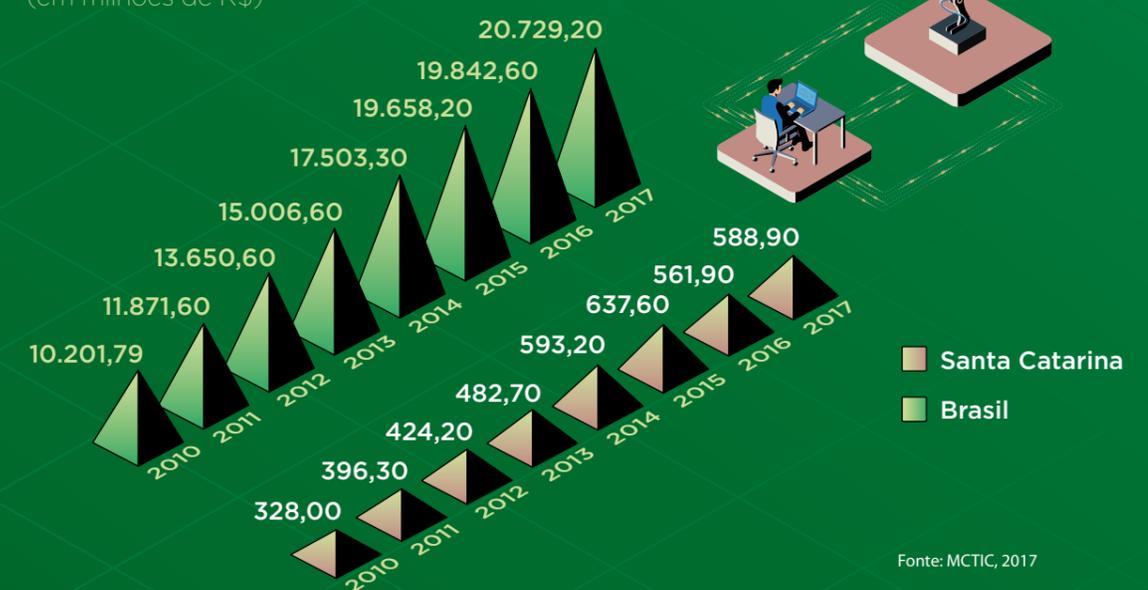
Fonte: MDIC, 2020 e Observatório FIESC, 2020

### Número de sindicatos filiados à FIESC



Fonte: DEA/FIESC

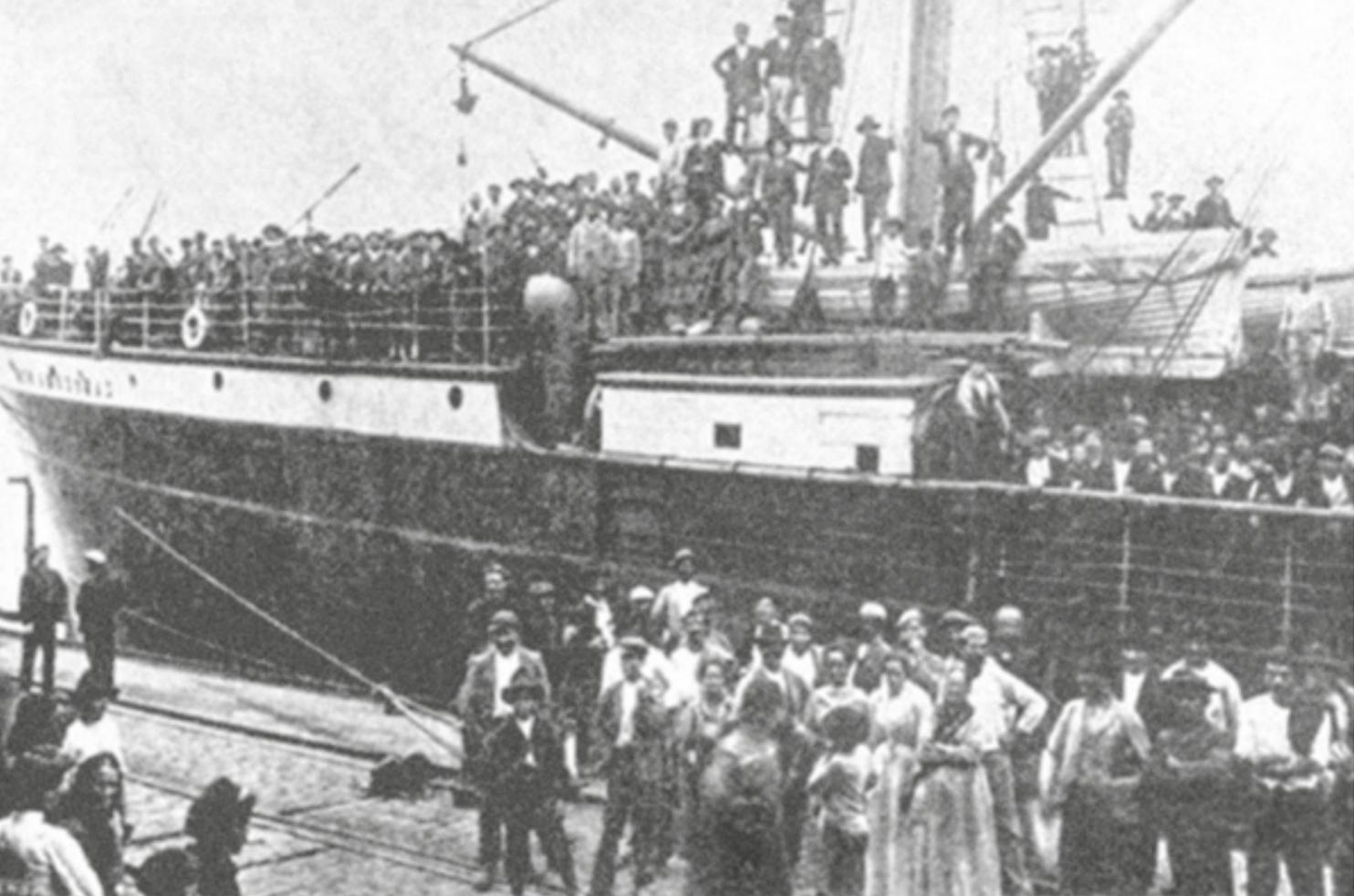
### Dispêndios em C&T (ciência & tecnologia) (em milhões de R\$)



Fonte: MCTIC, 2017



**INDÚSTRIA CATARINENSE,  
UMA TRAJETÓRIA DE  
CONQUISTAS**



*Imigrantes alemães no embarque para o Brasil, no século 19: uma viagem de 12 mil quilômetros e adversidades, como doenças, pouca comida e pouca água e, muitas vezes, até mesmo o naufrágio. A maioria partiu de Hamburgo, com a esperança de encontrar uma terra de oportunidades para progredir e mudar a vida.*

O Brasil ainda era uma colônia de Portugal quando os primeiros imigrantes açorianos chegaram à província de Santa Catarina, em 1748, e ajudaram a escrever a história do que viria a ser a indústria que se criou muito tempo depois. Trazidos para ocupar o território da região Sul, foram eles quem começaram a explorar os recursos naturais da região ao se instalarem ao longo do litoral e montaram os engenhos de farinha de mandioca, o primeiro e principal negócio, no início de tudo. Na verdade, a cultura de sobrevivência incluía ainda o extrativismo, a pesca e a fabricação de aguardente.

Para a farinha não havia qualquer ajuda – nem capital, nem incentivos –, por isso essa atividade não se desenvolveu. Isso fez com que Santa Catarina se mantivesse alheia aos ciclos econômicos que marcaram séculos no Brasil, como os do pau-brasil, do ouro e do café, que beneficiaram economicamente as regiões Nordeste e Sudeste. Com a Independência do Brasil, em 1822, o jovem país passou a se preocupar com a proteção do seu vasto território. A região Sul mostrava-se a mais vulnerável nesse sentido, pois era pouco habitada e já, historicamente, motivo de disputas.



*De autoria de Pedro Américo, o quadro que marcou a imagem da Independência do Brasil, em 1822, ficou pronto 66 anos depois, em Florença, na Itália. Foi criado por encomenda de D. Pedro II e registrou assim, no imaginário popular, a cena que libertou o Brasil do comando de Portugal.*

Ganhou força, assim, a ideia de trazer imigrantes para ocupá-la e diminuir, desse modo, o risco de invasões. O fato é que a Confederação Germânica, base da atual Alemanha, enfrentava na época turbulências políticas e dificuldades econômicas. Por isso, pareceu atraente a muitos alemães a possibilidade de recomeço no longínquo e promissor Brasil.

A primeira colônia alemã em Santa Catarina foi fundada em 1829: São Pedro de Alcântara, próxima da capital catarinense, que ainda se chamava Nossa Senhora do Desterro. O projeto não pôde se desenvolver conforme o imaginado. Os imigrantes enfrentaram uma série de dificuldades, incluindo a geografia acidentada da região –, o que interrompeu o projeto de imigração para Santa Catarina por algum tempo.

Mas os alemães conseguiram superar adversidades, como a viagem de 12 mil quilômetros em veleiros superlotados, e condições difíceis – incluindo escassez de comida e de água e ameaça de doenças, como sarampo e tifo –, para realizar o sonho de começar uma nova vida numa terra distante e que lhes parecia oferecer



No norte do estado, trabalhadores transportam toras das florestas, base econômica da região. Em breve iriam se beneficiar da abertura da Estrada Dona Francisca, na década de 1870, que possibilitou a Joinville se transformar num fundamental entreposto para a futura indústria madeireira de Santa Catarina.

muitas perspectivas para o futuro. Quem conseguiu chegar por aqui ainda teve que enfrentar a realidade bem diferente do que lhes prometeram as empresas de colonização. Havia a natureza inóspita, animais peçonhentos, índios selvagens, doenças tropicais e nenhum apoio do governo.

Os imigrantes foram largados à própria sorte. Mas não havia outra saída a não ser superar as limitações e sobreviver, com trabalho árduo, até conseguirem montar seus próprios negócios. Aos poucos, formaram-se povoados rurais com um modelo de pequenas propriedades e fortes características comunitárias. Surgiu uma classe média composta de pequenos agricultores, artesãos, professores e técnicos de especialidades até então inexistentes no Brasil. Os projetos de colonização fizeram a população catarinense, que mal passava de 60.000 pessoas na década de 1840, dobrar em poucos anos.

Podemos dizer que, influenciados pelas ideias que trouxeram da Europa, os imigrantes alemães implantaram em Santa Catarina uma verdadeira revolução industrial, ao começar a substituir

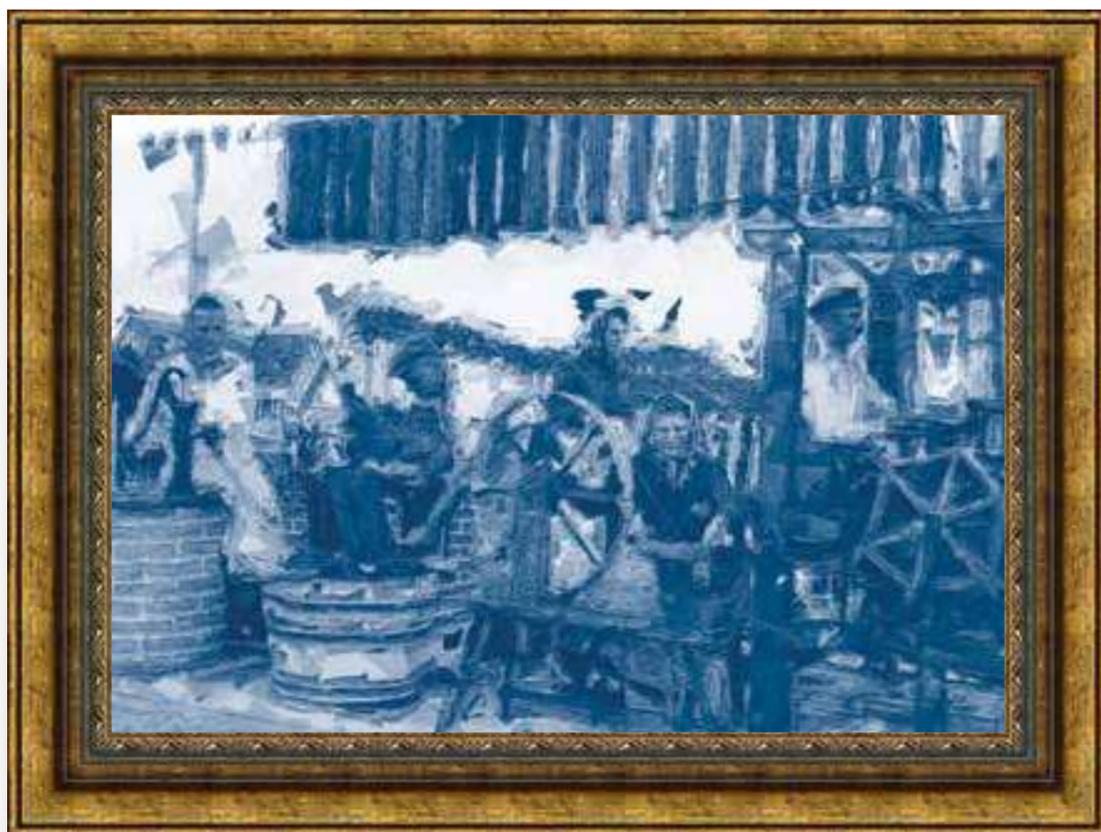
processos manuais pelo uso de máquinas. Pode-se observar como a tradição industrial é forte em cidades colonizadas pelos alemães, como Joinville, Blumenau, Jaraguá do Sul, Brusque e São Bento do Sul, por exemplo.

A fundação das colônias Blumenau e Dona Francisca (atual Joinville), respectivamente em 1850 e 1851, teve particularidades. Essas colônias contaram com mais apoio governamental, oferta de crédito e se beneficiaram também da localização, mais acessível que São Pedro de Alcântara. Assim, puderam se desenvolver rapidamente. A atividade agrícola foi bem-sucedida, o que impulsionou o comércio. Em consequência, havia condições necessárias para o desenvolvimento da indústria. Muitos dos primeiros industriais foram comerciantes que ampliaram suas atividades. Sua atuação era diversificada, já que atuavam como banqueiros, ao fornecer crédito, e guardavam o capital dos clientes, além de trocar produtos brutos por maquinário. Ficavam no meio formando um elo entre produtores e consumidores.

Foi na Colônia Dona Francisca que surgiu, em 1856, aquele que é considerado o primeiro empreendimento catarinense com características industriais: a Serraria do Príncipe, propriedade do Príncipe de Joinville. A serraria extraía madeiras e as preparava para o envio ao Rio de Janeiro, utilizando serras movidas a vapor.

Considerada a primeira indústria catarinense, ou o primeiro empreendimento com características industriais, a Serraria do Príncipe, em Joinville, foi fundada em 1856. Ali, as toras eram preparadas, com serras movidas a vapor, para serem transportadas e vendidas na então capital nacional, Rio de Janeiro.





*Originária da Saxônia, a família Döhler construiu as primeiras máquinas de tecer de Santa Catarina e é dona do mais antigo tear manual do estado. Carl Döhler, o patriarca, fabricou as primeiras amostras de tecido com os seis quilos de fios que trouxe de sua terra natal.*

Em 1873, a abertura da estrada Dona Francisca, ligando Joinville a São Bento do Sul, tornou ainda mais dinâmica a economia de Joinville, pois a cidade se integrou aos ciclos que marcaram o período no Sul do país: o da madeira e o do mate. Muitos comerciantes envolvidos nesse comércio se capitalizaram e se tornaram industriais mais tarde.

A exploração da madeira surgiu em grande parte para resolver um problema. Era preciso desmatar grandes áreas para desenvolver povoados, e surgiram serrarias especializadas em fazer esse trabalho: recebiam os troncos, preparavam e vendiam a madeira para o Rio de Janeiro, no norte, ou então para Porto Alegre e Montevidéu, no sentido oposto, em embarcações que saíam do porto de São Francisco do Sul.

A ferrovia São Paulo–Rio Grande, inaugurada em 1910, colocou o oeste catarinense na rota do comércio e atraiu um grande número de migrantes vindos do Rio Grande do Sul, a maioria descendentes de italianos. E, assim, o perfil agroindustrial da



região começou a se desenhar. Foi ali, que se localizou o foco de problemas sociais, como o que ficou conhecido como a Guerra do Contestado, que envolveu posseiros e pequenos proprietários em conflito com os poderes estadual e federal, entre outubro de 1912 e agosto de 1916, numa região disputada pelos estados do Paraná e de Santa Catarina.

Na primeira metade do século XX, a produção têxtil passou a ter um grande destaque na economia catarinense, mais notadamente em Blumenau, em razão da chegada de imigrantes da região da Saxônia, já bastante industrializada. O melhor exemplo é o dos irmãos Hering, que em 1880 fundaram a malharia Hering, em Blumenau. A indústria têxtil, aliás, esteve na vanguarda da indústria catarinense, quando os custos de produção foram drasticamente reduzidos a partir da implantação de teares e outros maquinários. Com isso, o acesso a boas peças de roupas deixou de ser exclusividade dos mais ricos – que podiam pagar caro pelo trabalho artesanal ou importar produtos industrializados da Europa.

*Prédio de fiação da Hering, nos anos de 1920, 1930. Seu símbolo, dois peixinhos cruzados (dois herings – arenques, em português), representa a união dos dois irmãos que fundaram a empresa, Hermann e Bruno. Uma das gigantes do setor têxtil, ajudou a indústria a crescer e a se consolidar em Santa Catarina.*

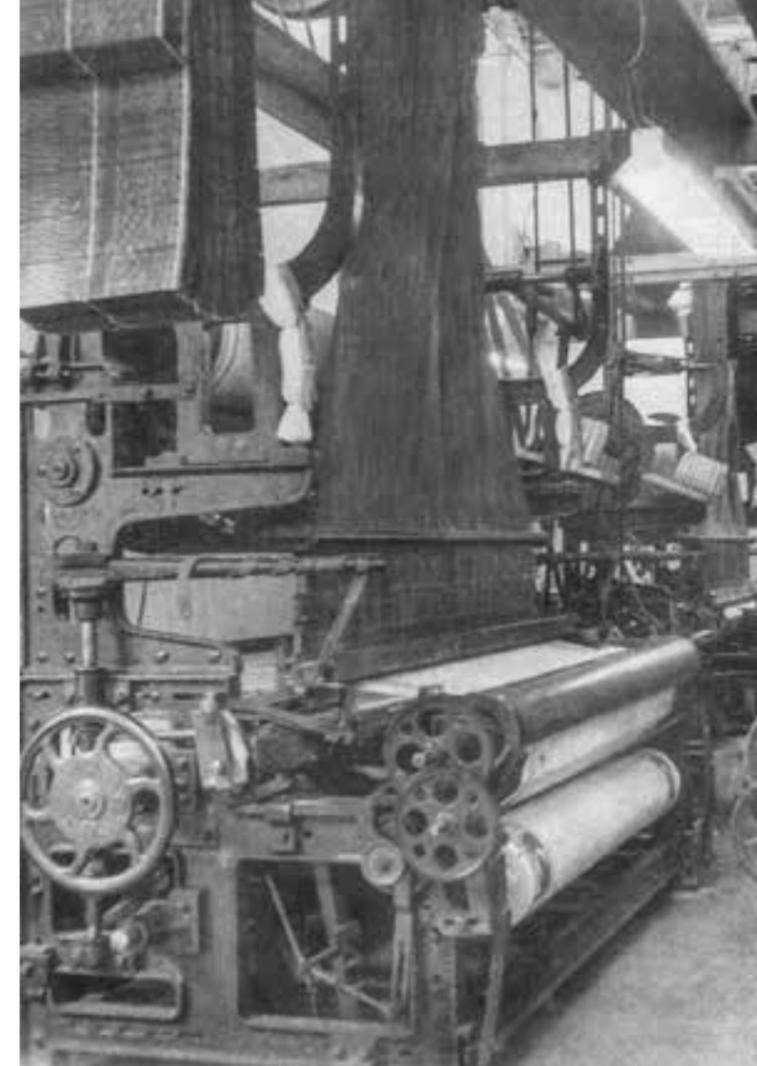
Nas últimas décadas do século 19 e primeiras do século 20, surgiram várias empresas têxteis fundadas por imigrantes alemães, como Hering, Altenburg, Karsten e Cremer, em Blumenau; Döhler e Lepper, em Joinville, e Buettner e Renaux, em Brusque. Muitos profissionais especializados na área têxtil imigraram para Santa Catarina em função da crescente demanda.

Muitos empresários perceberam que era preciso se reinventar e, muitas vezes, até mesmo mudar de atividade para prosperar. Foi assim que muitos negócios criados pelos imigrantes em Santa Catarina mudaram de perfil ao longo das gerações. A família Weege, de Jaraguá do Sul, atuou em vários setores antes de criar a malharia Malwee. Antes de criar a processadora de aço Tupy, os Bollmann começaram fabricando móveis de madeira em São Bento do Sul. A Fischer, fabricante de eletrodomésticos de Brusque, iniciou suas atividades como uma oficina de bicicletas. A Casa do Aço, fundada em 1891 em Joinville, nasceu como importadora de equipamentos e deu origem à Ciser, maior fabricante de parafusos e fixadores da América Latina.

É creditada a eles a capacidade de identificar novas possibilidades. A Buddemeyer começou fabricando teares mecânicos em Itajaí, transferindo-se depois para São Bento do Sul e ocupando um espaço no mercado criado pela dificuldade de exportação de equipamentos durante a Segunda Guerra Mundial. A empresa foi responsável direta pelo crescimento da indústria têxtil catarinense, fabricando mais de 2 mil teares mecânicos entre 1936 e 1951. Até então, esses equipamentos precisavam ser importados.

A Tupy, de Joinville, fundada pela família Schmidt, teve muito do seu impulso decorrente da descoberta pioneira no Brasil da fórmula do ferro maleável. Isso se deu depois de cinco anos de testes e experimentos baseados em literatura em alemão, o que permitiu a produção nacional de conexões para encanamentos de casas e ruas, algo que até então era preciso trazer do exterior. Foi a semente da indústria metalomecânica na região.

A Tigre, também de Joinville, derivou de uma pequena fábrica de pentes, feitos de chifres, que passou a produzir cachimbos antes de chegar às mangueiras flexíveis de PVC e, por fim, os tubos e conexões, que foram os grandes responsáveis pelo crescimento



*Tear da Buddemeyer, na época da Segunda Guerra Mundial. Fundada pelo imigrante alemão Friedrich Bernard Buddemeyer, a empresa começou com os teares e hoje fabrica produtos têxteis de alta qualidade.*

*De Joinville, a Fundação Tupy foi fundada pela família Schmidt, que se valeu da descoberta no Brasil da fórmula do ferro maleável. Foram cinco anos de pesquisa na literatura alemã, e a descoberta permitiu produzir conexões para encanamentos.*



da empresa, pois atenderam em cheio à demanda decorrente da expansão do mercado da construção civil e do saneamento.

Mas não foi apenas na região do Vale do Itajaí que os imigrantes prosperaram. Estabelecido em Florianópolis, Carl Hoepcke tornou-se um megaempresário que construiu um estaleiro, abriu uma empresa de transporte marítimo, além das fábricas de rendas e bordados, pregos e gelo. Os irmãos Frey fundaram a cidade de Fraiburgo e registraram várias realizações, como o fato de liderar a implantação da cultura da maçã em Santa Catarina.

Enfim, as diferentes regiões de Santa Catarina passaram a explorar e desenvolver suas vocações. Na região sul, teve a exploração do carvão, especialmente a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), pois era preciso encontrar fontes alternativas de energia à restrição de importação de combustíveis e abastecer o transporte ferroviário. Houve um novo impulso durante a Segunda Guerra Mundial (1940-1945).

A produção de carnes no oeste (colonizado principalmente por descendentes de italianos deslocados do Rio Grande do Sul) começou com pequenas casas comerciais e foi se capitalizando com as vendas para São Paulo, depois ampliando seus negócios com moinhos e frigoríficos para beneficiamento de carne de aves e suínos.

Em 1952, o Frigorífico Chapecó iniciou suas atividades e mostrou a força do oeste nesse segmento. Posteriormente, emergiu a Aurora Alimentos, reunindo diversas cooperativas da região. Outras grandes marcas, como Seara, Sadia e Perdigão, tornaram Santa Catarina potência mundial no segmento de carnes de suínos e aves. Fundada em 1956, a Seara teve como origem um pequeno negócio familiar no município que batizaria a empresa. Na década anterior, surgiram a Sadia, em Concórdia, e a Perdigão, em Videira. As duas empresas se fundiram em 2009, formando a Brasil Foods, uma das maiores companhias de alimentos do mundo.

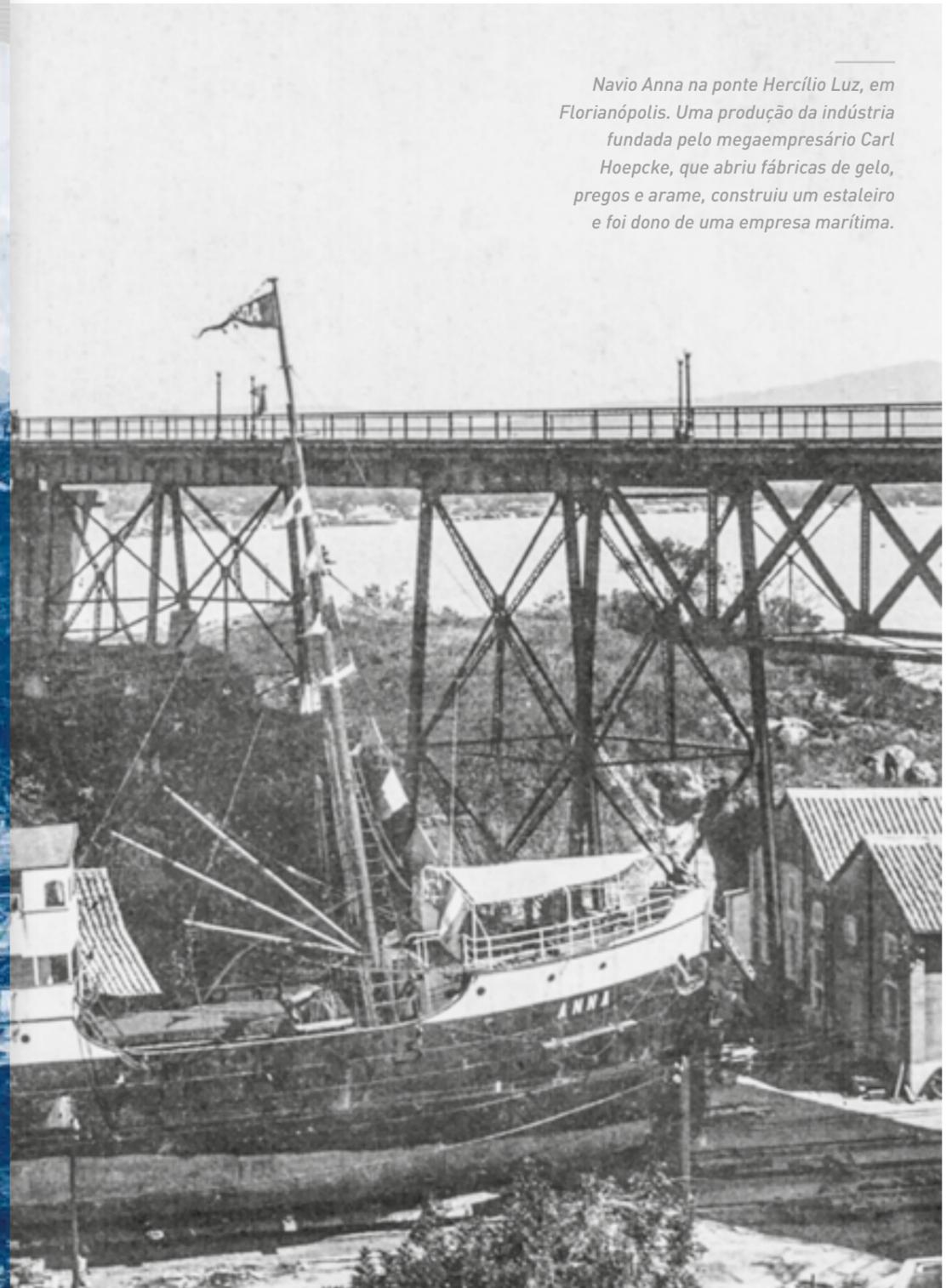
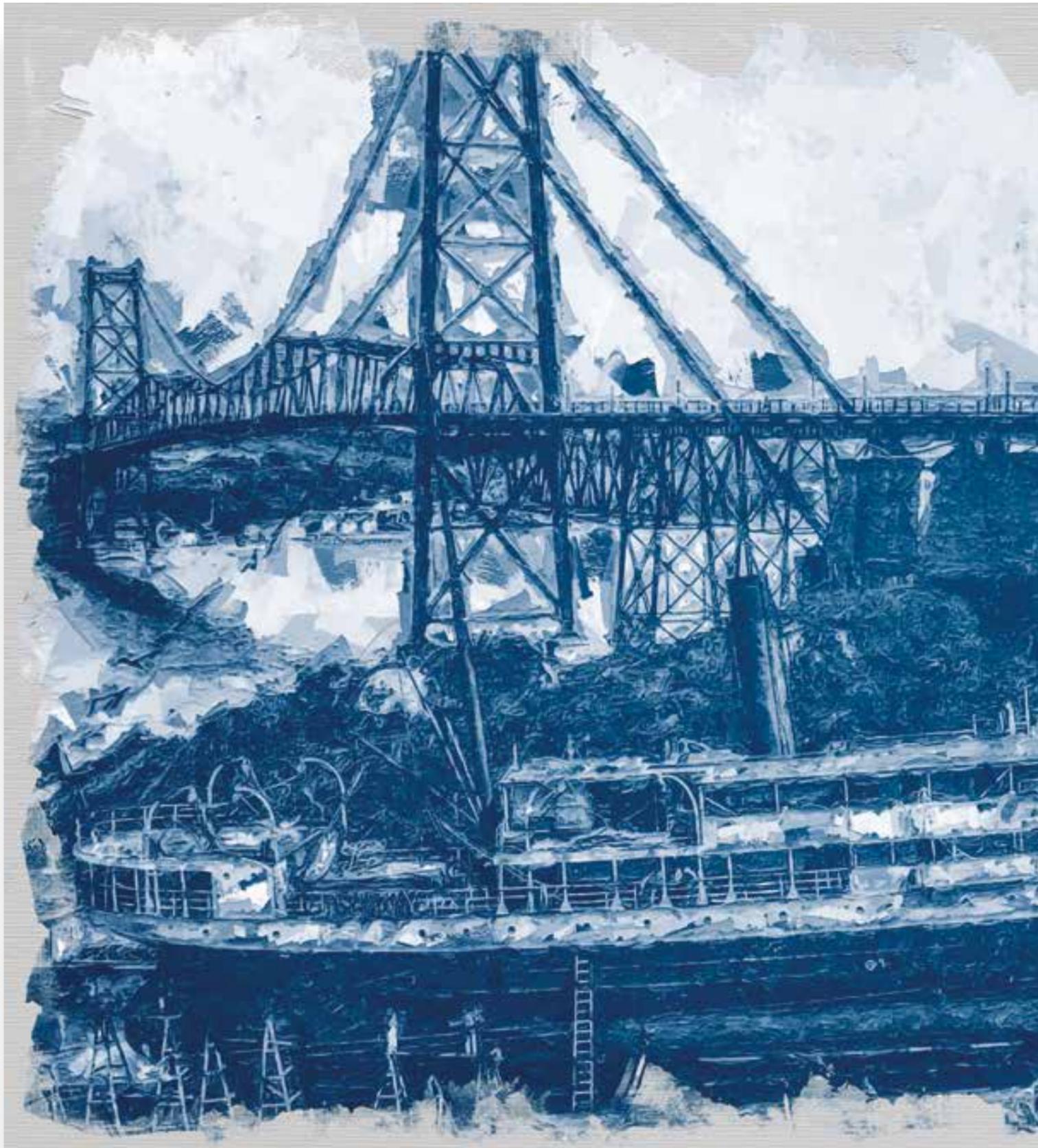
A ambição de crescer e aproveitar as oportunidades tornou-se característica típica da evolução da indústria catarinense. Um exemplo vem do planalto serrano, localizado a aproximadamente 200 quilômetros do litoral. A economia de Lages é basicamente sustentada pela pecuária, pela vinicultura, pela indústria da

madeira (papel e celulose) e pelo turismo. É o município que concentra o maior rebanho bovino do estado, com mais de 170 mil cabeças – a pecuária está presente em 87% dos estabelecimentos rurais do planalto serrano. Ali também se passou a criar e comercializar terneiros – a região notabiliza-se pela tradição das raças puras, principalmente as europeias, e é considerada referencial genético de gado, corte e leite.

A atividade madeireira também ganhou destaque e importância a partir da década de 1950, transformando-se na principal atividade econômica da região e formando o atual polo madeireiro. São diversas serrarias que se localizam no município de Lages e também fábricas de papel e celulose em Otacílio Costa e Correia Pinto, além de Lages. Na década de 1980, quando se esgotaram as reservas naturais de madeira nativa, o processo de reflorestamento foi implantado.

*A Sadia foi fundada em 1944 por Atilio Fontana e se originou no Moinho Concórdia, localizado na região oeste de Santa Catarina. À época, era uma das dez empresas mais prósperas do estado, com um rebanho suíno estimado em cem mil cabeças. Fez parte do esforço brasileiro para desenvolver sua própria produção durante os anos duros da Segunda Guerra Mundial.*





Navio Anna na ponte Hercílio Luz, em Florianópolis. Uma produção da indústria fundada pelo megaempresário Carl Hoepcke, que abriu fábricas de gelo, pregos e arame, construiu um estaleiro e foi dono de uma empresa marítima.



*Alunos do SENAI, na década de 1960. Por decisão do governo federal, indústrias com mais de 500 operários deveriam oferecer cursos de qualificação profissional. Assim, em 1942, surgiu o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI. Por apresentarem tradição industrial, as cidades de Florianópolis, Joinville, Blumenau, Brusque, Tubarão e Criciúma foram escolhidas para sediar as primeiras atividades da entidade no estado.*

Um ano depois da criação da CNI (Confederação Nacional da Indústria), em 1939, o governo brasileiro determinou que todas as indústrias com mais de 500 operários deveriam oferecer cursos de qualificação profissional a seus funcionários, o que seria o embrião de um sistema nacional de aprendizagem, como já existia na Europa. Foi assim que surgiu o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Criado em 1942 pelo presidente Getúlio Vargas, em processo liderado por Euvaldo Lodi, representando a CNI, e Roberto Simonsen, da Fiesp, a proposta era que o projeto ficasse a cargo dos sindicatos patronais. A instituição deveria ser mantida com a contribuição de parte do salário de todos os empregados, num sistema autossustentável. Entre as diretrizes de atuação da nova instituição de ensino, estavam a preparação sistemática de trabalhadores em centros ou escolas de aprendizagem comuns a várias empresas. No ano seguinte ao da fundação, o SENAI abriu uma delegacia, sediada em Curitiba, que atendia aos estados do Paraná e de Santa Catarina.

Por apresentarem tradição industrial, as cidades de Florianópolis, Joinville, Blumenau, Brusque, Tubarão e Criciúma foram escolhidas para sediarem as primeiras atividades do SENAI em Santa Catarina. Na época, um levantamento realizado no estado revelou que apenas 16,5% dos trabalhadores da indústria eram tecnicamente capacitados para exercer suas funções. Em 1948, a Delegacia Sul do SENAI foi elevada à categoria de Departamento.



*A WEG foi fundada em 1961 e é uma empresa de equipamentos eletroeletrônicos que atua no setor de bens de capital produzindo máquinas elétricas, equipamentos de automação e tintas para diversos setores, incluindo infraestrutura, siderurgia, papel e celulose, petróleo e gás e mineração. A junção das iniciais dos três fundadores – Werner Ricardo Voigt, Eggon João da Silva e Geraldo Werninghaus – deu origem ao nome da empresa.*

Já o Serviço Social da Indústria (SESI) foi criado em 1946, ao final da Segunda Guerra, durante o governo de Eurico Gaspar Dutra. Foi resultado da preocupação das federações da indústria que já existiam – em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Rio Grande do Sul, Paraná e Pernambuco – com o aspecto social. Concluíram que era necessário criar com urgência “um serviço social que se dedicasse à defesa e à valorização do trabalhador da indústria e de sua família, além de promover medidas de estímulo à produção industrial”. Em 25 de junho de 1946, o presidente Dutra assinou o decreto-lei que criava o SESI, subordinando-o à CNI.

Ao final da Segunda Guerra, Santa Catarina tinha consolidado o seu parque industrial. As empresas catarinenses já apresentavam as duas principais características que a marcam até hoje: diversidade e competitividade. Sobre essa base sólida continuaram surgindo novas indústrias, como a WEG, em Jaraguá do Sul, que se tornaria uma das maiores fabricantes de equipamentos elétricos do mundo.

A indústria catarinense mostrava-se bem mais madura, alinhando-se às demandas nacionais e internacionais, deixando de se voltar apenas à produção local. Novos setores ganharam impulso no período, como a indústria cerâmica no sul do estado. Foi dentro desse cenário da evolução industrial catarinense que começava a brotar o surgimento da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina, a FIESC, que hoje comemora seus 70 anos de história.

01

DÉCADA DE  
**1950**



*Operários em pleno processo de produção de estampa na Hering, empresa que se estabeleceu em Blumenau e serviu de impulso para o desenvolvimento da indústria têxtil catarinense, uma força econômica fundamental para a região. A Hering tornou-se uma potência em sua área de atuação.*

No Brasil, a década de 1950 entrou para a história por abrigar os chamados “anos dourados”. Cinco anos depois do final da Segunda Guerra, havia muita esperança em todo o território nacional: do presidente Juscelino Kubitschek e seus “50 Anos em 5” à injustiça de Martha Rocha não ter sido escolhida a mais linda mulher do universo, ainda sediaríamos a Copa do Mundo de Futebol e Maria Ester Bueno acumularia vitórias e mais vitórias no tênis. Os empresários brasileiros – e os de Santa Catarina – também compartilhavam desse sonho de novos tempos, embora os catarinenses tivessem que enfrentar seus sérios problemas, como a falta de infraestrutura do estado, principalmente no setor do transporte, além da escassez de energia elétrica, fundamental para o desenvolvimento da indústria.

Foi nesse cenário que a FIESC foi criada, em 25 de maio de 1950, com o objetivo de representar os industriais e lutar e alavancar as bandeiras do setor, que eram muitas, embora a indústria catarinense já se mostrasse cada vez mais madura e diversificada. Sete sindicatos fundaram a FIESC. Três tinham abrangência estadual – nas indústrias de mate, extração de madeira e serrarias –, enquanto os outros quatro eram locais: marcenaria, panificação e confeitaria, em Florianópolis; fiação e tecelagem, em Brusque; e construção civil, em Joinville.

Um casarão da Rua Visconde de Ouro Preto, no centro da capital Florianópolis, abrigou a primeira sede. De sete sindicatos lá no início, hoje, 70 anos depois, esse número subiu para 141 sindicatos associados.

*Aluno no curso prático de marcenaria oferecido pelo SENAI, em 1958. A instituição surgiu para cumprir a missão de ensinar e capacitar profissionais para a indústria – uma carência a ser vencida, que contou com o apoio do SENAI na formação de inúmeros trabalhadores que aprenderam a atuar em áreas específicas.*



Primeiro presidente da FIESC, Celso Ramos também foi eleito governador de Santa Catarina e senador pelo estado.

Celso Ramos (1897-1996) assumiu como primeiro presidente. Era um homem importante. Membro de uma tradicional família pecuarista da região de Lages, filho caçula de Vidal Ramos Jr. e irmão de Nereu Ramos (vice-presidente da República entre 1946 e 1951, chegou a assumir a presidência do Brasil em 1955, por quase três meses), ele havia sido o criador do primeiro sindicato patronal do setor madeireiro no estado. Pode-se perceber, portanto, que Celso Ramos tinha prestígio e fez uso dele na implantação da FIESC. Foi numa de suas viagens ao Rio de Janeiro, para regularizar a situação daquele sindicato, que ele conheceu Euvaldo Lodi, o empresário que fundou a Confederação Nacional da Indústria (CNI), em 1938, ao lado do economista Roberto Simonsen.



A família Frey foi responsável pela fundação da cidade de Fraiburgo, no meio-oeste catarinense. Os Frey ainda trabalharam com frigorífico, serraria, posto de gasolina, além de iluminar a cidade com um gerador vindo da Alemanha. Nos anos de 1970, introduziram o plantio e o cultivo de maçãs na região.

Cabo aéreo e caixa de embarque para o transporte de carvão, em Urussanga. No início da década de 1950, o carvão acumulava-se nos pátios das minas, e não havia navios suficientes para escoar a produção, que era vendida para compradores da região Sudeste do país.





As novas ideias e a convivência com nomes nacionais foram fundamentais para Celso Ramos amadurecer o desejo de integrar os sindicatos patronais em uma entidade única, e que, ainda por cima, poderia fazer parte da CNI, instituição nacional que também tinha como objetivo a integração dos sindicatos. Era preciso fazer a lição em casa, portanto, para depois adquirir condições de se aproximar da CNI.

Celso Ramos então foi a campo e cumpriu um roteiro de visitas às mais importantes cidades catarinenses para conversar com empresários e líderes patronais. A ideia era expor seus planos e garantir apoio. Em tempo recorde – quase seis meses depois da criação da FIESC –, a instituição foi reconhecida pelo Ministério do Trabalho, o que já a habilitava a se filiar à CNI, pedido que foi devidamente aceito no início do ano seguinte.

Na prática, a filiação à CNI proporcionava a Santa Catarina a perspectiva imediata de abrir unidades do Serviço Social da Indústria (SESI) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), iniciativas sintonizadas com a expectativa do estado de garantir os ensinamentos para a formação de profissionais para a indústria. Estava justamente aí um grande problema para os catarinenses: carência de trabalhadores preparados para os desafios da indústria.

*Professor e alunos do Curso de Assentador de Tijolos, na empresa Admar Gonzaga S/A, em Florianópolis. Os ensinamentos na época eram fundamentais para o desenvolvimento industrial de Santa Catarina, e uma legião de funcionários pôde aprender os primeiros passos para ajudar a consolidar a indústria catarinense.*



*Serviço que fornecia medicamentos pela metade do preço aos trabalhadores da indústria de origem à atual rede de farmácias do SESI/SC.*

*Posto de abastecimento do SESI, em 1951, no município de Lauro Müller, sul do estado, beneficia comunidade do bairro Rio Bonito.*





Moderno equipamento de fiação para a época, adquirido pelas Indústrias Renaux. Ao fundar uma fábrica de tecidos na pequena cidade de Brusque, Carlos Renaux teve papel fundamental no crescimento de uma colônia que enfrentava sérias dificuldades econômicas.



*Registro de uma das iniciativas da FIESC, o Seminário Socioeconômico, que elaborou questionários e eventos regionais, como este realizado em Brusque. Com esses encontros, foram criadas as bases do desenvolvimento industrial do estado e divulgado o registro das reais condições da indústria, com seus diagnósticos informativos.*

Outro interesse da instituição era o aumento das possibilidades de crédito. Em 1953, com a fundação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), ainda no governo Getúlio Vargas, surgiu um agente financiador que ganharia protagonismo nos anos seguintes.

O entusiasmo de Celso Ramos pela indústria era tanto que ele passou toda a década à frente da FIESC, elegendo-se para cinco mandatos consecutivos, até renunciar em 1961, por uma boa causa: assumir o governo do estado. Como reconhecimento da sua importância, dois municípios catarinenses levam seu nome: Celso Ramos e Governador Celso Ramos. Um dos traços de sua personalidade o ajudou em toda a sua empreitada. Ele costumava dizer que o segredo para montar uma boa equipe era reunir pessoas mais capazes do que ele próprio. Fora isso, era notório o seu prazer em apostar nos novos talentos.



*Primeiro modelo da geladeira Consul, criada por Rudolf Stutzer com dinheiro emprestado pelo cônsul Carlos Renaux, cujo título batizou toda a linha de produção, até os dias de hoje. Funcionava à base de querosene por absorção e suas linhas arredondadas seguiam as tendências de design da época.*

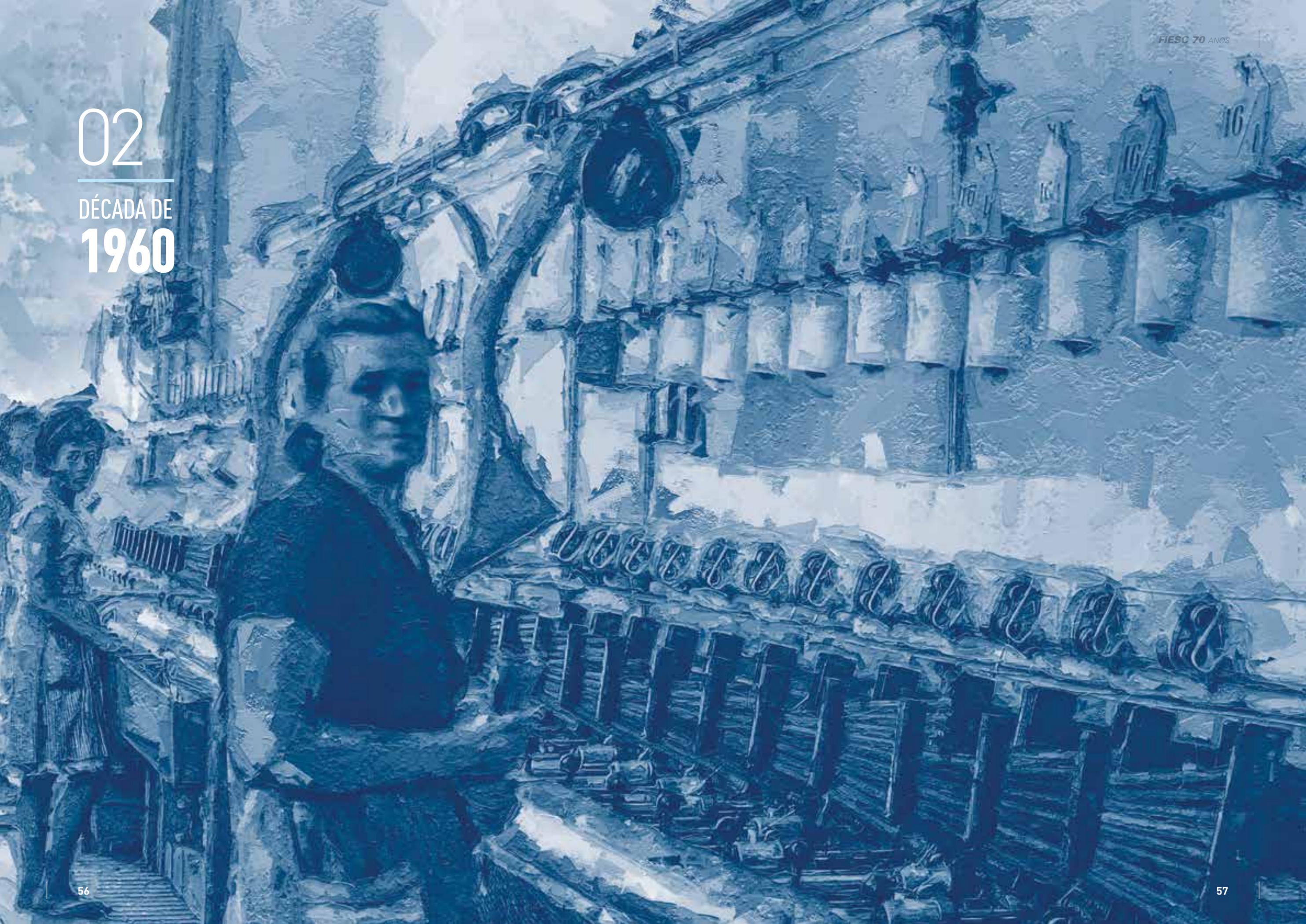
Pensando assim, montou um time com perfil técnico, com gente bem preparada que realizou um dos mais abrangentes estudos sobre a economia catarinense, além de diagnosticar alguns problemas. Identificou, ainda, onde estavam os gargalos e para quais segmentos os investimentos deveriam ser direcionados. Também realizou os Seminários Socioeconômicos em todas as regiões catarinenses.

A situação nacional também favorecia os planos da jovem FIESC, que colaborou com a elaboração do famoso Plano de Metas do presidente Juscelino Kubitschek. O plano concentrava-se em seis áreas, e o desenvolvimento da indústria de base era uma delas – as outras eram energia, alimentação, transportes, educação e a construção de Brasília.

Já em Santa Catarina, começou-se a produzir geladeiras, as primeiras mais modernas fabricadas no país. Em 1950, foi aberta a fábrica Consul, em Joinville. Em seu primeiro ano, a fábrica produziu apenas 22 refrigeradores. Mas cresceu rapidamente.

02

DÉCADA DE  
**1960**





Especializar-se no domínio dos maquinários da indústria é uma marca da mão de obra catarinense.

A trágica morte do irmão Nereu Ramos num acidente aéreo, em 1958, levou Celso Ramos a se decidir pela política. Assumiu a presidência do Partido Social Democrático (PSD) no estado e colocou seu nome à disposição para a disputa do governo. Venceu Irineu Bornhausen, representante de outra tradicional família ligada à política em Santa Catarina. Na presidência da FIESC, quem assumiu foi seu vice, Guilherme Renaux, que seria confirmado na eleição seguinte e permaneceria até 1966 à frente da instituição. Uma transição natural, que seria a marca da trajetória de 70 anos da FIESC. Cada presidente se preparou para ocupar o cargo participando ativamente das gestões anteriores, quase sempre como vice-presidente.

Formado em Agronomia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Guilherme, nascido em Brusque, era filho de um dos pioneiros da indústria catarinense, o cônsul Carlos Renaux, e havia participado



Em 1961, ano em que Celso Ramos foi eleito governador, Guilherme Renaux (em pé, à direita) assumiu a presidência da FIESC.

ativamente da FIESC desde sua fundação. Conhecido pelo apelido de Willy, ele tinha se dedicado no início da carreira profissional a atividades científicas, especialmente ao desenvolvimento de novas linhagens de algodão, pesquisa com aplicação prática na indústria têxtil.

Continuou vivendo em sua cidade enquanto dirigia a FIESC, deslocando-se à capital uma vez por semana (ou, no máximo, por quinzena) para dedicar o dia a despachos, reuniões e decisões.

A origem do plano de governo de Celso Ramos foi o Seminário Socioeconômico que a FIESC desenvolveu com etapas em várias cidades catarinenses. Mais de 3 mil lideranças regionais e representantes de instituições públicas e privadas de todas as regiões do estado participaram do levantamento inicial de informações, respondendo a questionários.



Um aluno do SENAI nos anos 1960. Os cursos oferecidos pela entidade eram uma oportunidade a que todos tinham acesso. A aprendizagem foi, e ainda é, um dos itens mais levados em conta na contratação pelas indústrias. Não era preciso apenas abrir fábricas, mas também capacitar gente para trabalhar nelas.



Cada região consolidou seus dados e o relatório estadual foi unificado durante um evento realizado em Florianópolis, em dezembro de 1960, coordenado pela FIESC. Desse evento resultou o Plano de Metas do Governo (Plameg), principal diretriz da atuação do governador. Tratava-se de uma iniciativa pioneira no Brasil: um orçamento plurianual, ou seja, pré-definido para todo o período de um governo. Era também uma iniciativa arrojada: mais de 50% das receitas do governo seriam investidas em infraestrutura.

A criação de instituições como o Banco do Estado de Santa Catarina (Besc), a Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (Udesc) e a Centrais Elétricas de Santa Catarina (Celesc) foi prevista pelo Plameg e cumprida durante o governo de Celso Ramos.

Era preciso representatividade e influência para combater a tendência de centralização dos investimentos nas indústrias da região Sudeste. Para ter uma nova fonte de crédito de longo prazo, foi criado em 1961 pelos três governadores do Sul o Banco Regio-



Artesão da indústria de cristais, em que se destacam as cidades de Blumenau e Pomerode. Um bom profissional do ramo precisa, em média, de cinco a dez anos para dominar com perfeição todas as técnicas e as etapas de produção.

Na procura por atender todo o tipo de solicitação na área do conhecimento, o SENAI já ofereceu aprendizado até mesmo para oficiais do exército catarinense.



*Laboratório da indústria de fiação e tecelagem, em Blumenau, onde eram realizados testes e experimentos para todo o setor têxtil, que cresceu muito no estado e abriga importantes fábricas que abastecem os mercados nacional e internacional. Santa Catarina é o segundo polo têxtil e do vestuário do Brasil.*

nal de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), como uma espécie de “filial” do BNDE, para atender às necessidades dos três estados do Sul (a expressão “Extremo Sul” se referia ao fato de que, à época, São Paulo fazia parte da região Sul na divisão adotada).

Durante a presidência de Guilherme Renaux na FIESC, a instituição criou um plano de seguros para operários, que chegou a quase 100 mil segurados de mais de 800 empresas. O sistema serviu de inspiração para iniciativas semelhantes em outras partes do país. A gestão de Guilherme Renaux teve papel importante também no incentivo à criação de sindicatos na área industrial de Santa Catarina, base essencial para a sustentação e o crescimento que a FIESC experimentaria ao longo dos anos seguintes.

Em 1963, a FIESC inaugurou sua primeira sede própria, no centro de Florianópolis – o edifício Palácio da Indústria, de sete andares, num terreno comprado algum tempo antes, ainda na gestão Celso Ramos, na Rua Felipe Schmidt, coração da capital catarinense, que passou a abrigar também as sedes regionais do SESI e do SENAI.



*Em 1963, durante a presidência de Guilherme Renaux, a FIESC ocupa sua primeira sede própria, o Palácio da Indústria, localizado na Rua Felipe Schmidt, centro da capital. Abrigava, também, as sedes regionais do SESI e do SENAI.*

*Para a festa de inauguração do Palácio da Indústria, chegam ao aeroporto de Florianópolis os presidentes da FIESC e da CNI, Guilherme Renaux e Thomás Pompeu de Souza Brasil Netto, respectivamente.*





O setor metalomecânico viveu um período de franca ascensão, aumentando sua produção em 10% ao ano entre 1959 e 1964. Suas indústrias fornecem bens para a maior parte dos setores produtivos, e representam um termômetro do crescimento econômico.



Cerimônia de posse de Carlos Renaux na presidência da FIESC, em 1968. A seu lado, Bernardo Wolfgang Werner, que o sucederia no comando da entidade. Nascido em Brusque e empresário do setor têxtil, Renaux teve como marca da sua passagem pela FIESC o incentivo às exportações catarinenses.

Comitiva da FIESC recepcionada pelo presidente Emílio Garrastazu Médici.



Em 1966, ao final do mandato como governador, Celso Ramos voltou à presidência da FIESC por um curto período, pois seria eleito senador logo em seguida. Em 1968, Carlos Cid Renaux, sobrinho do ex-presidente Guilherme Renaux, foi eleito para a presidência da instituição. Formado em administração de empresas, também nascido em Brusque, ele trazia a experiência de ter liderado entidades representativas da classe empresarial, como o Sindicato do Comércio Varejista de Brusque e o Sindicato das Indústrias de Viação e Tecelagem de Brusque e Itajaí.

A década chegaria ao fim com o anúncio da construção da BR-101, uma rodovia que cortaria o país de norte a sul, acompanhando o litoral, e que passaria por Santa Catarina. Tratava-se de uma obra considerada vital para a integração do estado ao restante do país, como de fato ficaria comprovado. A FIESC teve participação ativa no movimento pela construção da rodovia.

Encontro de mobilização para apoio e incentivo à construção da BR-101, em 1969. A obra da rodovia foi em grande parte resultado da aproximação da entidade com o governo federal da época. A nova estrada seria fundamental para a integração de Santa Catarina à economia nacional e para o fluxo de mercadorias na região.



03

DÉCADA DE  
**1970**



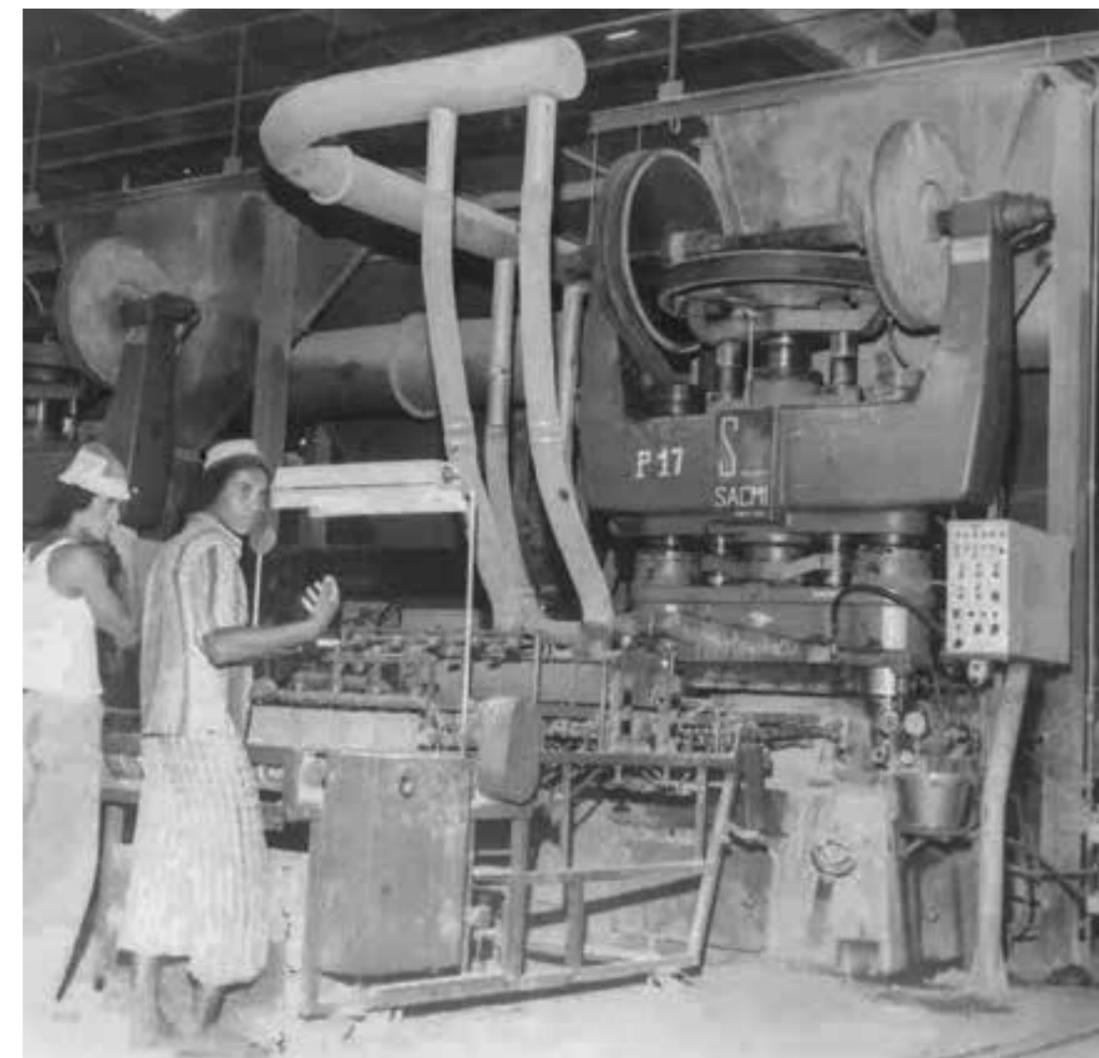
A década começou com boas notícias para a indústria catarinense, que então se mostrava bastante diversificada, com empresas importantes em setores como os de alimentos, eletrometalomecânico, de plástico, cerâmico, de porcelana e cristais, têxtil e vestuário, madeireiro, de papel e celulose, moveleiro e carbonífero. Outro passo importante: as maiores cidades e as regiões do estado deixaram de depender basicamente de uma só atividade já que, caso uma delas sofresse queda, as outras poderiam sustentar a economia local. Além disso, os produtos industriais catarinenses haviam incorporado um maior valor agregado e passaram a conquistar espaço no comércio internacional – algo que, até então, estava praticamente limitado à atividade madeireira.

Competição de ciclismo nas Olimpíadas do SESI, realizadas em Brusque no ano de 1970.



A gestão de Carlos Cid Renaux à frente da instituição foi, em grande parte, baseada na busca da competitividade. Ele era um administrador por excelência e sabia que o desempenho de qualquer estrutura sempre poderia ser melhor. Adotou essa estratégia, e o início das atividades do Consórcio Catarinense de Exportações (Concatex), em 1970, contribuiu para seus objetivos. Era uma entidade privada que tinha como missão organizar as empresas com potencial exportador e buscar novos mercados internacionais por meio de estratégias conjuntas, o que, para uma empresa isoladamente, muitas vezes soava como um processo muito complicado. Técnicos europeus e norte-americanos foram contratados para ajudar nessa organização.

Funcionários da Eliane em ação. Foi em 2 de janeiro de 1960 que o empreendedor Maximiliano Gaidzinski fundou a empresa que hoje é referência internacional em revestimentos. Pioneira na fabricação de porcelanato, investe na formação de seus operários.





Impulsionadas por investimentos em tecnologia, produtividade e novas plantas industriais, as exportações catarinenses foram multiplicadas por cinco na primeira metade da década de 1970. Um período fantástico de expansão.

Escola de Aperfeiçoamento Tigre, que formava e aprimorava profissionais no uso de novos produtos. Fundada por João Hansen Junior, ganhou a marca da patinha de tigre pela ideia de um parceiro.



É de se notar, ainda, que a indústria catarinense surfava bem na onda do “milagre econômico”, a fase entre 1967 e 1974 em que a economia do país cresceu, em média, 11,2% ao ano – o que significa que quase dobrou de tamanho em apenas oito anos.

“Produtividade” era a palavra de ordem, e a FIESC criou uma divisão para cuidar exclusivamente desse tema, trabalho que incluía palestras e cursos em todo o estado, para gestores, sobre temas como controle de custos, planejamento de caixa, liquidez, redução da burocracia e racionalização de métodos.

Em junho de 1970, a FIESC criou outro relevante órgão de apoio à indústria, o Centro das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Ciesc). A ideia era ter um centro de pesquisas e estudos que fizesse diagnósticos aprofundados de problemas em comum e estabelecesse estratégias de ação, inclusive por meio da busca de parcerias com instituições governamentais. Era um grupo que pensava a longo prazo, algo que precisava ser feito para que as atenções não fossem todas absorvidas pelas demandas do dia a dia.

Autoridades visitam a instalação do centro têxtil, em Brusque, em 1971. Entre elas, o prefeito, José Germano Schaefer; Carlos Cid Renaux, presidente da FIESC, e o governador do estado, Colombo Machado Salles.

O engenheiro Colombo Machado Salles assumiu o governo de Santa Catarina em 1970 e deu sequência à visão desenvolvimentista de seu antecessor, Celso Ramos. Consolidar e expandir a atividade industrial era um item de destaque do plano de governo. Para que esses objetivos fossem atingidos, a FIESC propôs a criação da Secretaria da Indústria e Comércio dentro da estrutura do governo estadual, algo que foi efetivado em 1972. A secretaria passou a concentrar a formulação das políticas de desenvolvimento da indústria catarinense.

Localizado no município de Capivari de Baixo, o Complexo Termelétrico Jorge Lacerda foi concebido pelo governo federal na década de 1960. Sua função era utilizar o carvão mineral da região sul do estado e proporcionar ao sistema elétrico uma reserva estratégica, principalmente em períodos de escassez de chuvas.

Impulsionadas por investimentos em tecnologia, produtividade e novas plantas industriais, as exportações catarinenses foram multiplicadas por cinco na primeira metade da década de 1970. Um período fantástico de expansão. Por exemplo, o Grupo Cericrisa, sediado em Criciúma, colocou seus primeiros produtos no mercado em 1971. A Eliane também se expandiu naquela década, a partir da produção de revestimentos.



Visita do governador Antônio Carlos Konder Reis à unidade da Eliane Revestimentos Cerâmicos em Cocal do Sul, no ano de 1977.



Estudante no Centro de Treinamento do SENAI. Até sofisticadas tecnologias eram ensinadas aos alunos do SENAI, aliado desde sempre das indústrias na formação de mão de obra especializada.



Estudantes do SENAI em Joinville.





Posse de Bernardo Wolfgang Werner na presidência da FIESC, em 1972. Foi o dirigente que passou mais tempo à frente da entidade – 15 anos, período em que, entre outras iniciativas, ajudou na ampliação do Sesi e do SENAI.



Visita do presidente da FIESC, Bernardo Wolfgang Werner, às instalações da Sadia, em Chapecó, na década de 1970.



Educação infantil em Joinville: Sesi começou a oferecer na década de 1970 o serviço de Jardim de Infância.

O novo presidente da FIESC, Bernardo Wolfgang Werner, que assumiu em 1971, era filho do fundador da empresa Electro Aço Altona, o engenheiro alemão Paul Werner. Havia feito carreira na empresa familiar e também exerceu por duas décadas o cargo de vereador em Blumenau, incluindo dois mandatos como presidente da Câmara. Ficaria à frente da FIESC por 15 anos – cinco mandatos consecutivos, o maior período de um presidente da FIESC ao longo de toda a história da instituição.

Uma das marcas da atuação da FIESC na década de 1970 foi a expansão da sua infraestrutura e das atividades de qualificação e bem-estar dos trabalhadores, especialmente por meio dos programas do Sesi e do SENAI, instituições que se expandiram muito e ofereciam seus serviços em todas as regiões do território catarinense.

Assim, a indústria catarinense chegou ao final da década de 1970 destacando-se em vários setores dos quais se tornou líder nacional: aves e suínos, tubos e conexões, refrigeradores, cerâmica, compressores e motores elétricos. Ao final da década, o estado havia saltado da oitava para a quinta posição dos estados mais exportadores do país, responsável por uma faixa que passou de 2% para 6% do total vendido pelo Brasil para outros países.

04

DÉCADA DE  
**1980**





Apesar do cenário de crise devido ao aumento da dívida externa brasileira, Santa Catarina conseguiu manter um crescimento acima da média nacional no início da década. Setores como o metalomecânico, o calçadista e o de vestuário continuaram empregando muitos profissionais.

Depois do chamado “milagre econômico”, a economia brasileira viveu um período de forte recessão, a tal ponto que os anos 1980 são conhecidos hoje como “a década perdida”. Foi um longo período de retração econômica, causado pelo aumento da dívida externa brasileira – eram os investimentos feitos nas décadas anteriores, desde a construção de Brasília, que estavam cobrando a conta. A inflação disparou e chegou a passar a casa de 100%, no final da década de 1980.

Mas para alguns setores de Santa Catarina, o cenário não foi tão terrível assim. Graças à produtividade de suas indústrias e da ampliação do mercado externo, Santa Catarina conseguiu manter taxas de crescimento econômico maiores do que a média brasileira da década de 1980, que ficou em 2,2%. Santa Catarina chegou ao final da década com média de crescimento de memoráveis 5,3%.

Artigos de primeira necessidade mantiveram-se firmes. Setores como o calçadista e o de vestuário continuaram empregando muita gente e ajudando a movimentar a economia. Muitas oportunidades surgiram, pois ainda havia espaço para a integração produtiva dentro do estado. Além disso, parte da produção foi direcionada para o mercado externo, e os investimentos em infraestrutura promovidos pelo setor público dentro dos planos estaduais amadureceram nos anos de 1980.

A agroindústria expandiu-se na região oeste, com base no sistema cooperativo de produção, com pequenos proprietários vendendo sua produção para grupos coletivos ou privados que asseguravam o pagamento mínimo e davam orientação e assistência técnica aos agricultores cooperados. Graças a esse sistema, que oferecia acesso à informação e à tecnologia mesmo aos pequenos

Frigorífico Aurora Maravilha, inaugurado em fevereiro de 1988. Santa Catarina chegou ao final daquela década difícil com média de crescimento de memoráveis 5,3%.

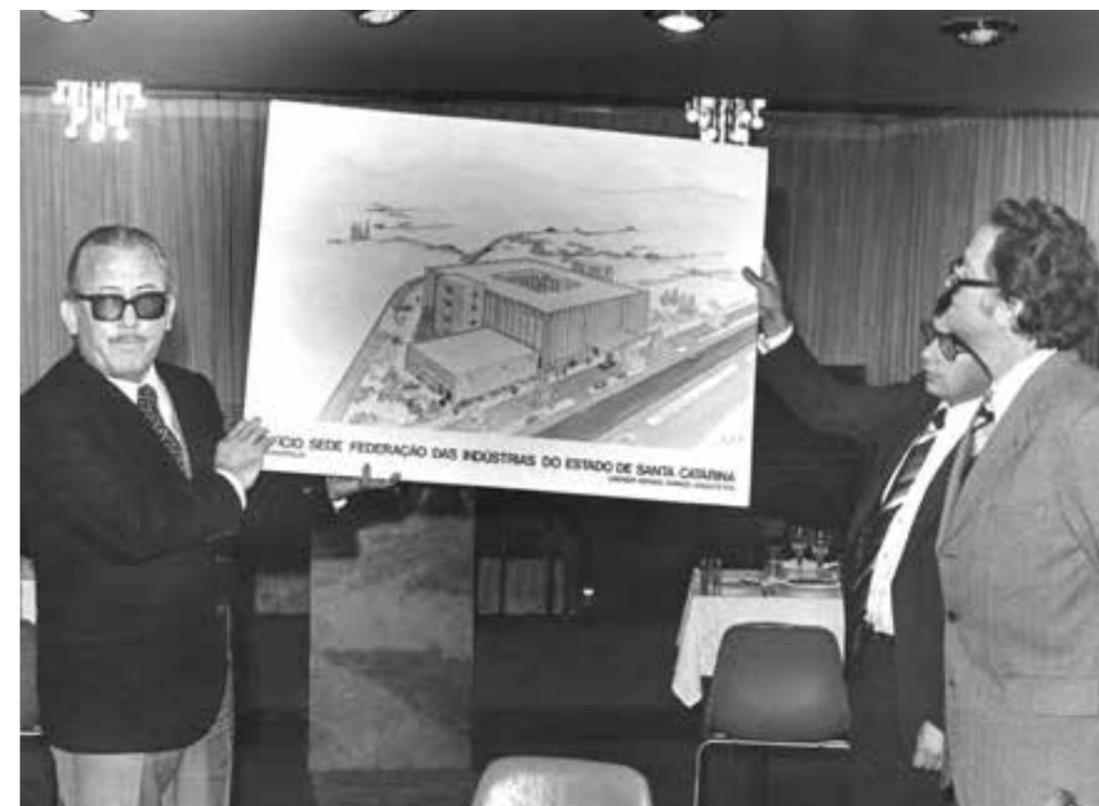
produtores, as condições sanitárias de produção passaram por uma grande revolução.

De fato, havia otimismo mesmo em meio à crise. Em 1983, após dois anos de construção, a FIESC inaugurou sua nova sede, no bairro Itacorubi, em Florianópolis, onde funciona até hoje.

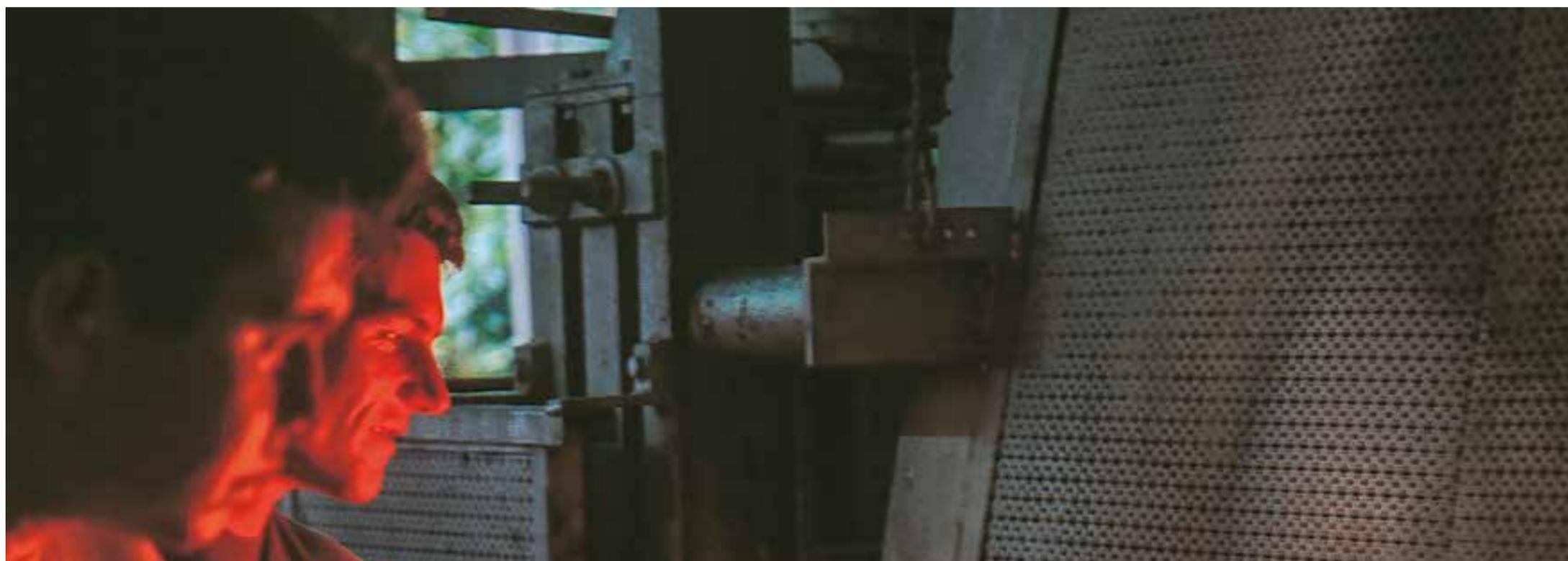
Por outro lado, naquele mesmo ano, as enchentes castigaram o território catarinense, especialmente o Vale do Itajaí, durante mais de um mês. Mais de 250 mil catarinenses, cerca de 5% da população do estado à época, foram desalojados de suas casas. Milhares de indústrias e estabelecimentos comerciais tiveram as atividades paralisadas ou seriamente prejudicadas.

Naquele cenário catastrófico, o presidente da FIESC, Bernardo Wolfgang Werner, liderou um pacto de não demissão de trabalhadores pelas indústrias atingidas pelas inundações, com base num programa de recuperação em parceria com o governo do estado. O princípio era simples: teriam acesso aos financiamentos as empresas que não demitissem ninguém. Deu certo: as indústrias conseguiram se recuperar sem precisar demitir, o que contribuiu para a autoconfiança dos catarinenses na reconstrução do estado.

Em 1986, ao final do longo período de 15 anos de Bernardo Werner à frente da FIESC, seu primeiro vice-presidente (que ocupou o cargo ao longo da maior parte desse período), Milton Fett, foi eleito para comandar a instituição. Foi a mais apertada eleição da história, pois ele venceu seu opositor, Otair Becker, por apenas um voto. Fett tinha uma longa relação com a FIESC, que vinha desde 1962, quando ocupou o cargo de diretor tesoureiro, além de outras funções na sequência. Os mandatos haviam se tornado de três anos, e ele foi reeleito em 1989 para mais um período, até 1992.



*Bernardo Werner (acima), um dos idealizadores da atual sede da FIESC, exibe planta do projeto. Eleito presidente em 1986, Milton Fett (abaixo), em frente ao novo prédio ocupado pela entidade até hoje, no bairro Itacorubi.*



A Cristallerie Strauss surgiu em 1983, aumentando a representatividade do polo cristaleiro de Blumenau. Mais do que uma técnica produtiva, a fabricação artesanal de cristais também é cultura: é uma tradição passada de geração em geração, de pai para filho.



Ação do SESI em 1981 distribuiu cestas de alimentos para industriários desempregados no norte catarinense.



Linha de esmaltação do curso técnico em cerâmica do Centro de Treinamento do SENAI, em Tijucas.

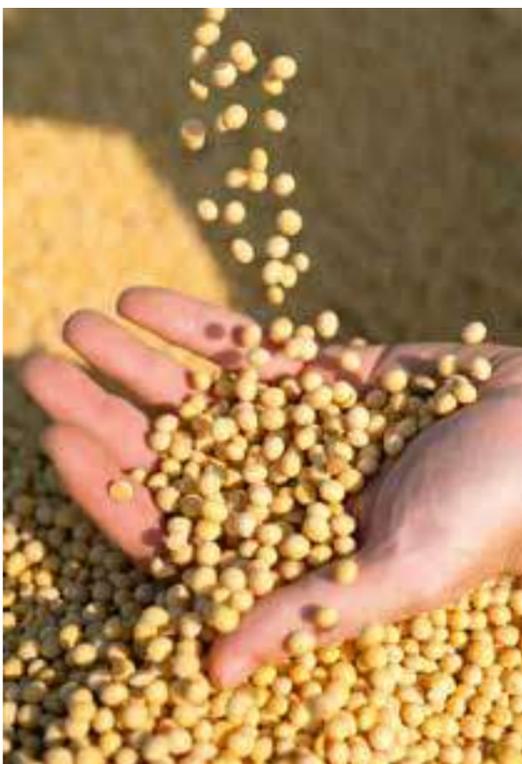


Inaugurado em 1986, em Blumenau, o Complexo Esportivo do SESI/SC recebeu o nome do ex-presidente da FIESC, Bernardo Werner.



Fett marcou sua passagem na presidência pela modernização na administração da entidade. Ampliou setores, como o jurídico, para ajudar a indústria a enfrentar os desafios que eram esperados. Também criou o setor econômico e estatístico, que fazia avaliações constantes e oferecia oportunidades de negócios e, ainda, uma assessoria para assuntos florestais e do meio ambiente. Além disso, uma das principais características de seu mandato foi a interiorização e a descentralização administrativa: criou comissões especiais e setoriais permanentes em áreas-chave para a indústria, como energia e política industrial e sindical. Essas comissões foram o embrião das atuais 23 câmaras setoriais e temáticas da FIESC.

Primeiro ciclo de debates político-econômicos, realizado no auditório da FIESC, em outubro de 1987. Na mesa, Mário Amato, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Milton Fett, presidente da FIESC, César Gomes, do Grupo Portobello, e o empresário Etevaldo Silva.



Santa Catarina sempre esteve presente nos índices comerciais e produtivos da soja ainda que de forma tímida. As adaptações devido ao clima e ao tipo de cultivo foram essenciais para a ampliação da cadeia produtiva.



Os portos catarinenses vêm crescendo a cada dia, a ponto de movimentarem hoje 14 mil toneladas de carga. Itajaí, São Francisco do Sul, Imbituba, Navegantes e Itapoá mantêm linhas regulares para as principais cidades portuárias do mundo.



Representação artística de tecido em Blumenau, cidade que ganhou, em 1988, um Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico da Indústria Têxtil. Esse centro foi fundamental para o crescimento da indústria em Santa Catarina, um dos setores mais desenvolvidos da economia do estado.



Para acompanhar o movimento da indústria, Fett implantou um departamento de comércio exterior que valorizou os países do Mercosul. A economia do estado então registrou um grande salto. No início dos anos 1970, as exportações catarinenses correspondiam a menos de 2% do total nacional, com 25% de produtos industrializados; no final dos anos 1980, alcançou os 6%, com 70% de industrializados.

O grande salto das exportações em Santa Catarina: o fumo já respondia por 20% dos embarques em 1975, e a soja, por 20% em 1980.

05  
DÉCADA DE  
1990



Ao assumir o governo do país, Fernando Collor produziu medidas impactantes, a começar pelo Plano Collor, que confiscou a poupança e deixou muitas famílias brasileiras em situação delicada. Também foi responsável pela abertura radical do mercado brasileiro. As tarifas de importação caíram drasticamente, os estímulos à exportação foram reduzidos e as reservas de mercado deixaram de existir.

*Trabalhadora em ação nas instalações da Cia. Hering, seção de estamparia. A empresa ajudou a indústria têxtil catarinense a se tornar uma potência nacional.*

Tudo isso levou dificuldades para alguns setores da economia catarinense, especialmente o têxtil, que sofreria a dura concorrência de produtos importados, especialmente os oriundos da China. A saída para a sobrevivência de muitas dessas empresas

foi a terceirização, em que etapas do processo são realizadas por pequenas prestadoras de serviços. Por outro lado, setores como a agroindústria começaram a encontrar mais facilidades para exportações.

Tratava-se, de qualquer forma, de um processo inevitável: o da globalização. A reação à concorrência estrangeira levou ao aumento da qualidade e da produtividade das empresas que souberam lidar com a questão, concluindo que o caminho era obrigatório. Às indústrias coube o papel de alcançar padrões internacionais para enfrentar a concorrência. Nem todas conseguiram, mas muitas se fortaleceram ao longo do período.

*Maçãs produzidas pela empresa Renar, de Fraiburgo. A cidade é famosa no Brasil por seus vastos pomares de maçã, favorecidos pelas temperaturas baixas durante o inverno.*





Os anos 1990 marcaram a reestruturação da indústria cerâmica, consolidada na região sul de Santa Catarina.

A busca pela qualidade envolveu a adoção de normas internacionais, como a ISO-9000, instituição com sede na Suíça, que se tornou gradualmente um objetivo para as indústrias do país durante toda a década.

Em 1990, devido à sua grande representatividade, a FIESC ampliou a quantidade de cargos da diretoria eleita, que passou para 42 cadeiras. Em 1992, o advogado e administrador de empresas Osvaldo Douat, integrante de uma família de empreendedores de Joinville (seu bisavô, o engenheiro Etiene Douat, chegou a Joinville em 1874 e coordenou a construção da estrada Dona Francisca), foi eleito presidente, cargo que ocuparia até o final da década. Depois de iniciar sua trajetória profissional como funcionário do Banco do Brasil, assumiu um cargo na empresa da família, a Metalúrgica Douat. Destacou-se como líder empresarial, sendo eleito presidente da Associação Empresarial de Joinville (ACIJ)



por dois mandatos, o que o credenciou para o convite para ser vice-presidente da FIESC na chapa de Milton Fett.

Sob a gestão de Douat, a indústria catarinense reforçou os vínculos com o mercado global, seguindo uma inevitável necessidade. Ele também conseguiu trazer para Santa Catarina nomes de importância global para realizar palestras e conferências. Hábil em promover a indústria além dos limites catarinenses, ele organizou a primeira missão empresarial da FIESC no exterior: uma visita à feira de Hannover, na Alemanha, considerada à época a mais importante do mundo no setor industrial. Um avião fretado pela FIESC, com 200 pessoas, partiu de Florianópolis diretamente para a cidade alemã. Com base nessa experiência, criou o Centro Internacional de Negócios (CIN), responsável por diagnosticar oportunidades internacionais e prestar serviços de apoio.



Acima, à esquerda, o presidente da FIESC, Osvaldo Douat, e o governador de Santa Catarina, Vilson Kleinübing, na Feira de Hannover: foi o início das missões empresariais, em 1993. À direita, na mesa, registro do Fórum Internacional de Empresas de Participação Comunitária, em Chapecó, em 1996, com o presidente da FIESC, Osvaldo Douat, o vice-presidente, José Fernando Xavier Faraco (à direita), e o diretor técnico do SENAI/SC, Vinícius Lummertz (à esquerda).



*Na segunda metade da década de 1990, com a estabilização da economia, a agroindústria catarinense inaugurou uma nova fase de competitividade. Foram introduzidas novas tecnologias, rações e linhagens de frangos e suínos, levando as vendas internas e externas a mais do que duplicar no período.*



Acima, prédio do Celta, incubadora que se tornou referência para a América Latina, quando passou a ter sede própria em 1995 – hoje, Parque Tecnológico Alfa, primeiro polo criado no estado. À direita, cerimônia de inauguração do Softpolis, em 1994.



Centro de Tecnologia em Automação e Informática (CTAI), em Florianópolis.



Inauguração do Centro de Tecnologia em Eletrometalmecânica (CTEMM), em Joinville, em 1999, com a participação do presidente Osvaldo Douat.

Visita e apresentação em 1998 para empresários do Micro Distrito Industrial de Base Tecnológica de Joinville (Midiville).

Mas o país não ia bem. A inflação chegou a quase 3.000% em 1993. Em 1994, o Plano Real foi lançado no governo Itamar Franco – vice de Fernando Collor, que assumiu a presidência depois que Collor renunciou em decorrência de denúncias de corrupção que o levaram a um processo de *impeachment*.

O Ministro da Fazenda de Itamar, Fernando Henrique Cardoso, foi eleito presidente em 1994. Iniciou um forte projeto de privatização de estatais da indústria pesada e de serviços públicos. Promoveu a estabilidade da moeda e o fim da inflação.

Em 1994, o Instituto Euvaldo Lodi (IEL) catarinense criou em Florianópolis o Softpolis, Laboratório de Desenvolvimento de *Software*, de olho nos avanços tecnológicos daquele período. Em 1998, foi inaugurado o Micro Distrito Industrial de Base Tecnológica de Joinville (Midiville), incubadora da FIESC em Joinville, projeto em conjunto do IEL/SC, do SENAI/SC, da CNI e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Iniciativas semelhantes seriam realizadas em Criciúma e Chapecó nos anos seguintes.





*Implantado pelo SESI/SC em 1998, o Programa Lazer Ativo reforçava a preocupação da indústria com a saúde do trabalhador.*

No embalo das discussões da Eco 92, conferência mundial de meio ambiente realizada no Rio de Janeiro, preocupações ambientais também entraram na pauta da indústria catarinense. Surgiu a ISO 14.000, certificação de gestão ambiental. Foram direcionados investimentos para estruturas como estações de tratamento de efluentes e, mais tarde, sistemas de reúso de água e mecanismos para aumentar a eficiência energética e reduzir a emissão de gases que podem agravar o efeito estufa. A assinatura do Protocolo de Kyoto, em 1997, reforçou essas preocupações.

Em 1995, numa parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a FIESC criou o Programa de Qualidade Ambiental na Indústria Catarinense. No mesmo período, a internet, uma das maiores revoluções tecnológicas da história, chegou ao Brasil.

Em 1999, José Fernando Xavier Faraco, nascido em Florianópolis, engenheiro de telecomunicações que havia sido vice-presidente de Douat durante todo o seu período à frente da FIESC, assume a presidência da entidade. Ele foi fundador e primeiro



presidente da Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (Acate) e um dos três sócios fundadores da Dígito, empresa pioneira do polo tecnológico criada em 1977, que se consolidaria na capital catarinense. Permaneceu seis anos no cargo.

A década de 1990 foi de ampliação do parque industrial catarinense, o que pode ser comprovado pelo número de indústrias em atividade, que quase dobrou no período, passando de 11,8 mil para 20 mil. A média de crescimento do PIB brasileiro na década foi de 1,7%, enquanto o de Santa Catarina foi mais do que o dobro, 3,5%.

Faraco defendia o aumento do valor agregado dos produtos da indústria catarinense, o que envolvia não apenas a necessidade de incentivar o desenvolvimento de novos setores, mas também de reinventar os setores tradicionais da indústria no estado.

Foi um período também de aperfeiçoamento do corpo técnico e diretivo das diversas instituições que compõem o Sistema FIESC.

*O Curso Superior de Tecnologia em Automação Industrial foi um dos primeiros do SENAI na educação superior. A partir de 1997, foram criados projetos de melhoria da escolaridade dos operários até a graduação.*

06

DÉCADA DE  
2000





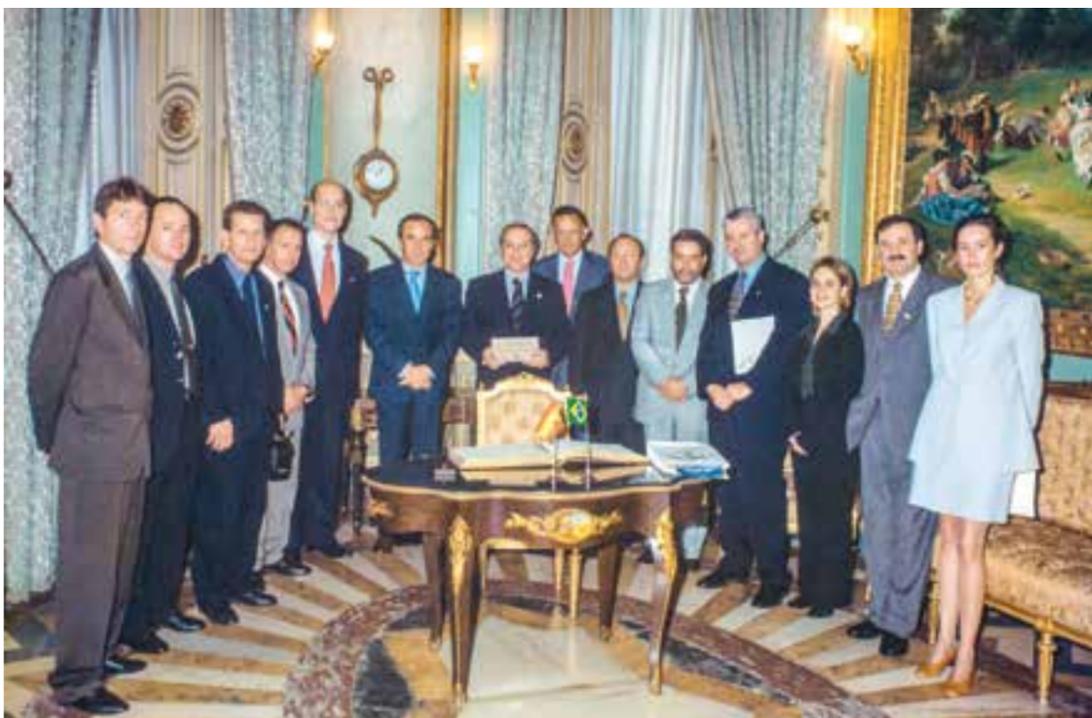
Proposto pela FIESC, o Fórum Sul de Energia buscou soluções para a crise de fornecimento conhecida como “apagão”. Reuniu os presidentes das três federações de indústrias.

A construção da Usina Hidrelétrica de Itá marcou o setor elétrico nacional, sendo a primeira hidrelétrica concluída pela iniciativa privada no país.

Empresa de tecnologia com sede em Florianópolis, a Cebra iniciou suas atividades em 1990 e hoje é a maior fabricante de fontes chaveadas da região Sul.

O início da década chegou com a liderança de um presidente que representava o mercado da tecnologia, o que já deixou claro que a entidade tinha novas pretensões. Até o final dos anos 2000, Santa Catarina acabaria se consolidando como um polo de Tecnologia da Informação. Mas não foi apenas isso. Por exemplo, o uso racional de energia elétrica também se transformou numa preocupação a mais para as indústrias catarinenses. E assim surgiu a proposta de criação do chamado Fórum Sul de Energia. A política de união com os outros dois estados da região nas reivindicações em conjunto foi reforçada na década, tanto no campo empresarial quanto no político. Ao participar ativamente do Fórum Industrial Parlamentar Sul, a FIESC elaborou um relatório minucioso com o estudo sobre a infraestrutura da região.





*Missão empresarial realizada pela FIESC na Espanha. A década ficou marcada pela grande expansão da indústria catarinense, desbravando mercados internacionais.*

Naquele momento, a China já despontava como grande potência mundial, e a FIESC organizou sua primeira missão empresarial àquele país, em 2004. A iniciativa reforçou outra característica da década, que foi a expansão da presença catarinense no exterior, e isso se deveu a ações da federação, como as missões empresariais para a Ásia, o Oriente Médio, o Leste Europeu e a Liga Árabe. Era preciso descobrir novos mercados.

Nesse sentido, a FIESC promoveu missões para a cooperação econômica e o intercâmbio comercial entre empresas catarinenses e italianas e organizou o Encontro Econômico Brasil-Alemanha 2007, em Blumenau. Estabeleceu ainda uma parceria com o Instituto Fraunhofer, de Dortmund, na Alemanha, para transferência de conhecimento na área de logística.



*Macedo Agroindustrial, de São José, contava com 1.200 colaboradores em 2008, quando foi adquirida pela Tyson Foods. Hoje é uma unidade da JBS.*

*ArcelorMittal Vega: indústria de aços planos de São Francisco do Sul, maior produtora de aços longos do Brasil, com operações em cinco estados.*





A automação dos sistemas de controle nas medições e correções de seu funcionamento, sem interferência do homem.

Programa do SESI/SC para inclusão de pessoas com deficiência prepara profissionais para o mercado de trabalho.



Uma das empresas de tecnologia industrial mais inovadoras do Brasil, a Pollux, de Joinville, está presente na produção de 75% dos carros fabricados no país.

Em 2005, Alcantaro Corrêa, nascido em Pomerode e formado em Engenharia Mecânica pela UFSC, é eleito para a presidência da FIESC, em chapa única, também permanecendo seis anos no cargo, com uma reeleição. Ele já havia sido presidente por quase 15 anos da Electro Aço Altona, a empresa pertencente à família do ex-presidente da FIESC Bernardo Wolfgang Werner, que permanecera à frente da instituição entre 1971 e 1986.

A gestão de Corrêa teve entre suas prioridades questões ligadas à sustentabilidade da indústria e à preservação do meio ambiente. Em 2006, Corrêa assumiu a vice-presidência da CNI, o que contribuiu para aumentar ainda mais a representatividade da indústria catarinense no cenário nacional.

Ao lado do presidente da CNI, Armando Monteiro Neto (à esquerda), Alcantaro Corrêa foi eleito presidente da FIESC em 2005.

Naquele mesmo ano de 2006, a FIESC elaborou o documento Pacto Federativo como Instrumento do Desenvolvimento Sustentável. Em 2008, lançou o programa Mercado de Carbono, em parceria com a CNI.



Alcantaro Corrêa em missão à Coreia do Sul, que se consolidou como um novo mercado para o exportador catarinense.

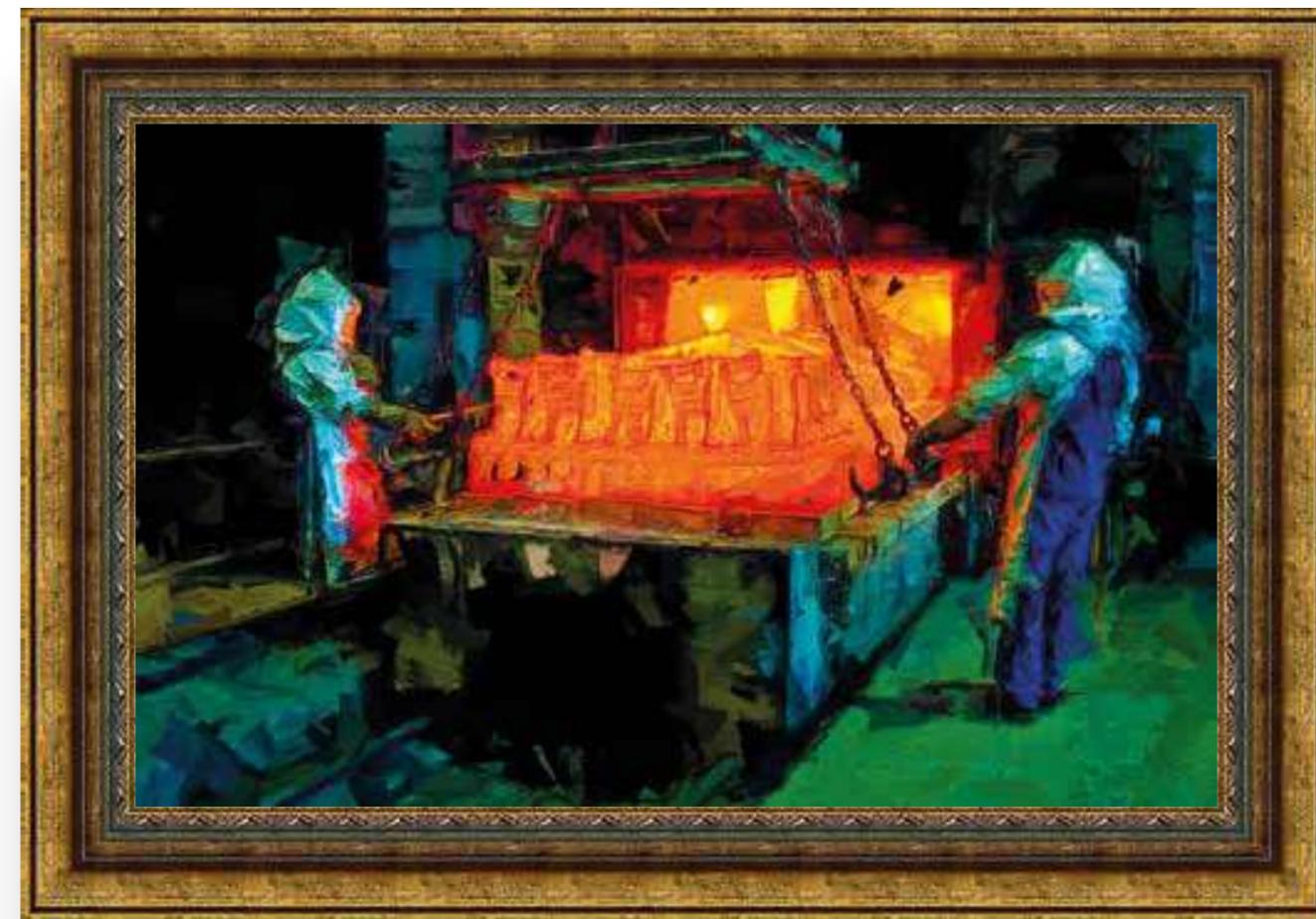
Referência global em máquinas elétricas, a WEG é uma multinacional brasileira com sede na cidade de Jaraguá do Sul.





Líder nos mercados em que atua, a multinacional Tigre está presente em 40 países e tem sete mil funcionários.

Em junho de 2000, o Porto de Itajaí virou autarquia municipal. É o segundo porto do país em movimentação de contêineres.



A FIESC assumiu ainda, na figura de seu presidente, Alcantaro Corrêa, protagonismo em campanhas como aquela contrária ao aumento do ICMS, em 2006, e à prorrogação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), em 2007. Ele também decidiu pela contratação de auditorias independentes para avaliar o andamento das obras de duplicação do trecho sul da BR-101 (entre o município de Palhoça e a divisa com o estado do Rio Grande do Sul), tendo, assim, embasamento técnico para denunciar os problemas e o atraso que já se manifestavam nas obras da nova rodovia.

A Electro Aço Altona é uma empresa dedicada à fundição e à usinagem para o fornecimento de peças em aços carbono e ligado.

Firme em suas opiniões e muito objetivo, Corrêa tinha uma visão pragmática dos desafios. Gostava de pensar em projetos e soluções práticas. Valorizou as vice-presidências regionais, aproximando-as ainda mais da presidência da FIESC.



07  
DÉCADA DE  
2010





Lançamento do Movimento SC pela Educação, que chamou a atenção da indústria e da sociedade catarinense para a importância da qualificação do trabalhador.



Em 2019, a General Motors inaugurou oficialmente outra fábrica de motores em Joinville, quatro vezes maior do que a primeira, aberta em fevereiro de 2013.

Em 2011, Glauco José Côrte, que havia sido o primeiro vice-presidente da gestão de Alcantaro Corrêa e ocupado o cargo de diretor-secretário nas gestões de Douat e Faraco, foi eleito presidente da FIESC, tendo como primeiro vice-presidente Mario Cezar de Aguiar. Mantendo a tradição, seria reeleito para mais um mandato e permaneceria sete anos à frente da entidade.

Formado em Direito, ex-vice-presidente executivo da Portobello e diretor da Portobello América, nos Estados Unidos, com passagem também pela presidência do Conselho de Administração da Celesc, Côrte sempre foi um defensor da educação como caminho para a inovação constante na indústria catarinense.

A educação era uma bandeira que ele levantava desde os tempos da faculdade de Direito, quando lecionou voluntariamente nos cursos para adultos do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral). Sua ligação com a FIESC vinha desde a adolescência, pois seu primeiro emprego, em 1959, foi como balconista do supermercado do SESI, em Brusque.

Eleição de Glauco José Côrte (centro), em 2011. À direita, o atual presidente da FIESC, Mário Cezar Aguiar. À esquerda, o antecessor de Glauco na presidência, Alcantaro Corrêa. Reunidos, portanto, os três últimos presidentes da FIESC.



*Inclusão social: o Sesi sempre buscou criar oportunidades para pessoas com deficiência ou reabilitadas. Para promover oportunidades de emprego, a FIESC lançou em 2018 o Portal Inclusão Sesi/SC, que conecta quem procura trabalho a empresas que querem contratar.*

Em 2012, a entidade lançou o movimento A Indústria pela Educação, que contou com a adesão de mais de 2.200 indústrias, com 877 mil matrículas em serviços educacionais no triênio 2012-2014. O presidente Côrte percorreu todas as regiões do estado para sensibilizar empresários e sociedade em torno da importância do tema e do programa.

O objetivo era fazer a indústria se comprometer efetivamente com o aumento do nível de escolaridade e da capacitação de seus trabalhadores. Apenas metade da força de trabalho do estado tinha ensino médio e superior, quando o ideal, considerando o estágio tecnológico da indústria catarinense e a complexidade da organização do trabalho, seria ter um índice de pelo menos 85%.

Com grande representatividade da sociedade catarinense, a iniciativa recebeu o nome de Movimento Santa Catarina pela Educação. Ali se abrigou o Projeto dos Jovens Embaixadores, quando foram escolhidos 32 jovens, dois de cada uma das 16 regiões catarinenses, líderes naturais, envolvidos em atividades ligadas à educação em suas comunidades.

Em outra frente, os institutos do SENAI/SC alavancaram o setor tecnológico no estado. A partir de 2012, foi implantada uma rede com sete institutos SENAI de Inovação, de abrangência nacional, com foco em Sistemas de Manufatura e de Processamento a Laser, em Joinville, e de Sistemas Embarcados, em Florianópolis. Além disso, também foram instalados sete Institutos SENAI de Tecnologia, focados no desenvolvimento de setores industriais proeminentes no estado.



*Sistema de microusinagem, do Instituto de Joinville: fabricação de peças milimétricas com alta precisão. Em 2013, o SENAI Joinville instala a primeira máquina do país.*

*A Schulz é a maior fabricante de compressores de ar da América Latina. Em 2013 a empresa completou 50 anos, e em 2017 abriu sua fábrica em Xangai.*



Novo terminal de passageiros do Aeroporto Hercílio Luz, em Florianópolis, inaugurado no dia 1º de outubro de 2019, considerado o segundo melhor do país.

As ferrovias chegaram no início dos anos 1880, com a construção da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina (EFDTC), aberta ao tráfego em 1884.



Questões de infraestrutura debatidas pela indústria catarinense: duplicação da BR-101 e construção do contorno viário da Grande Florianópolis.

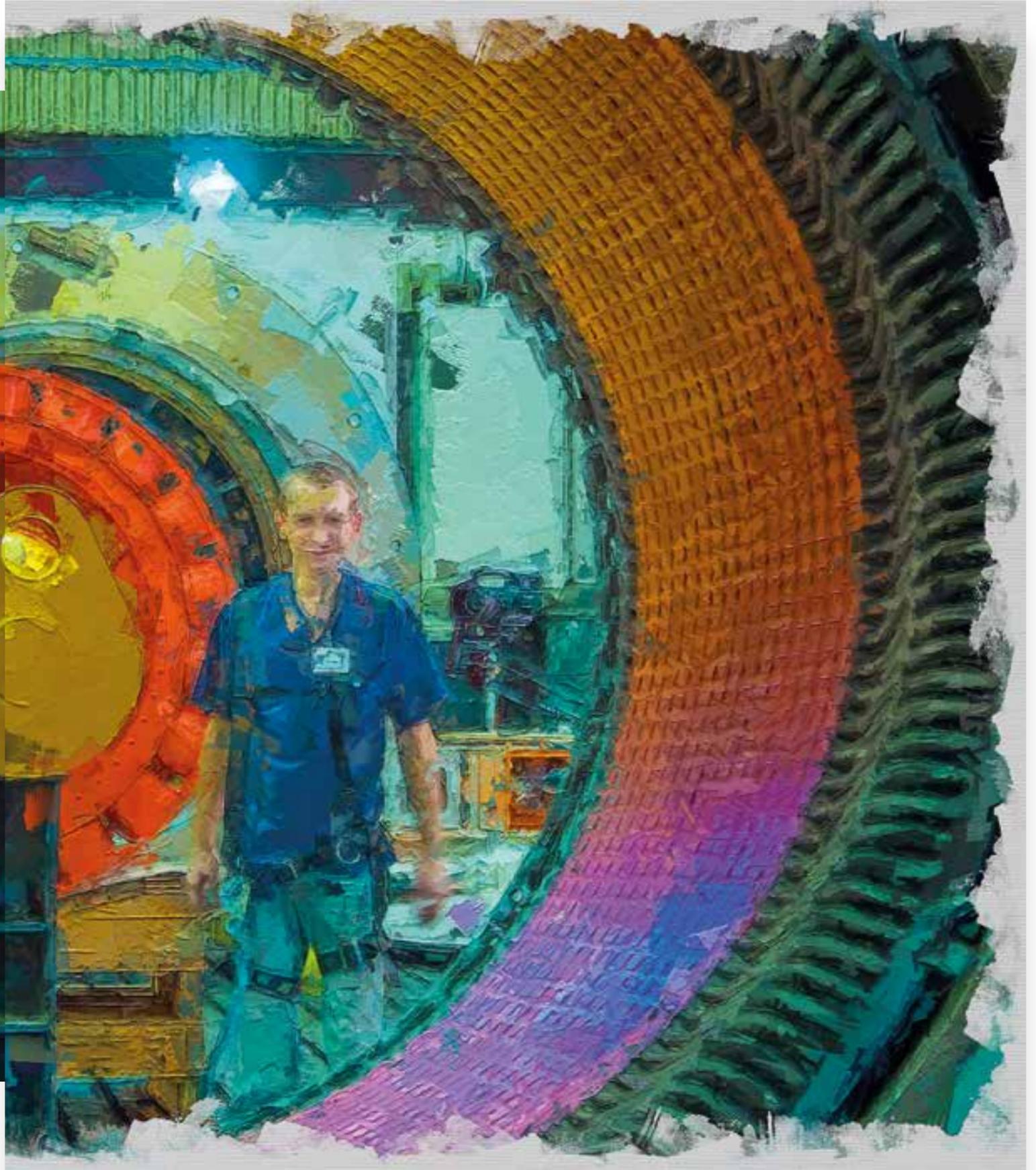


Em 2012, o setor fez uma grande reavaliação estratégica, que resultou no Programa de Desenvolvimento Industrial Catarinense 2022 (PDIC 2022), base para a política industrial do estado e referência para as ações da FIESC. Envolveu mais de 1.300 pessoas, incluindo 500 lideranças regionais e acadêmicos de diversas especialidades, numa reedição dos Seminários Socioeconômicos, um marco na história da entidade.

Em 2013, a FIESC criou o site Monitora FIESC para acompanhar a evolução dos projetos e das obras ligados à infraestrutura catarinense. Dezenas de projetos são acompanhados pela iniciativa, que verifica o andamento das obras. O foco é monitorar projetos que não cumprem o cronograma previsto, por uma série de fatores, especialmente a falta das verbas necessárias.

Em 2014, foi publicada a Carta da Indústria, visão dos empresários do estado sobre os entraves à produção e ao crescimento de Santa Catarina. O obstáculo para o crescimento mais citado era justamente a “insuficiência de trabalhadores com a formação adequada”, seguido por “demora e excesso de burocracia no setor público” e “insuficiência de incentivos fiscais”. A ação para estimular o crescimento citada como a mais prioritária de todas foi “incrementar a infraestrutura logística”, seguida por “oferecer incentivos fiscais” e “melhorar a qualidade da educação”.

Lançado em 2012, o Programa de Desenvolvimento Industrial Catarinense (PDIC) teve como primeira etapa a realização de estudos que apontaram os setores produtivos mais promissores de Santa Catarina. Foram identificados, com base em pesquisas, 16 segmentos “portadores de futuro” em todas as regiões do estado.



Novas ideias e ciência aplicada são o motor da indústria metalomecânica.



Geração a carvão responde pelo equivalente a 35% da eletricidade que chega às residências e indústrias catarinenses.

Empresário da construção, Mario Aguiar foi eleito presidente da FIESC em 2018. À esquerda, o presidente anterior, Glauco José Côrte. À direita, o industrial Gilberto Seleme, primeiro vice-presidente da nova gestão da FIESC.

Em 2018, assumiu a presidência da FIESC o empresário Mario Cezar de Aguiar, ex-vice-presidente da entidade e também presidente da Câmara de Transporte e Logística. Formou-se em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e é reconhecido como um especialista em construção civil e em gestão empresarial. Atua na área de construção e incorporação imobiliária desde 1981. Fundou e presidiu o Serviço Social da Construção Civil de Joinville (Seconci) e foi conselheiro da Usimed e da Unisociesc. É conselheiro do Instituto Core e membro do Conselho do Centro de Engenheiros e Arquitetos de Joinville.

Os desafios da FIESC para os próximos anos são ampliar os negócios nos setores tradicionais e nas novas apostas para o futuro da indústria catarinense. Aqui é possível citar os setores automotivo e aeronáutico, além da biotecnologia. São imensos os desafios desses anos 20 do século 21: investir em infraestrutura, e isso significa planejamento integrado do sistema de transporte e de logística; reduzir o déficit de saneamento básico em Santa Catarina, um dos estados mais atrasados nesse sentido; melhorar a mobilidade urbana; incentivar a produção de energias renováveis; e melhorar a qualidade da rede de telefonia móvel e das telecomunicações em geral.



Com sede em São Bento do Sul, a Tuper é uma das maiores processadoras de aço do Brasil, com capacidade produtiva de 826 mil toneladas de aço por ano.



FIESC participou ativamente de grandes reformas nacionais, como a trabalhista.

Incentivos fiscais para equalizar competitividade foram conquistados importantes em 2019.



Construção naval em Santa Catarina planeja retomada com construção de embarcações para a Marinha.



É preciso, ainda, desburocratizar as exportações, reduzir e simplificar a carga tributária, aumentar o nível de escolaridade dos trabalhadores e desenvolver a cultura de inovação e tecnologia dentro das empresas. E, assim, cumprir o papel histórico da FIESC ao defender não apenas a indústria, mas toda a sociedade catarinense.

A Rudnick é um dos maiores complexos moveleiros do país, com sede em São Bento do Sul.



# UMA VISÃO DE FUTURO



*Pandemia do coronavírus sinaliza inflexão histórica, e a FIESC cumpre seu papel de liderar as reflexões necessárias para reinventar a indústria catarinense. Primeiro passo foi o debate virtual do Projeto Travessia, inspirado no New Deal.*

Nos capítulos anteriores, foi recuperada a trajetória de 70 anos da FIESC, inspirada no conceito de indústria associada à arte. Neste capítulo final, é hora de projetar na tela de nossos horizontes o destino e a missão da entidade para a nova década que se inicia e para o futuro, de maneira mais ampla.

Quando este livro já estava praticamente pronto, a pandemia do novo coronavírus surpreendeu o mundo. Um problema sanitário transformou-se imediatamente numa grave crise econômica, com potencial para gerar um desequilíbrio social histórico. Como vimos nas páginas anteriores, ao longo dos últimos 70 anos a indústria catarinense enfrentou muitos desafios, com anos de PIB em queda ou de estagnação, inflação galopante, variações cambiais, equívocos ou omissões governamentais. E sempre soube se adaptar e transpor os obstáculos.

Durante a pandemia, a FIESC rapidamente mobilizou o setor empresarial catarinense, que sempre, em momentos como este, mostrou solidariedade. Sob a liderança da entidade, um fundo

empresarial arrecadou recursos para apoiar os catarinenses no enfrentamento da crise sanitária. As estruturas da federação, do SESI, do SENAI e do IEL entraram em ação, levando serviços da área de saúde aos catarinenses, articulando o aumento da disponibilidade de respiradores, seja pelo conserto, pelo aumento da produção nacional ou pela importação; montando uma central de atendimento à indústria, com todas as informações necessárias em áreas como a trabalhista e a tributária; e até com projetos para a produção de equipamentos de proteção individual. A interlocução da FIESC com o setor público foi fundamental para minimizar os impactos que uma interrupção total das atividades poderia provocar.

O mundo pós-coronavírus certamente será diferente. E para planejar os próximos passos da indústria, a FIESC lançou o projeto Travessia, que propõe a discussão sobre o futuro da indústria nesse novo contexto. São quatro frentes: reinvenção do setor e da economia, investimento em infraestrutura, atração de capital e pacto institucional. A iniciativa foi apresentada no Fórum *New Deal SC*, evento *on-line* inspirado no programa que ajudou os Estados Unidos a saírem da Grande Depressão, na década de 1930. Realizado no dia 8 de maio, o debate reuniu presidentes de algumas das maiores indústrias catarinenses. A lógica é a de que as empresas que se adaptarem mais rapidamente a esse novo cenário estarão mais bem posicionadas para a competitividade.

Mas, independentemente das guinadas que a história dá, a FIESC possui uma estratégia consistente para os próximos anos. Com pincéis, paleta de cores, inteligência estratégica e inspiração criativa, é possível formular o desenho e as projeções fundamentais sobre como a federação quer e pode ajudar na direção de uma nova indústria catarinense – seja na perspectiva da presente gestão ou numa dimensão ainda mais longa, como é o caso do projeto específico já estabelecido para a atuação do SESI e do SENAI até 2030 na área educacional.

A meta segue sendo o estado da arte, a excelência da indústria e o nível mais alto de desenvolvimento, o que exige a permanente qualificação dos industriais e de seus colaboradores como artífices contemporâneos sintonizados e em linha com a vanguarda tecnológica, de gestão e de inovação neste século 21.

Com o objetivo de cumprir sua missão, a visão de futuro da FIESC está embasada em grandes eixos para enfrentar de modo bem-sucedido os desafios e as transformações demandadas e resumidas em 4 Is: **infraestrutura, inovação, internacionalização e inclusão** (esta última, abrangendo educação e saúde).

FIESC, SESI, SENAI, IEL e CIESC querem apoiar cada vez mais, com criatividade e eficiência, o crescimento das empresas e permitir que ganhem qualidade e produtividade, tornando o parque industrial catarinense ainda mais inovador, rentável e competitivo.

As entidades da FIESC continuarão a atuar em todas as regiões de Santa Catarina, oferecendo serviços que gerem crescente valor e tragam resultados para a indústria. A federação persistirá sendo a voz dos industriais na defesa de um ambiente mais favorável à produção, com menos impostos, legislação adequada e lutando sempre para a obtenção da infraestrutura essencial que garanta o bom fluxo das atividades produtivas e dos negócios.

Por sinal, se o investimento em infraestrutura sempre foi uma bandeira da instituição, ganha ainda mais relevância daqui para frente, já que essa pode ser uma importante frente para induzir a volta do crescimento econômico. As bases para apoiar estes investimentos estão preparadas e está claro que a participação privada será fundamental, dadas as dificuldades fiscais do Estado, agravadas pela pandemia. Ao longo dos últimos anos, a entidade ampliou a interlocução com toda a sociedade catarinense para definir prioridades em todos os modais, ao criar o Conselho Estratégico para Infraestrutura de Transporte e a Logística Catarinense, com participação de mais de 20 entidades. Também lançou o livro *Proposta para inserção de Santa Catarina no contexto logístico nacional*, que propõe a elaboração de um banco de projetos, que identifique oportunidades para investimentos públicos e privados, além de um planejamento integrado do sistema de transporte catarinense, respeitando variáveis macroeconômicas e a distribuição espacial da produção estadual. A FIESC defende a necessidade de valorizar a indústria no planejamento logístico brasileiro, hoje muito focado em corredores de exportação de *commodities*.

*Câmaras setoriais e técnicas estão entre os fóruns consultivos da FIESC para orientar a gestão na defesa da competitividade.*





Observatório FIESC foca em inteligência competitiva e fornece informação de credibilidade para tomada de decisão.

A visão de futuro inclui também o crucial papel de contribuir eficazmente para que as empresas formem equipes engajadas e preparadas para os desafios do setor, ampliando e sofisticando a oferta de serviços educacionais e para a saúde e a segurança no trabalho, além de soluções *up-to-date* para o apoio à gestão e o acesso à tecnologia e à inovação. O conjunto desse poderoso instrumental visa à essencial competitividade e à produtividade das indústrias para que assegurem seus nichos e também conquistem novos mercados no Brasil e no exterior.

Vale destacar que a indústria catarinense tem sido e continuará a ser o motor da economia no estado, pois é o setor que proporciona melhores empregos, gera tributos e move os demais elos da cadeia produtiva, estimulando atividades de serviços, transporte e comércio. Reconhecidamente, esse efeito multiplicador se traduz em desenvolvimento para todos: os municípios mais industrializados são os que têm o melhor desempenho no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). E a FIESC quer contribuir para que o PIB *per capita* catarinense continue a crescer e a beneficiar a sociedade como um todo.

Nos anos à frente, a FIESC aspira contribuir para que Santa Catarina mantenha o seu *status* de parque industrial dos mais diversificados do Brasil, distribuído regional e vocacionalmente em todo o território, com diversos polos setoriais especializados – muitos deles líderes em seus segmentos no país e no mundo.

Também, de maneira atenta e crescente, a federação continuará a valorizar a informação de credibilidade como pré-requisito para a tomada de decisão com qualidade, especialmente por meio do Observatório FIESC – pesquisando, compilando e disseminando estudos e estatísticas que dão suporte às estratégias da indústria. Além disso, pretende atrair sempre mais investimentos para a promoção permanente de desenvolvimento.

De modo a instrumentalizar sua missão e seu papel junto aos industriais, a FIESC tem aperfeiçoado o seu próprio sistema interno de gestão, adotando quatro pilares para atingir as metas definidas pela atual diretoria, mas com visão de longo prazo. São eles: *compliance*, *lean office*, transformação digital e gestão de risco. Para isso, inclusive, deflagrou um processo de mudança cultural.

Inovação e internacionalização são estratégias para o futuro da indústria. Busca de referências em Israel é exemplo de atuação com esse foco.

O projeto 2020-2030 para o SESI e o SENAI tem como premissas elementos constitutivos do próprio DNA das duas instituições, tais como: 1) transformar a sociedade e desenvolver a nação; 2) ser base de uma indústria forte e sustentável; 3) preparar pessoas e organizações para a nova economia; e 4) incluir pessoas e gerar oportunidades. A meta geral é qualificar a formação dos industriários e melhorar a sua qualidade de vida, apoiando o desenvolvimento da indústria e sua produtividade.

No que tange à inovação e à tecnologia, a visão de futuro consiste em tornar as indústrias catarinenses ainda mais inovadoras. A indústria 4.0 já é uma realidade, e as entidades da FIESC estão preparadas para apoiar empresas no constante desafio de se reinventar. Institutos de inovação e de tecnologia, com laboratórios de ponta, estarão à disposição da indústria para prestar os serviços necessários à manutenção da competitividade, abrangendo segmentos como: convergência tecnológica, inteligência artificial, internet das coisas, nanotecnologia, biotecnologia, automação e robótica.

Em busca de novos investimentos e desenvolvimento tecnológico, a atuação da FIESC será articulada crescentemente com o ecossistema de inovação catarinense. O propósito é fortalecer essa rede, ampliando as oportunidades de captação de recursos e o potencial de atuação sinérgica entre indústrias consolidadas e *startups*.

O papel que a FIESC terá cada vez mais na inovação da indústria em Santa Catarina visa a fortalecer nossa matriz produtiva, o que significa gerar produtos com altíssimo valor agregado, atrair mais investimentos e contar com a já citada infraestrutura de apoio ao desenvolvimento educacional, tecnológico e de serviços.

Do ponto de vista da internacionalização, o foco da FIESC é contribuir para que as empresas tenham maior competitividade tanto no mercado nacional quanto no mercado global. Para isso, a federação priorizará a internacionalização da indústria catarinense por meio de iniciativas como a promoção, a prospecção e a inteligência comercial, além da capacitação.



Investimento em infraestrutura é oportunidade para ampliar competitividade de SC e estimular a retomada pós-pandemia, com participação privada.

Livro com proposta da FIESC para a logística nacional: participação privada e planejamento são fundamentais.



*Apresentação do Projeto 20/30, que propõe salto educacional reforçando papel de referência do Sesi e do SENAI em qualidade na educação.*

No criativo concerto orquestrado pela FIESC – visando sempre à excelência, à originalidade e ao estado da arte –, a federação tem posicionado a **inclusão** com um sentido bem mais abrangente e crucial para enfrentar os desafios do futuro. A atual gestão compreende que uma indústria forte depende de fatores como inovação, boas estratégias de *marketing* e processos de produção eficientes. E, nesse sentido, todo empresário sabe que seu time de profissionais é fator determinante para o sucesso.

Investir na formação e na saúde do trabalhador, portanto, é uma decisão que, por beneficiar as pessoas, envolve um fator humano, ao mesmo tempo em que também é crítico para a competitividade. A inclusão tem correlação direta com isso. Integrar nas equipes pessoas com deficiência ou de idades, gêneros, raças e habilidades diversas, além de assegurar igualdade de oportunidades, traz diferentes perspectivas na busca por novas soluções para as questões com as quais as empresas deparam-se no dia a dia.

Em seu planejamento estratégico, as entidades da FIESC estão propondo uma perspectiva ampliada para o uso do termo

inclusão, conectando-o ao atual ambiente em rápida e constante transformação. A abordagem definida é a inclusão de pessoas e empresas para fazer frente aos desafios impostos a modelos de negócio na nova economia. Sem isso, pessoas e pequenas organizações podem ficar para trás.

A proposta significa, de um lado, promover a saúde e a segurança nos ambientes de produção, apoiando a indústria para que ela promova a educação de seus profissionais, qualificando e requalificando a força de trabalho e, de outro lado, dar oportunidade para que também as pequenas companhias possam acessar serviços para se tornar mais inovadoras e, inclusive, se internacionalizar.

Mais do que nunca, a FIESC precisa estar pronta para os novos tempos! A entidade conta com o talento, a dedicação, a competência e a criatividade de todos os seus colaboradores, dos industriais catarinenses e dos trabalhadores do setor. Juntos, faremos uma indústria e uma Santa Catarina cada vez melhores e mais bem-sucedidas em todas as dimensões!

*Prédio do Instituto da Indústria, em Florianópolis, abriga o Instituto SENAI de Inovação em Sistemas Embarcados e o Centro de Inovação Sesi em Tecnologia para Saúde.*

## PROTAGONISTAS & PARCEIROS

*Histórias, campanhas e homenagens de empresas e entidades parceiras da FIESC que são protagonistas do sucesso dessa trajetória de sete décadas de conquistas para o setor industrial catarinense.*



# MODERNA, DIVERSIFICADA E SUSTENTÁVEL



Localizada no meio-oeste catarinense, companhia realiza o plantio de florestas e conta com ETE, Aterro Sanitário e PCH para geração de energia.

**A Adami está entre as empresas líderes no mercado de embalagens de papelão, sendo uma das principais responsáveis pelo abastecimento da região Sul**

**CONSTITUÍDA** em 1942, a Adami S/A iniciou sua atuação no segmento madeireiro com uma estrutura modesta. Na época, a Adami mantinha como principais atividades o desdobramento e a comercialização da madeira bruta, além da fabricação e da comercialização de caixas de madeira.

A empresa sempre realizou constantes investimentos em máquinas

e equipamentos de alta tecnologia. Essa característica empreendedora foi decisiva para a verticalização dos setores de atuação, permitindo a ampliação de produtos e a conquista de novos clientes e mercados.

Atualmente, é composta de cinco Unidades de Negócio: Florestal, Madeireira, Papel, Embalagem e Energia Elétrica. Os principais produtos desenvolvidos pela atividade industrial são: madeira serrada e beneficiada, painéis, molduras, portas, kits de portas, pellets, modulados, papel para embalagens, chapas e caixas de papelão ondulado. Além disso, produz energia elétrica e realiza o plantio de florestas produtivas.

A Adami mantém vários projetos ambientais, construiu seu próprio aterro industrial e conta com uma moderna estação de tratamento



de efluentes, ambos balizados pelos órgãos ambientais. Na área social, a empresa também é reconhecida por investir de forma permanente no bem-estar de seus colaboradores.

SETOR: MADEIREIRO/  
PAPEL E EMBALAGEM

SEDE: CAÇADOR (SC)

FUNCIONÁRIOS: MAIS DE 2 MIL

Assembleia Legislativa de Santa Catarina apresenta:

## LEIS QUE MUDAM VIDAS.

**LEI Nº 17.292**

DE 19 DE OUTUBRO DE 2017

### LEI DO AUTISMO

*Garante às pessoas com autismo pleno exercício de direitos, como previdência social, trabalho, educação e saúde.*

Marcos Petry é autista. Em seus vídeos e palestras, ele relata suas experiências, inspirando milhares de pessoas. Graças à participação de pessoas como ele, existe a lei que garante os direitos dos autistas.

**E você? Qual é a sua bandeira? Acesse nossas redes sociais e conte pra gente.**



**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA**



# TECNOLOGIA A FAVOR DO SONO



Unidades fabris em Blumenau contam com capacidade de produção de mais de 1,5 milhão de peças por mês.

**Uma vida melhor e mais feliz começa por uma boa noite de sono. Esta é a filosofia que a Altenburg leva para os lares e corações das pessoas, sempre inovando para proporcionar mais qualidade de vida aos brasileiros**

**A HISTÓRIA** da Altenburg inicia-se em 1922 pelas mãos de Johanna Altenburg. Para garantir o sustento da família, ela começou a confeccionar e comercializar acolchoados artesanais. Com o passar dos anos, a empresa foi crescendo, se modernizando e a mão da família continuou presente no comando: primeiro com Arno e Anna Altenburg e, atualmente, com o neto, Rui Altenburg que recebeu em 2019 o prêmio da Ordem do Mérito Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a maior e mais importante honraria da indústria nacional, concedida a nomes de destaque no segmento nacional.

Os princípios de governança orientam as relações entre família, acionistas e gestores. O processo de sucessão vem acontecendo naturalmente e já alcança a quarta geração, enquanto auditorias externas realizadas anualmente em todo o grupo contribuem para a qualidade da gestão e sua longevidade.

A empresa é reconhecida como uma das principais indústrias têxteis do país, contando com duas unidades em Blumenau e outras três nos estados de Sergipe e São Paulo e no Paraguai, além da *trading* na Ásia, que fortalece a prospecção por parceiros



O presidente Rui Altenburg e o vice Ilton Tarnovski comemoram o sucesso da empresa líder nacional no segmento, com uma ampla e diversificada linha de travesseiros.



e produtos competitivos. Referência em cama e banho e líder nacional em travesseiros, a Altenburg segue tecendo sua trajetória com o mesmo cuidado e comprometimento da época da sua fundação.

A companhia possui ampla e diversificada linha de travesseiros, com diferentes enchimentos que se adaptam à anatomia do corpo e proporcionam sono reparador. Cada produto é desenvolvido com cuidado especial, criando coleções que oferecem uma experiência única de beleza, conforto e qualidade.

A Altenburg investe em medidas e processos sustentáveis, com políticas

ambientais que preveem reaproveitamento dos resíduos da produção e refletem o cuidado e a preocupação com o bem-estar do planeta. A Ecofiber é uma das marcas da empresa que mostra essa preocupação com a sustentabilidade. É a unidade de negócio dedicada a produzir isolamento termoacústico para os segmentos de construção civil e indústria moveleira, com soluções reutilizáveis, recicláveis, não alérgicas e produzidas por meio de processos sustentáveis.

Além dos clientes multimarcas, que revendem os produtos em mais de 7 mil pontos de venda no país, a marca possui uma rede de lojas em Santa Catarina e em São Paulo com itens

de cama, banho, mesa e decoração. É pela Altenburg Store que a empresa se aproxima ainda mais do seu consumidor final, para compreender e atender suas necessidades legítimas. Todos os produtos também estão disponíveis no *e-commerce*, que consolida o conceito *omnichannel*, com o propósito de criar uma experiência fluida e única para o consumidor.

SETOR: TÊXTIL

SEDE: BLUMENAU (SC)

FUNCIÓNÁRIOS: 1.700



## Incentivo à sustentabilidade local

**Com programas voltados para a educação, ArcelorMittal Vega investe na formação profissional de jovens moradores de São Francisco do Sul**

Unidade da maior fabricante de aço do mundo, a ArcelorMittal Vega, em São Francisco do Sul, atua na transformação de aços planos decapados, laminados a frio e revestidos para atendimento dos setores automobilístico, de eletrodomésticos e da construção civil. Em seu condomínio industrial atuam cerca de 1,2 mil empregados diretos e terceiros, gerando renda e desenvolvimento social para a região norte do estado.

Inicialmente com menos de 10% de mão de obra de São Francisco do Sul contratada, Vega chegou aos 66% em 2019. Esse aumento significativo no decorrer dos 16 anos de operação é resultado da implantação de programas sociais como o Educação e Empregabilidade, que compreende, entre outras oportunidades profissionais, iniciativas para a sustentabilidade téc-



*Empresa emprega 66% de mão de obra local e impulsiona o desenvolvimento social na região norte de Santa Catarina.*

nica do negócio. O programa foi um dos vencedores do 11º Prêmio Ser Humano SC, da Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH/SC).

Em 2018, em parceria com o SENAI/SC, a ArcelorMittal Vega lançou o Curso Técnico de Eletromecânica, com a inclusão de conteúdo voltado para os procedimentos de produção de aço. A qualificação profissional é direcionada exclusivamente a jovens moradores de São Francisco do Sul, e os melhores desempenhos em aula são encaminhados para estágio na unidade.

No programa Jovem Aprendiz, que já capacitou mais de 120 jovens, a ArcelorMittal Vega também privilegia talentos de São Francisco do Sul. A experiência adquirida no dia a dia da empresa e nas qualificações oferecidas contribui para formar profissionais, dando oportunidade a esses jovens de se lançar no mercado de forma competitiva para atender não só às demandas de Vega como de outras indústrias da região, promovendo a sustentabilidade do município.



## FIESC e BRDE. Desde sempre ligados e trabalhando pelo desenvolvimento de Santa Catarina.

Parabéns FIESC.  
Trabalhando juntos,  
BRDE e FIESC fazem  
a economia de Santa Catarina  
mais forte e os catarinenses  
cada dia mais ligados  
a um futuro melhor.

BRDE. O Banco que liga você ao desenvolvimento.

# CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO



Investimento da Arteris amplia capacidade logística e melhora a mobilidade dos catarinenses.



**Pioneira no ramo de concessões de rodovias no estado, a Arteris atua para proporcionar rodovias seguras, com capacidade logística, serviço aos motoristas e consciência no trânsito**

**A ARTERIS** é uma das maiores empresas de concessões de rodovias do país, com cerca de 3.400 quilômetros em operação, e presença nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina. No estado catarinense, são mais de 550 quilômetros administrados pela Arteris Litoral Sul e Planalto Sul.

Nesse período, a companhia já viabilizou R\$ 4,3 bilhões em investimentos no estado, transformando para melhor a infraestrutura de ligação rodoviária entre Paraná e Santa Catarina. São melhorias que trazem maior competitividade à Santa Catarina, facilitando a logística de distribuição da produção industrial e a busca pelas atrações turísticas.

Estamos trabalhando também na construção de uma das maiores obras rodoviárias em andamento no país, coordenada pela Litoral Sul: o Contorno Rodoviário de Florianópolis, com mais de R\$ 1 bilhão já investido e cerca de 1.500 trabalhadores.

Seja na pista ou do alto de nossas câmeras, estamos 24 horas monitorando as condições de tráfego para proporcionar a todos uma viagem segura e tranquila. Afinal, já são 2 milhões de atendimentos prestados, com suporte emergencial e resgate médico, remoção veicular e inspeção nas rodovias.

Acreditamos também na educação e na conscientização e fazemos delas a

nossa esperança. Já atendemos cerca 30 mil alunos e professores, através do Projeto Escola, promovendo crianças a terem um futuro mais seguro no trânsito, além de conscientizar milhares de motoristas com programas voltados à direção segura, à saúde e ao bem-estar.

SETOR: CONCESSÃO DE RODOVIAS

SEDE: SÃO PAULO (SP)

FUNCIONÁRIOS: 4.402



A Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina parabeniza a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina pelos seus 70 anos de atuação.



# COMPROMISSO EM SER FONTE DE SAÚDE



Indústria produz mais de 300 produtos que abastecem cerca de 70 mil farmácias do Brasil.

**Alegria, humildade e honra são os valores que norteiam os 75 anos do Catarinense Pharma. Uma história construída com responsabilidade, inovação e foco em proporcionar bem-estar e qualidade para a vida das pessoas**

**O PROPÓSITO** de ser fonte de saúde que vem da essência e o desenvolvimento de produtos inovadores e de qualidade indiscutível fez o Catarinense Pharma chegar aos seus 75 anos. Sediada em Joinville/SC, a indústria farmacêutica possui um portfólio com mais de 300 produtos, incluindo medicamentos oficinais, fitoterápicos e suplementos alimentares. Entre eles estão Melagrião, Sadol e Camomila, produtos que são tradição e fazem parte do dia a dia das famílias brasileiras.

O desejo de empreender transformou-se em um legado que

permeia a quarta geração familiar nos negócios. Adriano e Alexandre Bornschein cresceram frequentando a empresa, e hoje os irmãos estão à frente de uma das maiores indústrias farmacêuticas do país. A gestão combina a experiência passada de geração para geração e o conhecimento das tendências de mercado, que permite traçar projetos ousados e inovadores.

Com foco na qualidade indiscutível de seus produtos, o Catarinense Pharma ultrapassou mais de sete décadas e se solidificou no mercado. Com um parque fabril de



aproximadamente 10 mil m<sup>2</sup>, a empresa atende todas as normas de Boas Práticas de Fabricação, e seus produtos estão presentes em mais de 70 mil farmácias em todas as regiões do Brasil. Além disso, o Catarinense Pharma conta com a dedicação e a experiência de profissionais altamente qualificados e investe fortemente em pesquisas e no desenvolvimento de produtos e processos inovadores.

Nos últimos três anos, o Catarinense Pharma obteve um crescimento considerável. De acordo com Rivaél Hermel dos Santos, vice-presidente, o fato está relacionado à entrega do melhor produto, com

a melhor tecnologia. Um exemplo é o Ômega 3, da linha Catarinense Nutrição, que possui a melhor matéria-prima e é líder de mercado, assim como o Melagrião Xarope, xarope fitoterápico mais vendido do Brasil, e o Figatil, que também está entre os mais vendidos. Além disso, o Catarinense Pharma é líder em vendas de encapsulados e o terceiro maior no país no fornecimento de polivitamínicos.

Devido à relação humanizada, de confiança e respeito mútuos, além de respeitada, a empresa é querida pelos seus consumidores e colaboradores. O zelo e o cuidado são praticados no dia a dia do Catarinense



Pharma, que acredita que investir nas pessoas gera valor que passa pela cadeia produtiva e se reflete na qualidade dos seus produtos, contribuindo para a disseminação do seu propósito de ser fonte de saúde e proporcionar mais qualidade de vida a todos.

SETOR: INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

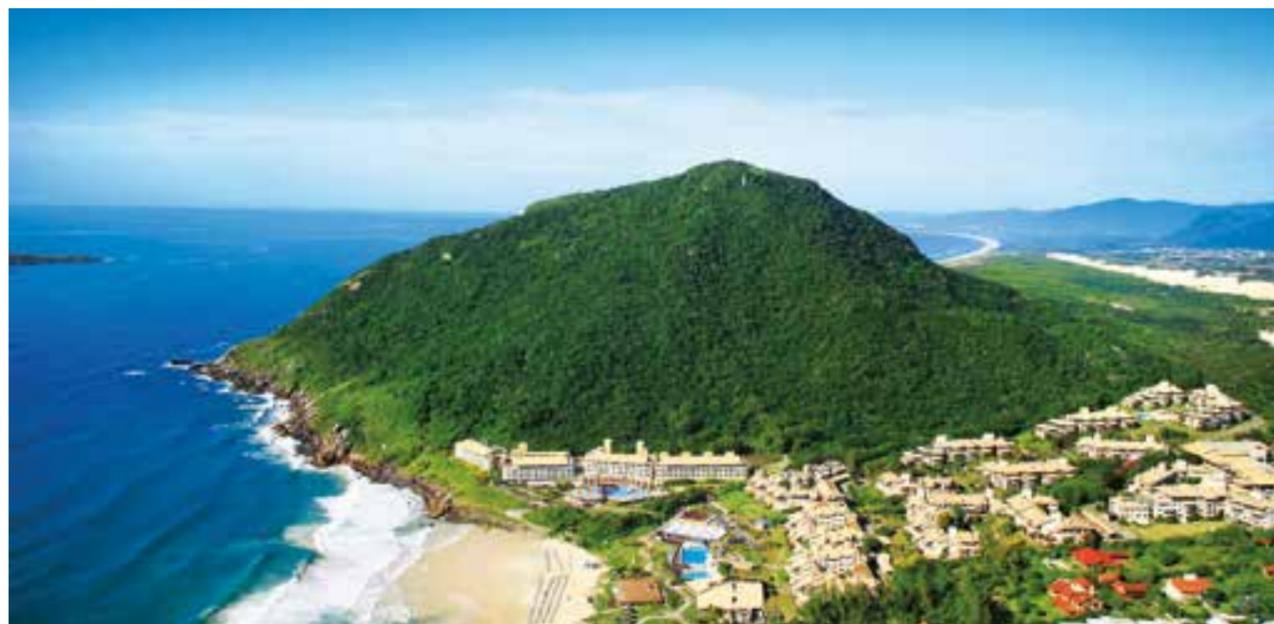
SEDE: JOINVILLE (SC)

FUNCIONÁRIOS: 300

AO PERSISTIREM OS SINTOMAS O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.

**Ômega 1000 3mg. M.S. 4.0909.0015.001-4. Este não é um alimento baixo ou reduzido em gorduras saturadas. Alto teor de ácidos graxos ômega 3.** Pessoas que apresentem doenças ou alterações fisiológicas, mulheres grávidas ou amamentando (nutrizes) deverão consultar o médico antes de usar o produto. **ALÉRGICOS: CONTÉM DERIVADOS DE PEIXE. PODE CONTER DERIVADOS DE AMENDOIM E SOJA. NÃO CONTÉM GLÚTEN.** **Figatil® M.S. 1.0066.0019.009-3 (Sol. Oral - Flaconete) DCB:** Peumus boldus Molina e Cynara scolymus L. **Contraindicações:** Não deve ser usado por pacientes com hipersensibilidade conhecida aos componentes da fórmula. Não deve ser usado por mulheres grávidas, visto que este poderá provocar contrações uterinas e acelerar o parto. Também não deve ser usado durante a amamentação devido à falta de estudos disponíveis. Os princípios ativos amargos podem passar pelo leite materno. É contraindicado nos seguintes casos: obstrução do ducto biliar, colangite (inflamação das vias biliares); câncer no ducto biliar, câncer de fígado ou câncer pancreático; doenças hepáticas severas, como hepatite vírica, hepatite tóxica ou cirrose; cálculos biliares; icterícia proveniente de anemia hemolítica e outras causadas por hiperbilirrubinemia não conjugadas; inflamação séptica da vesícula biliar. **O medicamento deve ser evitado por crianças menores de 12 anos.** **Melagrião® M.S. 1.0066.0055.001-4 DCB:** Mikania glomerata Spreng, Cephaelis ipecacuanha (Brot.) A. Rich, Polygala senega L. **Contraindicações:** Melagrião® Xarope não deve ser usado por pacientes com hipersensibilidade conhecida aos componentes da fórmula. Não se recomenda o uso do Melagrião® Xarope em casos de inflamação do estômago, úlceras gástricas e intestinais e na doença renal inflamatória. Também não se recomenda seu uso em pacientes com deficiência da atividade da tireoide, com problemas cardíacos e com pressão sanguínea muito baixa. **Não recomendamos o uso de Melagrião® Xarope durante a gravidez e a lactação, e também não por diabéticos devido à presença de açúcar na sua formulação. Este medicamento é contraindicado para menores de 2 anos.** **Sadol® M.S. 1.0066.0052.004-2 DCB:** Sacarato de óxido férrico. **Contraindicações:** Não deve ser utilizado por pacientes com hipersensibilidade conhecida à droga ou a seus componentes. **Não há contraindicação relativa à faixa etária. Estes medicamentos são contraindicados para uso por diabéticos. Estes medicamentos são contraindicados para uso por mulheres grávidas sem orientação médica ou do cirurgião-dentista [Categoria C].** Fonte: Closeup Retail Market 04/2020.

# PARAÍSO TURÍSTICO



Empreendimento conta com 250 mil m<sup>2</sup> de área construída e 440 mil m<sup>2</sup> de área preservada.

## Resort harmoniza conservação com turismo sustentável de padrão internacional e recebe 200 mil visitantes por ano

O **Costão do Santinho Resort** assume em sua Estratégia Organizacional a posição de articulação de esforços direcionados a integrar soluções aos problemas econômicos, sociais e ambientais enfrentados no mundo. A sustentabilidade é o tema central, baseada em novos conceitos e virtudes no meio organizacional, criando alternativas de gestão operacional, de modo a incentivar o crescimento econômico e a competitividade, garantindo a proteção do meio ambiente e valorizando o impacto social de sua atividade. Localizado na Praia do Santinho, no litoral norte da Ilha de SC, o resort

é um empreendimento turístico completo de padrão internacional e pioneiro no Sul do país a integrar o turismo com a natureza, a cultura e a comunidade local. Oferece uma variedade de atividades o ano inteiro, com recreação para todas as idades, shows nacionais, restaurantes com gastronomia internacional, conjunto de piscinas aquecidas e um dos melhores spas do Brasil. As ações ambientais do resort já são conhecidas, baseadas no conceito de sustentabilidade, e envolvem uma grande mudança caracterizada pelo respeito à natureza de acordo com os modelos econômicos, tecnológi-

cos e regulatórios estabelecidos no combate às mudanças climáticas, em sintonia com o Pacto Global e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

### RPPN: CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

A conservação da biodiversidade aplica-se nas mudanças globais (composição da atmosfera e das águas, extinção de espécies, sustentabilidade do ambiente humano...). A criação da Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN Morro das Aranhas foi uma eficiente estratégia para a conservação da fauna, da flora e dos recursos naturais nela existente, desempenhando um papel muito importante na manutenção desses recursos, no bem-estar e na saúde humana. A área da RPPN compreende boa parte da encosta



Visitantes desfrutam caminhadas ecológicas na RPPN Morro das Aranhas e podem apreciar os Museus Arqueológicos ao Ar Livre.



rochosa do morro e das dunas fixas que se estendem pela planície costeira, ambos ecossistemas de grande valor do bioma Mata Atlântica. Nessa reserva convivem muitas espécies de animais e vegetais protegidas (raras e ameaçadas de extinção) que garantem a riqueza desse ambiente natural para a conservação da biodiversidade do planeta e para permitir o acesso da sociedade aos benefícios dela, através do turismo, da pesquisa, do uso sustentável de recursos naturais e, sobretudo, dos serviços ecossistêmicos que a reserva presta para a região.

### PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO PRESERVADO

Os sítios arqueológicos no Costão do Santinho vêm interagindo com diversas áreas do conhecimento que buscam de um modo geral acompanhar as mudanças sociais sem perder o valor do passado e facilitam a criação dos espaços culturais. Na

atualidade, representam espaços de grande valor histórico e artístico para o mundo todo, propiciando através das ações de educação, visitação, exposição e interpretação novos caminhos à sociedade, como espaços únicos e privilegiados no país. Esses sítios arqueológicos são evidências muito antigas, que abrigam um grande número de oficinas líticas, inscrições e monumentos rupestres, datados há cerca de 5.000 anos. Ainda permitem a qualquer indivíduo a oportunidade de adquirir conhecimentos básicos sobre aspectos históricos da região e, assim, obter condições para a compreensão de todo o sistema cultural circundante. Estima-se que um grande público (250 mil pessoas) visite esses espaços anualmente.

A sua ampla gestão ambiental abrange outras iniciativas, como plantio de mudas de árvores nativas; sistema

de tratamento de efluentes de última geração com reúso de 100% da água tratada, programa de gerenciamento de resíduos, palestras de sustentabilidade, atividades de educação ambiental com as instituições de ensino, estrutura e suporte para a pesca artesanal voltada para colônia de pescadores da comunidade local. Assim, essas iniciativas fazem do Costão do Santinho uma verdadeira referência mundial em turismo sustentável e ecológico.

SETOR: HOTELARIA /  
EVENTOS

SEDE: FLORIANÓPOLIS (SC)

FUNCIONÁRIOS: 800

# ENERGIA QUE FORTALECE A INDÚSTRIA E O AMBIENTE



Usina de Cogeração de Lages está apta a negociar créditos de carbono oriundos do reaproveitamento dos resíduos da indústria madeireira.



## Maior geradora privada do Brasil, ENGIE disponibiliza soluções sustentáveis que colaboram com a competitividade do setor industrial catarinense

**PRESENTE NO BRASIL** há mais de 20 anos, a ENGIE lidera a geração de energia elétrica no país e oferece serviços e soluções inovadoras aos seus clientes, em especial para a indústria catarinense. Trata-se da maior produtora privada de energia elétrica do Brasil, com 61 usinas que representam mais de 6% da capacidade instalada do país. A empresa possui quase 90% de sua capacidade de geração proveniente de fontes renováveis e com baixas emissões de gases de efeito estufa, como usinas hidrelétricas, eólicas, solares e biomassa.

Comprometida com a mitigação e a adaptação às mudanças climáticas

e com o desenvolvimento sustentável, a ENGIE desenvolve ativamente iniciativas alinhadas com os pilares estratégicos do Grupo de Descarbonização, Descentralização e Digitalização, bem como com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Nesse contexto, a ENGIE oferece soluções para a descarbonização de seus clientes, como Créditos de Carbono, contratos de energia renovável (ENGIE-REC) e Certificados de Energia Renovável (I-REC). Esses produtos permitem que as empresas possam zerar, neutralizar ou até mes-

mo compensar suas emissões de gases de efeito estufa, estimulando o desenvolvimento sustentável. Em relação aos créditos de carbono, por exemplo, em Santa Catarina a Usina de Cogeração de Lages, que utiliza resíduos da indústria madeireira para gerar energia, está registrada no Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL) estabelecido pela ONU no Protocolo de Kyoto. Por meio da usina, a ENGIE oferece venda de crédito de carbono para zerar as emissões das empresas parceiras.

Mais informações em:  
[minhaenergiarenovavel.com.br](http://minhaenergiarenovavel.com.br)

SETOR: ENERGIA

SEDE: FLORIANÓPOLIS (SC)

FUNCIÓNÁRIOS: 2.300  
(NO BRASIL)

## BERNECK

### A natureza está em nossa essência.

Assim como o crescimento de uma árvore, nossa trajetória foi construída com a força que vem da terra. Com quase 70 anos de história, a essência do nosso trabalho é assegurar a sustentabilidade ambiental e a valorização do capital humano, deixando um legado de excelência em tudo o que fazemos.

Com foco em soluções inovadoras, o sucesso da BERNECK® é fruto de muita dedicação e do investimento em tecnologia e em pessoas. Preservamos o meio ambiente com muito zelo e seguimos cuidando de nossas raízes, porque é delas que vem a força para crescer.

#### BERNECK®. A marca da madeira.

 **7 milhões** de árvores plantadas anualmente

 **64.500** hectares plantados

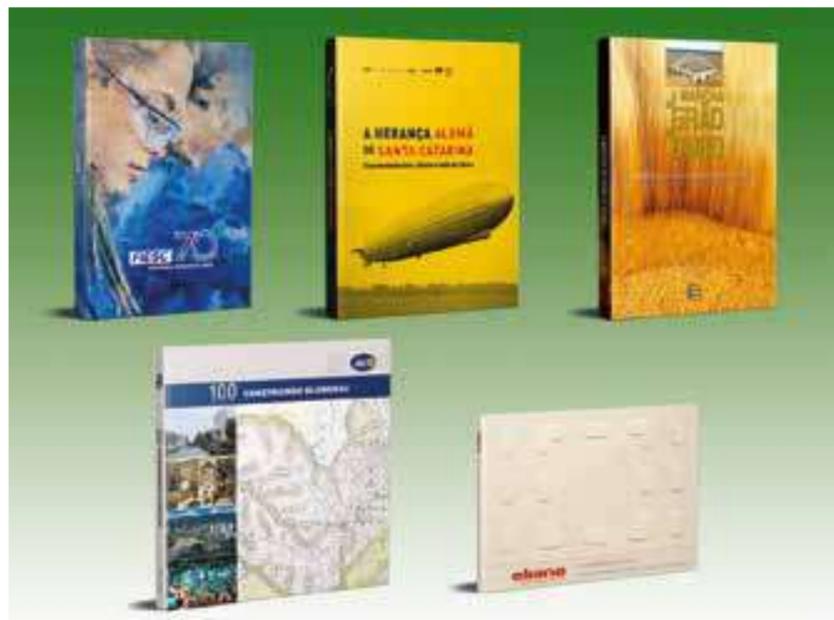
 **125 mil** hectares de terras para o cultivo florestal

 CAPACIDADE DE PRODUÇÃO **+ 2.400.000** m<sup>3</sup>/ano de painéis e madeira serrada

COLABORADOR: Valdir Schön  
SETOR: Serrados  
UNIDADE: Araucária



# UMA EDITORA A SERVIÇO DA INDÚSTRIA CATARINENSE



Obras históricas e comemorativas para clientes de peso retratam a trajetória da Expressão, que criou e mantém o mais importante prêmio ambiental do país.



**COM SEDE** em Florianópolis e 30 anos de história, a Expressão é uma das mais conceituadas editoras do Sul do Brasil. Especializada na produção de livros históricos, que apresentam sofisticado acabamento gráfico, com atendimento em especial para a indústria catarinense.

É responsável pela produção desta obra histórica, que narra os 70 anos da Federação das Indústrias de Santa Catarina e fatos marcantes da entidade, além do histórico e da evolução da indústria catarinense nas últimas sete décadas. Trata-se da quarta edição desse projeto produzido pela Expressão, que também elaborou os livros dos

50, 60 e 65 anos da FIESC, sempre em parceria com a entidade.

Em seu portfólio, a editora coleciona clientes de peso do segmento industrial, já tendo realizado publicações históricas como:

- 100 anos da ACIB
- 40 anos do BRDE
- 30 anos da FACISC
- 120 anos da Cia. Hering
- 50 anos da Cerâmica Eliane
- 60 anos da OCESC – A história do cooperativismo catarinense
- 100 anos da soja no Brasil
- 190 anos da colonização alemã em Santa Catarina

A editora também criou em 1993, e mantém até hoje, o Prêmio Expressão de Ecologia, premiação ambiental com maior longevidade ininterrupta no Brasil.

Referência no tema da sustentabilidade, a Expressão publica semanalmente, desde 2013, uma *newsletter* com notícias socioambientais.

Mais informações sobre portfólio, serviços e equipe podem ser encontradas no site:

**editoraexpressao.com**



## Observar, respeitar e conservar.

A preservação da biodiversidade e do meio ambiente são alicerces fundamentais na construção da história da Klabin. Há mais de 50 anos presente no estado de Santa Catarina, a Companhia prioriza o desenvolvimento sustentável de suas operações, valorizando a responsabilidade socioambiental.

**Contribuir para o crescimento do estado é motivo de orgulho para nós. Parabéns, FIESC, pelos 70 anos de existência!**



www.klabin.com.br

Foto do Complexo Serra da Farofa, em Santa Catarina, uma Reserva Particular do Patrimônio Natural Estadual mantida pela Klabin.

# PAIXÃO PELO QUE FAZ



Com 3,6 milhões de m<sup>2</sup>, sede da Irmãos Fischer S/A desenvolve diversas atividades industriais, que culminaram em 2017 com a Medalha da Ordem do Mérito Industrial concedida pela Confederação Nacional da Indústria - CNI ao presidente Ingo Fischer.



**Comandada por Ingo Fischer, a empresa diversificou seus negócios: de uma oficina de conserto de bicicletas para uma das maiores indústrias da cidade**

**SEDE** da Irmãos Fischer S/A, a cidade de Brusque, no Vale Europeu, conta com uma população de cerca de 130 mil habitantes e é a segunda melhor cidade para se viver em Santa Catarina. A religião, a arquitetura, a gastronomia e as festividades reúnem as influências dos imigrantes italianos, poloneses e, principalmente, alemães oriundos do sul da Alemanha. A cidade foi batizada de Brusque em homenagem a Francisco Carlos de Araújo Brusque, presidente da antiga província de Santa Catarina e, por causa

do grande número de empresas têxteis, ficou conhecida como Cidade dos Tecidos, mas abriga hoje um dos mais importantes polos da indústria metalomecânica do estado.

A Fischer é uma empresa de âmbito nacional, com projeção em outros países, que nasceu de uma



Modernas instalações da empresa, onde são produzidas linhas de produtos, como fogões de piso, cooktops, fornos elétricos, equipamentos para construção civil e sistema construtivo.



Fischer, solução completa para o seu ambiente.

SETORES: ELETRODOMÉSTICOS, EQUIPAMENTOS PARA CONSTRUÇÃO CIVIL E SISTEMA CONSTRUTIVO

SEDE: BRUSQUE (SC)

FUNCIÓNÁRIOS: 750

modesta oficina de conserto de bicicletas, aberta por Ingo Fischer em 1961, em instalações alugadas na cidade.

Com dedicação e trabalho, a história da Fischer se fez a passos largos. Em 1966 os irmãos Ingo e Nivert Fischer fundaram oficialmente a empresa que recebeu posteriormente o nome de Irmãos Fischer S/A Indústria e Comércio. A empresa tinha como objetivo efetuar consertos de eletrodomésticos e fabricar pias de aço inox. Logo os outros irmãos, Egon, Edemar e Norival, ingressaram na sociedade somando forças aos idealizadores.

Nessa época, a região apresentava grande desenvolvimento no setor pesqueiro, e a Fischer ingressou na fabricação de máquinas especiais para a indústria pesqueira, o que resultou em forte crescimento. A história da Fischer é marcada pelo trabalho árduo, pelo dinamismo, pela visão e pela constante pesquisa para aperfeiçoamento e desenvolvimento de novos produtos. Com apenas seis anos de existência, a empresa sediada em Brusque tornava-se Sociedade Anônima, já então em prédio industrial próprio.

Após investimentos em sua expansão, feitos em 1996, a empresa ocupa

atualmente um novo e moderno complexo industrial. A Fischer reúne 150 mil m<sup>2</sup> de parque fabril onde produz todos os produtos dos segmentos em que atua. São diversas instalações inteiramente modernizadas, com investimentos em tecnologia, processos industriais e logística para garantir a máxima qualidade e eficiência em todos os produtos.

Com mais de 50 anos de história e credibilidade, a Fischer tem constante zelo com a qualidade de seus produtos, o que lhe permite conquistar o mercado como fabricante de produtos com alta tecnologia, desempenho, sofisticação e durabilidade.

# TECNOLOGIA PARA MERCADO GLOBAL



Laboratório-fábrica em Indústria 4.0, focado na manufatura discreta de produtos na era da transformação digital.

**Especializada no desenvolvimento de projetos de inovação tecnológica e na promoção da inovação, a CERTI atua em conjunto com a indústria brasileira para promover a competitividade de diversos setores**

**HÁ 35 ANOS** voltada para a inovação tecnológica e o empreendedorismo, a Fundação CERTI tem se destacado por sua atuação em transformação digital em diversos segmentos, particularmente no desenvolvimento e na aplicação de soluções da Indústria 4.0 para oferecer mais eficiência e competitividade aos seus clientes.

A Fundação CERTI aplica técnicas para a otimização de processos industriais utilizando metodologias e ferramentas de desenvolvimento e simulação de processos. A equipe de engenharia analisa integralmente as

inúmeras possibilidades de reconfiguração de processos e implantação de melhorias, com foco em indicadores de produtividade, confiabilidade e redução de custos.

Por meio de competências em sistemas inteligentes e sistemas embarcados, processos produtivos, mecatrônica, IoT, inteligência artificial e transformação digital, a instituição tem capacidade de desenvolver produtos e soluções de Indústria 4.0. Combinando esses conhecimentos com infraestrutura de laboratórios especializados, a CERTI atua em projetos multidis-



ciplinares desde a fase da análise de mercado, passando por estudos de viabilidade técnica e econômica, concepção e desenvolvimento de protótipos, produtos de *software* e *hardware* e do processo produtivo. Além dessas etapas, ainda realiza testes de verificação para entregar ao cliente o produto pronto para ser certificado e inserido no mercado.



Pela sua experiência em projetos de transformação digital diretamente com empresas, desde 2014 a CERTI é unidade credenciada EMBRAPPII para Sistemas Inteligentes, podendo subvencionar até 1/3 do valor de desenvolvimento do projeto, o que ainda pode ser combinado com incentivos da Lei de Informática e da Lei do Bem. A CERTI opera também com recursos da FINEP, do BNDES, da ANP, da ANEEL e do Rota 2030.



Desenvolvimento de projetos de inovação em diversos setores, como inteligência para diagnóstico remoto de exames de tomografia, mobilidade elétrica no projeto Eletroposto Celesc e placa eletrônica de IoT.

Além de desenvolver produtos e soluções de Indústria 4.0 e transformação digital, a CERTI atua em metrologia e instrumentação, empreendedorismo, inovação corporativa, sistemas de energia e economia verde. Em 2019, em parceria com a TIM e a Huawei, fez a primeira ativação da tecnologia 5G no Brasil. A instituição executa mais de 100 projetos anuais e, junto com seus serviços tec-

nológicos, atende mais de 700 empresas brasileiras e de atuação global, tendo já conquistado clientes, como WEG, Whirlpool, Celesc, Engie, Intelbras, Siemens, Philips, BRF, Samsung, Lenovo, LG, Qualirede, Softplan e Renner, e firmado importantes parcerias com universidades e instituições, como BRDE, Fraunhofer (Alemanha), MIT (EUA), Stanford University (EUA), Binghamton University (EUA) e Universidade de Dresden (Alemanha).

SETOR: CIÊNCIA, TECNOLOGIA & INOVAÇÃO

SEDE: FLORIANÓPOLIS (SC)

FUNCIÓNÁRIOS: 250

# A GENTE VESTE A VIDA!



A Cia. Hering possui 761 lojas no Brasil e no exterior. A matriz da empresa em Blumenau mantém um jardim suspenso projetado por Burle Marx.



**O nosso propósito é vestir a vida das pessoas que fazem parte da nossa rede, através das relações que construímos a cada dia, com o consumidor no centro das nossas decisões**

**SOMOS** uma organização multi-marca, presente na vida dos brasileiros há 139 anos. Ao longo dessa história, tecida com autenticidade e ousadia para se reinventar, construímos relações duradouras com nossos parceiros e um modelo de negócio único.

Da indústria ao varejo, somos a maior rede de franquias de vestuário do Brasil. Conectamos empreendedores que geram valor e levam nossas marcas Hering, Hering Kids, PUC e DZARM até milhares de consumidores no Brasil e na América Latina.

Nossas marcas estão preparadas para atender consumidores cada vez mais conectados e empoderados. Através de lojas físicas próprias e franquias, varejo multimarca e e-commerce, permitimos uma experiência personalizada, consistente e integrada com a nossa estratégia de omnichannel.

A satisfação de quem veste nossas marcas, o desenvolvimento de fornecedores, franqueados, representantes e clientes do varejo multimarcas, além do orgulho dos colaboradores em fazer parte desta rede, são resultados que valorizamos e celebramos.

Em todas essas relações, acreditamos que a postura ética, os valores e a transparência devem prevalecer. Buscamos estimular a adoção de boas práticas de gestão, fortalecendo a geração de valor e compartilhando o crescimento sustentável dos nossos negócios.

SETOR: TÊXTIL

SEDE: BLUMENAU (SC)

FUNCIONÁRIOS: 6.319

**FOMENTAR O DESENVOLVIMENTO DE SANTA CATARINA É A NOSSA MISSÃO!**

**A INDÚSTRIA CATARINENSE É PARCEIRA NESSE PROPÓSITO.**

**PARABÉNS,  
FIESC,  
PELOS  
70 ANOS!**  
**BADESC**



# DE TIMBÓ PARA O MUNDO



Sede da METISA está instalada em uma área de 240 mil m<sup>2</sup>.

**Com experiência de mais de 75 anos, a METISA, empresa 100% brasileira, está sempre atenta e buscando atender às reais necessidades de cada cliente e em cada segmento de mercado em que atua**

O **CONSTANTE** aperfeiçoamento e a inovação, conjugados com as mais modernas tecnologias disponíveis, colocaram a companhia em posição de destaque nos mercados de lâminas para corte de pedras ornamentais, ferramentas agrícolas, ferramentas de penetração de solo, acessórios ferroviários, peças para implementos rodoviários, ferramentas manuais, entre outros produtos. A empresa possui domínio tecnológico na utilização de aços microligados ao boro, ao manganês e ao cromo, entre outros, que pro-

porcionam aumento considerável da vida útil do produto em uso.

No agronegócio, por exemplo, a METISA comercializa o que há de mais avançado e tecnológico em ferramentas agrícolas, pois está presente em quase todos os eventos do setor, aqui no Brasil e no mundo, acompanhando todas as tendências e apurando, diretamente com os profissionais que lidam no dia a dia do campo, quais as suas necessidades. A empresa é hoje a maior fabricante brasileira de discos agrí-



Com linha de produção logisticamente integrada, a METISA atua dentro dos padrões internacionais de qualidade.



colas e contribui ativamente para a expansão do setor.

A METISA investe progressivamente em recursos humanos, tecnologias de processos e métodos modernos de administração. Mantém uma área de pesquisa e desenvolvimento para a obtenção dos melhores processos de tratamentos térmicos de materiais e para os trabalhos de usinagem e conformação das peças. O desenvolvimento dos produtos é realizado por meio de engenharia e tem parceria com os seus principais clientes, entre os quais algumas das maiores companhias do mundo nos setores de equipamentos agrícolas, terraplenagem, ferroviário e rodoviário.

A linha de produção da METISA é logisticamente integrada, tanto aos principais fornecedores de aço quanto aos clientes, o que coloca a empresa na condição de elo de importantes cadeias produtivas globais. Os padrões internacionais de qualidade são garantidos por um laboratório metalúrgico próprio,

que dispõe de equipamentos para análises físicas e químicas. As propriedades mecânicas dos produtos são avaliadas em diversas fases do processo de fabricação. A METISA possui um sistema de gestão da qualidade certificado pelas normas da ISO 9001/2015. Possui várias ações na área de sustentabilidade. A água circula na indústria em processo de circuito fechado e os resíduos sólidos são reciclados a partir de um sistema de coleta seletiva. A empresa está instalada em uma área de 240 mil m<sup>2</sup>, monitora regularmente a qualidade das águas do lençol freático nas cercanias da fábrica e mantém um cinturão verde às margens do Rio Benedito Novo, em Timbó, onde é sediada.

Com uma gestão profissionalizada e capital aberto, com ações negociadas em bolsa de valores, a METISA possui uma capacidade de produção anual de 80 mil toneladas de aço e exporta parte dessa produção para mais de 45 países, consolidando-se como uma das mais importantes laminadoras brasileiras.



**37.250 m<sup>2</sup>**  
DE ÁREA CONSTRUÍDA

PRODUTOS EXPORTADOS  
PARA MAIS DE

**45** PAÍSES

CAPACIDADE DE  
PRODUÇÃO ANUAL  
DE CERCA DE

**80 mil**  
TONELADAS DE AÇO

SETOR: METALURGIA

SEDE: TIMBÓ (SC)

FUNCIONÁRIOS: 1.100

# O PORTO QUE TRANSFORMOU NAVEGANTES



Porto de Navegantes concilia uma eficiente e moderna produção com o desenvolvimento de relevantes projetos socioambientais.

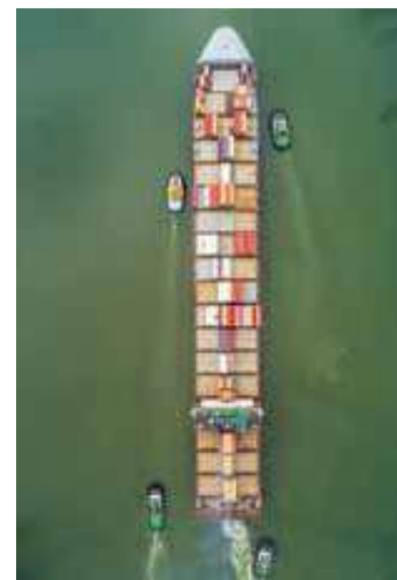
**Portonave foi o primeiro terminal privado de contêineres do Brasil e coloca Santa Catarina em posição de destaque internacional quando o assunto é gestão portuária eficiente e sustentável**

A **PORTONAVE** apresenta ao mundo um conceito diferenciado de terminal portuário desde que iniciou suas operações em 2007, no município de Navegantes, como primeiro terminal privado de contêineres do país. É reconhecida por aliar aspectos como eficiência e alta produtividade a uma gestão sustentável do negócio e da relação com a comunidade, evidenciando Santa Catarina como lugar de destaque para os grandes *players* do comércio internacional.

Entre os reconhecimentos do mercado, destaca-se o título de Operador Portuário do Ano, concedido

pelo jornal britânico *Lloyd's List* em 2013, e a nomeação por nove vezes como Empresa Cidadã pela Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVMB/SC). Projetos ambientais, como a troca da matriz energética dos guindastes de pátio do diesel para energia limpa, renderam três vezes os prêmios Fritz Müller e Expressão de Ecologia à Portonave.

Figura entre as 500 maiores empresas do Sul do país, segundo o ranking da revista *Amanhã*, e está entre os 20 maiores portos da América Latina, segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o



Líder do mercado catarinense, terminal investe constantemente em benefícios e treinamentos para os seus funcionários.

Caribe (Cepal). É líder de mercado em Santa Catarina desde 2009.

Investimentos em desenvolvimento profissional, melhoria de processos e segurança do trabalho ajudam a manter os indicadores de produtividade em padrões internacionais. Atualmente, cada guindaste de pórtico opera com uma média de 38 movimentos por hora. O tempo médio de permanência de um caminhão na Portonave é de 20 minutos, entre carregamento e descarga. Todos os contêineres são entregues e retirados em horários agendados via Portal do Cliente.

Para manter os padrões de qualidade e eficiência pelos quais é re-

conhecida, a Portonave conta com um sistema de gestão integrado responsável por garantir que todos os processos da empresa estejam em conformidade com os compromissos voluntários assumidos, por meio da certificação em normas internacionais de gestão ambiental, gestão da qualidade, segurança portuária e gestão de saúde e segurança ocupacional.

O valor econômico distribuído pela companhia também dá pistas sobre a sustentabilidade do modelo de negócio: 14% da receita bruta são investidos em salários e benefícios para os funcionários, o que inclui o subsídio educação, por meio do qual a empresa custeia metade das men-

salidades em curso superior, pós-graduação e idiomas. Outros 27% do seu faturamento são revertidos em pagamentos ao governo. Sozinha, a empresa é responsável por 45% da arrecadação em ISS de Navegantes, município que apresenta evolução constante nos indicadores socioeconômicos desde que iniciaram as operações da Portonave.

SETOR: PORTUÁRIO

SEDE: NAVEGANTES (SC)

FUNÇÃOÁRIOS:  
CERCA DE 1 MIL

# SOLUÇÕES MINERAIS PRESENTES NA SUA VIDA

**Com uma trajetória de investimentos em pesquisa e desenvolvimento, a Rio Deserto inova, moderniza métodos e implanta novos processos**

**VALORIZAR** as pessoas, cuidar do meio ambiente, planejar o futuro e inovar em cada processo. Com esses princípios, a Rio Deserto tornou-se uma empresa com uma história de décadas, que hoje conta com mais de 600 colaboradores em 17 unidades (produtivas, administrativas e de pesquisa), presentes em nove municípios catarinenses.

Além do carvão mineral, utilizado principalmente na geração de energia elétrica, os negócios da Rio Deserto abrangem outros segmentos. Insumos cerâmicos, vidreiros e siderúrgicos são alguns deles. Tem também a parte de

filtrantes (utilizados para melhorar propriedades da água), florestamento (voltado ao florestamento e reflorestamento de eucaliptos na região sul de Santa Catarina) e agronegócio (com a marca Ragro, desenvolvendo produtos para o fortalecimento vegetal, a nutrição animal e a higiene pet).

Graças ao profissionalismo, ao compromisso com o meio ambiente e à busca por melhorias, a Rio Deserto é a primeira carbonífera do sul do estado com certificação nas três normas de gestão: ISO 9001, ISO 14001 e OHSAS 18001. A Ragro Nutrição Animal também é certificada na norma holandesa GMP+B2, que representa o selo de garantia de qualidade no cenário internacional de indústrias fornecedoras de ingredientes para alimentação animal.

Sustentabilidade é a palavra que bem define a trajetória da Rio Deserto. É por isso que a empresa se reinventa continuamente, está sempre à frente do tempo, evolui.



*Minerador contínuo, equipamento utilizado na extração de carvão pela Rio Deserto, pioneira na utilização dessa tecnologia no sul de SC.*



*Laboratório próprio realiza análises químicas e físico-químicas em geral, com ênfase na pesquisa, no desenvolvimento e na inovação.*



*O Projeto Felinos do Aguaí, apoiado pela Rio Deserto, é voltado à proteção de felinos silvestres.*



*De 2010 a 2019, já foram recuperados mais de 3 milhões de m<sup>2</sup> de áreas degradadas, inclusive em territórios que não integram o passivo ambiental da Rio Deserto.*

SETOR: MINERAÇÃO

SEDE: CRICIÚMA (SC)

FUNCIONÁRIOS: 617



ESTAMOS AJUDANDO  
A CONSTRUIR UM

## MUNDO MELHOR.

Nossa relação com o meio ambiente é mais que natural, a Ciser protege uma área de mais de 9 mil hectares de Mata Atlântica onde se localizam as nascentes do rio Quiriri que fornece diariamente água para mais de 100 mil joinvilenses.

Preservar o meio ambiente é um compromisso da nossa Companhia com as próximas gerações e com o mundo em que vivemos.

Consumo consciente, respeito aos recursos naturais e preservação do meio ambiente.

CONHEÇA  
A CISER



# GÁS NATURAL PARA SANTA CATARINA!



Companhia investe na expansão e na democratização da oferta do gás natural para promover o desenvolvimento econômico sustentável do estado.

**Presente em 62 municípios catarinenses, com 1.150 km de rede de gás canalizado, a SCGÁS já investiu R\$ 1,2 bilhão em infraestrutura desde 1994**

O **GÁS NATURAL** é um energético com importante potencial de desenvolvimento econômico no mundo todo por seus atributos ambientais e geradores de eficiência. Ele pode ser utilizado em vários setores da economia global, desde processos industriais ao uso doméstico.

O serviço de distribuição de gás natural em Santa Catarina é operado pela Companhia de Gás de Santa Catarina (SCGÁS), que completa 25 anos de fundação em 2019. Ocupamos hoje a segunda posição

no ranking do número de municípios atendidos em comparação com as demais distribuidoras do país, atendendo mais de 14,5 mil clientes.

As indústrias (283 atendidas) consomem 80% do volume distribuído no estado, encontrando no energético significativa vantagem competitiva no mercado nacional. O segmento automotivo (130 postos de combustíveis) consome cerca de 17% – Santa Catarina tem a terceira maior frota do país com mais de 100 mil veículos rodando com GNV. Temos ainda 650 consumidores comerciais e outros 13.500 residenciais, proporcionando versatilidade e conforto à população.

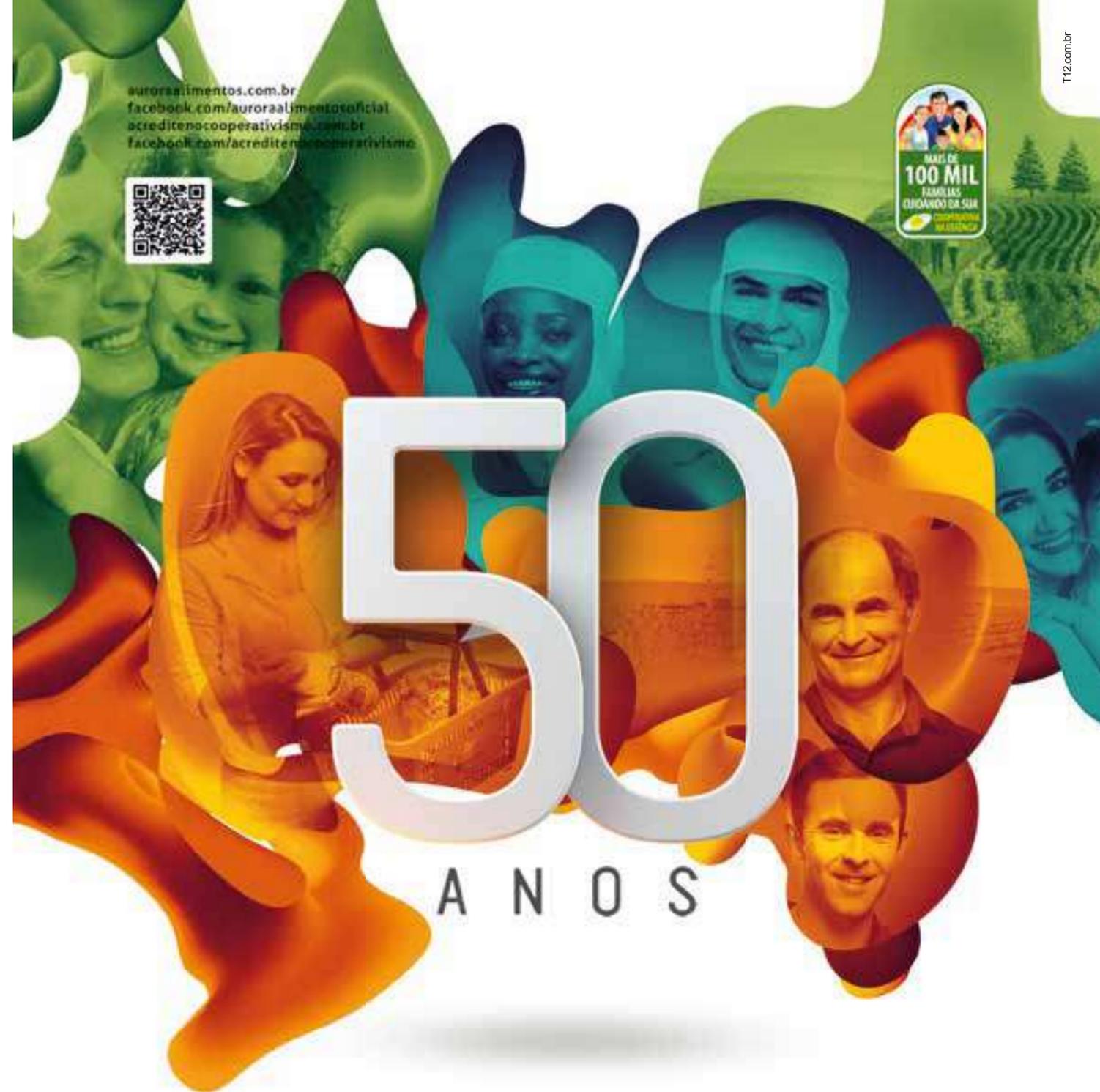
A democratização e a interiorização da oferta do gás natural, por meio de investimentos em infraestrutura de transporte e distribuição, é nossa principal missão para alavancar o desenvolvimento econômico e sustentável em todas as regiões de Santa Catarina.



SETOR: GÁS NATURAL

SEDE: FLORIANÓPOLIS (SC)

FUNCIONÁRIOS: 132



No ano em que a Cooperativa Central Aurora Alimentos comemora 50 anos de história, a FIESC, nossa grande parceira, também tem muitos motivos para celebrar. São 70 anos de uma grande trajetória, que também contribuiu para o desenvolvimento da nossa cooperativa.

Parabéns FIESC!



# NÓS MOVEMOS O MUNDO



Modernas instalações e equipamentos de ponta, preocupação com a preservação do meio ambiente e mão de obra altamente qualificada são características marcantes da Schulz.



## O compromisso com a sustentabilidade mantém a área de vegetação nativa preservada, além de um jardim botânico

A SCHULZ é a maior fundição com usinagem e pintura integradas do Brasil para conjuntos montados e pré-montados e o maior fabricante de compressores de ar da América Latina.

As soluções, oferecidas pelas unidades Automotiva e Compressores, movem o mundo e permitem o desenvolvimento da economia pelo avanço da infraestrutura urbana e do agronegócio em todo o planeta. A companhia assume o compromisso com o meio ambiente e a sociedade ao promover a geração de energia limpa e o acesso à água.

Somos, sobretudo, uma empresa genuinamente brasileira e catarinense. Fundada em Joinville, em 1963, hoje estamos em mais de 70 países, como uma empresa de classe mundial. Assim, projetamos a qualidade e os diferenciais de Santa Catarina para todo o planeta.

Buscamos a constante atualização dos nossos processos, baseados no conceito da indústria 4.0. Contamos com robotização, modelos matemáticos, simulação computacional e utilizamos soluções de BIG DATA. Todos esses investimentos são suportados tecnologicamente por parcerias com universidades e entidades acadêmicas e de pesquisa. O Schulz Lab, laboratório de inovação localizado no Ágora Tech Park, é um estímulo à criatividade.

Nosso moderno sistema de gestão, em constante evolução, impulsiona a mão de obra altamente qualificada. Todos os colaboradores são treinados em programas internos de desenvolvimento, como a nossa Escola de Capacitação. A iniciativa é própria e foi premiada nacionalmente pelo SESI, ao oferecer treinamento operacional contínuo.

SETOR: BENS DE CONSUMO

SEDE: JOINVILLE (SC)

FUNCIONÁRIOS: 3 MIL



SER IMPORTANTE PARA A INDÚSTRIA DE SANTA CATARINA É FUNDAMENTAL.

SER IMPORTANTE DENTRO DA SUA CASA É A NOSSA RAZÃO DE EXISTIR.

A qualidade dos produtos Döhler é resultado do nosso compromisso com você. Com mais de 135 anos de história e 3 mil colaboradores em um parque fabril de 200 mil m<sup>2</sup>, estamos entre as maiores indústrias catarinenses. São 12 mil produtos de cama, mesa, banho e decoração para deixar sua casa confortável e aconchegante.



Faz parte da sua vida



# SEBRAE/SC E FIESC FORTALECEM LAÇOS E PROJETAM DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL



Parceria de sucesso: o presidente da FIESC, Mário Aguiar (à esq.), confraterniza com Carlos Henrique Fonseca, presidente do Sebrae/SC.

## Parceiras na execução de dois projetos, as instituições investem num plano de ação conjunto com uso da inteligência artificial e apontam caminhos para o desenvolvimento empresarial e econômico catarinense

### OBSERVATÓRIO DE NEGÓCIOS

Em 2019, o Sebrae/SC firmou uma nova parceria com o IEL: o Observatório de Negócios, que tem como foco desenvolver suporte para atividades estratégicas de ações de mercado direcionadas aos pequenos negócios e permitir o desenvolvimento de um ambiente de monitoramento e estudos de cada um dos municípios brasileiros. O projeto vai

desenvolver um portfólio de produtos de inteligência, além de uma plataforma digital de âmbito municipal e abrangência nacional, que buscará o fornecimento de informações relevantes, oportunas e de valor agregado para a tomada de decisões dos gestores públicos.

O portfólio de produtos de inteligência terá inicialmente 18 painéis com a ferramenta Qlik Sense e um

estudo com foco na temática do mercado de educação e consultoria empresarial para subsidiar a tomada de decisão a partir das necessidades, previamente identificadas em conjunto com gestores e analistas do Sebrae/SC.

O conteúdo da plataforma será composto de informações que sintetizam várias bases de dados de estatísticas oficiais nacionais relacionadas ao grau de desenvolvimento socioeconômico do município. Os temas abordados envolvem aspectos demográficos, aspectos econômicos, aspectos sociais, finanças públicas, segmentos econômicos estratégicos e infraestrutura.



A plataforma permitirá a comparação de séries históricas, com o suporte de gráficos e tabelas e análises descritivas, comparando o município e sua região no estado, ou em âmbito nacional, apresentando assim sua evolução e sua representatividade nesses contextos.

### INTERNACIONALIZAÇÃO

O Sebrae/SC e a FIESC, em conjunto com entidades catarinenses, como ACATS, Acate, Facisc, Faesc, Fampesc, FCDL, Fecomércio e o Governo do Estado de Santa Cata-

rina, por meio da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável e da Secretaria Executiva de Assuntos Internacionais, estão traçando um plano de ação que busca desenvolver a competitividade e aumentar a corrente internacional das empresas catarinenses, sejam elas de exportação ou de importação. O objetivo é trabalhar a temática da internacionalização e oferecer capacitação, consultorias e qualificação para empresas e empresários, criando oportunidades para aumentar a competitividade nos mercados nacional e internacional.

Para isso, o programa busca levar aos micro e pequenos negócios um aumento na competitividade de forma direcionada aos mercados específicos. Dessa forma, as parcerias dão estrutura para que o programa apresente três verticais: Tecnologia, Indústria e Pequenos Negócios. A iniciativa vai dividir as empresas por grau de maturidade, por nicho e segmento, oferecendo ações customizadas para cada uma, além de indicar a estratégia ideal, direcionada para as carências que as empresas apresentam.

O trabalho será realizado a partir do diagnóstico do Teste de Maturidade, desenvolvido pela FIESC com apoio de especialistas da área. Após a aplicação do diagnóstico, as empresas vão receber um Plano de Ação customizado calçado em metas e diretrizes. Nessa etapa, o Sebrae/SC passará a atuar fortemente com consultorias, capacitações e o suporte do SebraeTec.

No total, o programa espera alcançar aproximadamente 6.000 empresas ao redor do estado, através de atendimento digital, por meio do [sebrae.sc.com.br/scmaisglobal](http://sebrae.sc.com.br/scmaisglobal), e com encontros, *workshops*, oficinas também a distância e EAD.

O programa também conta com apoio do Banco do Brasil, da UFSC e do BNDES, além de diversas empresas credenciadas ao Sebrae.

SETOR: SERVIÇOS

SEDE: FLORIANÓPOLIS (SC)

FUNCIÓNÁRIOS: 167

# GIGANTE DE AÇO



Vista aérea da Tuper, que conta com 120 mil m<sup>2</sup> de área industrial. Sob a liderança de Bollmann, a empresa tornou-se uma das maiores processadoras de aço do Brasil.

**Liderada pelo presidente Frank Bollmann há 49 anos, a Tuper é referência nacional na produção de aço**

**CONSOLIDADA** como uma das maiores processadoras de aço do Brasil, com capacidade produtiva de 826 mil toneladas por ano, a Tuper acompanha a evolução do mercado com amplas linhas de produtos. Seu moderno parque fabril e sua alta capacidade produtiva permitem que a Tuper acompanhe e atenda com excelência e qualidade os desafios do desenvolvimento sustentável, com inúmeras aplicações na indústria, na construção civil, nos setores de óleo e gás, automotivo, de agronegócio e no mercado de distribuição.

Em mais de 49 anos de atuação, a Tuper conta com três plantas industriais e mais de 20 Centros de Distribuição

localizados em pontos estratégicos do país. A empresa conta com um amplo portfólio de produtos, que contempla tubos de aço-carbono estruturais e industriais, tubos de condução preto galvanizados e pintados, eletrodutos, tubos para andaimes, tubos para caldeiras, condensadores e trocadores de calor, tubos trefilados, tubos API 5L e API 5CT, tubos para fundações, coberturas metálicas em aço, perfis estruturais, andaimes multidirecional e fachadeiro, escapamentos *aftermarket*, sistemas de exaustão para montadoras, além de peças e componentes automotivos.

A evolução da sua linha de produtos acompanha as tendências do mercado e atende às mais exigentes normas nacionais e internacionais. A Tuper tem compromisso com a qualidade em todas as fases do processo produtivo, incluindo rigorosas análises de propriedades mecânicas e químicas de matéria-prima, para garantir a entrega do produto na especificação exigida pelo cliente.



SETOR: METALURGIA

SEDE: SÃO BENTO DO SUL (SC)

FUNCIÓNÁRIOS: 1.823

Integrar negócios com modernidade, sustentabilidade e eficiência é o que nos faz ser o

# 3º MAIOR PORTO DO PAÍS

em movimentação de contêineres.



Capacidade para operar os maiores navios.



Referência em Atendimento ao Cliente pelo terceiro ano consecutivo.



Reconhecimentos nacionais e internacionais pelos programas socioambientais desenvolvidos pelo Terminal.

[www.portoitapoa.com](http://www.portoitapoa.com)



Moderno | Sustentável | Eficiente

## Diretoria e conselhos

Ao longo dos anos, a escolha para diretoria e conselhos sempre foi pensada com foco em inovação e em projetos que impulsionam o estado de Santa Catarina para o crescimento e o reconhecimento de todos.

Fortalecer e evoluir é necessário. Conheça nossa gestão de 2018 a 2021.

### Diretoria FIESC - Gestão 2018 a 2021

PRESIDENTE: Mario Cezar de Aguiar  
 1º VICE-PRESIDENTE: Gilberto Seleme  
 DIRETOR 1º SECRETÁRIO: Edvaldo Ângelo  
 DIRETOR 2º SECRETÁRIO: Ronaldo Baumgarten Junior  
 DIRETOR 1º TESOUREIRO: Alexandre D'Ávila da Cunha  
 DIRETORA 2ª TESOUREIRA: Rita Cassia Conti

#### Vice-presidentes para assuntos regionais

ALTO URUGUAI CATARINENSE: Álvaro Luis de Mendonça  
 ALTO VALE DO ITAJAÍ: André Armin Odebrecht  
 CENTRO-NORTE: Leonir Antônio Tesser  
 CENTRO-OESTE: Márcio Luís Dalla Lana  
 EXTREMO OESTE: Astor Kist  
 FOZ DO RIO ITAJAÍ: Maurício Cesar Pereira  
 LITORAL SUL: Alexsandro da Cruz Barbosa  
 NORTE-NORDESTE: Evair Oenning  
 OESTE: Waldemar Antônio Schmitz  
 PLANALTO NORTE: Arnaldo Huebl  
 SERRA CATARINENSE: Israel José Marcon  
 SUDESTE: José Fernando da Silva Rocha  
 SUL: Diomício Vidal  
 VALE DO ITAJAÍ: Ulrich Kuhn  
 VALE DO ITAJAÍ-MIRIM: Ingo Fischer  
 VALE DO ITAPOCU: Célio Bayer

#### Vice-presidentes para assuntos estratégicos

Lino Rohden  
 Mário Lanznaster  
 Ney Osvaldo Silva Filho  
 Rui Altenburg

### Diretores

Adalberto Roeder  
 Albano Schmidt  
 Alceu Lorenzon  
 Aldo Apolinário João  
 Carlos Júlio Haacke Júnior  
 César Pereira Döhler  
 Charles Alfredo Bretzke  
 Conrado Coelho Costa Filho  
 Egon Werner  
 Everaldo Canani Wiggers  
 Hilton Siqueira Leonetti  
 João Formento  
 José Sylvio Ghisi  
 Leonir João Pinheiro  
 Marco Antonio Corsini  
 Marcos Bellicanta  
 Marcus Schlösser  
 Mário Luís Nóri de Oliveira  
 Newton João Fabris  
 Olvacir José Bez Fontana  
 Pedro Leal da Silva Neto  
 Ramiro Cardoso  
 Vianeil Amilcare Zappellini  
 Volmir Antônio Meotti

### Conselho Fiscal

#### Efetivos

José Cesar Feldhaus  
 Otmar Josef Müller  
 Terencio Knabben Oenning

#### Suplentes

Amauri Eduardo Kollross  
 Edilson Zanatta  
 Renato Rossmark Schramm

#### Delegação junto à CNI

#### Efetivos

Glauco José Côte  
 Mario Cezar de Aguiar

#### Suplentes

Bárbara Paludo  
 Rogério Pedro Mendes

### Diretores executivos da FIESC e de suas entidades

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO CORPORATIVO E NEGÓCIOS: Alfredo Piotrovski  
 DIRETOR INSTITUCIONAL E JURÍDICO: Carlos José Kurtz  
 DIRETOR REGIONAL DO SENAI & DIRETOR DE EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: Fabrizio Machado Pereira  
 SUPERINTENDENTE DO IEL/SC & DIRETOR DE INOVAÇÃO E COMPETITIVIDADE: José Eduardo Azevedo Fiates  
 CHEFE DO GABINETE DA PRESIDÊNCIA DA FIESC: Maria Teresa Bustamante  
 DIRETOR REGIONAL DO SESI: Mario Cezar de Aguiar

## Bibliografia

**Fiesc 50 anos:** uma história voltada para a industrialização catarinense. Florianópolis: Editora Expressão, 2000.

**Fiesc 60 anos:** a força da indústria catarinense. Florianópolis: Editora Expressão, 2010.

**Fiesc 65 anos:** o passo à frente da indústria catarinense. Florianópolis: Editora Expressão, 2015.

**Pioneiros catarinenses:** a saga dos construtores de impérios industriais. Revista Expressão. 24. ed. Florianópolis: Editora Expressão, 1992.

BOSSLE, Ondina Pereira. **História da industrialização catarinense.** Florianópolis: CNI/ FIESC, 1988.

**Acib 100 anos:** construindo Blumenau. Florianópolis: Editora Expressão, 2001.

LUCCAS, Jaime; SOUZA, Paulo Henrique de (coord. ed. e textos). **Quatro décadas que mudaram a economia do Sul.** Florianópolis: Editora Expressão, 2006.

BRANDÃO, Vladimir. **Caminhos do Sul.** Florianópolis: Editora Expressão, 2013.

**A herança alemã de Santa Catarina:** empreendedorismo, ciência e visão do futuro. Florianópolis: Editora Expressão, 2018.

PEREIRA, Fabrizio Machado. **Educação SESI SENAI 20/30.** Florianópolis: FIESC, 2019.

**FIESC 2019-2024:** mapa estratégico. Florianópolis: FIESC, 2019.

**Relatório anual 2019 da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina.** Florianópolis: FIESC, 2019.

**Comportamentos direcionadores de cultura:** guia prático profissionais FIESC. Florianópolis: FIESC, 2020.

## Iconografia

**Acervo Centro de Memória Aury Luiz Bodanese:** página 83 – **Acervo Centro de Memória Ingo Hering:** páginas 35, 46 e 94 – **Acervo FIESC:** páginas 42, 44/45, 47, 48, 50, 51 (acima/abaixo), 54, 59, 60, 61 (abaixo), 62, 63 (acima/abaixo), 66 (acima/abaixo), 67, 68/69, 70, 72 (acima), 73, 75 (abaixo), 78 (acima/abaixo), 79, 85 (acima/abaixo), 88 (acima/ao meio), 89, 97 (à esquerda/à direita), 100 (à esquerda/à direita), 101 (acima/à direita/abaixo) e 108 – **Arquivo ACIB:** páginas 82 e 86/87 – **Arquivo CNI / Renato Franco:** página 102 – **Arquivo Histórico de Joinville:** páginas 32 e 33 – **Arquivo Histórico Sadia:** página 39 – **Arquivo Rio Deserto:** página 49 (abaixo) – **Arquivo SENAI:** páginas 76/77, 80/81, 103, 104/105, 111 (acima) e 121 (acima) – **Arquivo Tigre:** página 72 (abaixo) – **Claro Jansson / Acervo Museu do Contestado:** páginas 28/29 – **Edson Junkes:** página 88 (abaixo) – **Eduardo Marques / Tempo Editorial / Arquivo FIESC:** páginas 109 (acima), 113 (abaixo) e 114 (acima) – **Filipe Scotti / FIESC:** páginas 119, 123, 126, 128 (abaixo), 134/135, 136 e 140 – **Marcelo Miyashita:** página 118 (acima) – **Markito / Arquivo FIESC:** páginas 122 (ao meio e abaixo) e 129 (abaixo) – **Nico Esteves / Tempo Editorial / Arquivo FIESC:** páginas 106 e 114 (abaixo) – **Pedro Américo (pintura):** página 31 – **Plínio Bordin / Arquivo FIESC:** páginas 98/99, 107 (abaixo), 121 (abaixo) e 124/125 – **Sergio Sona:** página 122 (acima) – **Shutterstock:** página 90 (à esquerda) – **Site institucional da Consul:** página 55 – **Demais fotos não creditadas:** Arquivo FIESC, Arquivo Expressão e divulgação das organizações supracitadas.

## Créditos

**DIRETOR EXECUTIVO**  
RODRIGO COUTINHO  
(48) 3018-2100  
expressao@expressao.com.br  
www.expressao.com.br

**EQUIPE TÉCNICA**

**EDIÇÃO DE TEXTOS**  
RODRIGO COUTINHO E LEANDRO GAUTERIO

**DIREÇÃO DE ARTE, PROJETO GRÁFICO E TRATAMENTO DE IMAGENS**  
JOÃO HENRIQUE MOÇO

**CAPA**  
JAISON HENICKA - GERÊNCIA DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL DA FIESC

**PRODUÇÃO DE TEXTOS**  
REGINA ECHEVERRIA E MÁRIO XAVIER (CAPÍTULO “UMA VISÃO DE FUTURO”)

**REVISÃO DE TEXTOS**  
DAISE RIBEIRO P. CARPES  
WALTER P. CARPES JR.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

F466 FIESC 70 anos: indústria, estado da arte / Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina – FIESC ; organizado por Rodrigo Coutinho. - Florianópolis, SC : Expressão, 2020. 184 p. ; 21cm x 29,5cm.

ISBN: 978-65-87095-00-4

1. Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina - FIESC. 2. Indústria – Santa Catarina – História. 3. Santa Catarina – Indústrias – Inovações tecnológicas. 4. Desenvolvimento sustentável - Desenvolvimento socioeconômico. 5. Fotografias. I. Coutinho, Rodrigo. II. Título.

2020-746 CDD 338.098164  
CDU 338.45(816.4)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410  
Índice para catálogo sistemático:  
1. Indústria : Brasil : Santa Catarina 338.098164  
2. Indústria : Brasil : Santa Catarina 338.45(816.4)



Consciente em relação aos aspectos ambientais e sociais, a FIESC utiliza para a impressão desta obra papéis que contam com a certificação FSC (Forest Stewardship Council). Essa certificação assegura que uma matéria-prima florestal provenha de um manejo social, ambiental e economicamente adequado.

Impressão Gráfica Coan  
Certificada na Cadeia de Custódia FSC  
www.coan.com.br



0800 48 1212     [fiesc.com.br](http://fiesc.com.br)

Rodovia Admar Gonzaga, 2.765  
Itacorubi - 88034-001 - Florianópolis-SC





INDÚSTRIA FORTE É DESENVOLVIMENTO

ISBN: 978-65-87095-00-4



9 786587 095004